

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA PROGRAMA DE MESTRADO  
PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**LISANDRO WALCZAK**

**KARL MARX, ALIENAÇÃO E LIVRO DIDÁTICO**

**UNIÃO DA VITÓRIA - PR  
2019**

**LISANDRO WALCZAK**

**KARL MARX, ALIENAÇÃO E LIVRO DIDÁTICO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo da Universidade Estadual do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof.Dr. Thiago David Stadler.

**UNIÃO DA VITÓRIA - PR**  
**2019**

W156  
2019

Walczak, Lisandro

Karl Marx, alienação e livro didático / Lisandro Walczak ;  
orientador: Doutor Thiago David Stadler. – 2019.  
137 f. il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade  
Estadual do Paraná, 2019.

Bibliografia: f. 120-124

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Alienação. 3. Educação. 4. Livro  
didático. I. Stadler, Thiago David. II. Universidade Estadual do  
Paraná. Programa de Mestrado Profissional em Filosofia. III. Título.

CDD 100

Elaboração: Bibliotecária Josiane Liebl Miranda (CRB-14: 1023)

## CÓPIA DA ATA DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



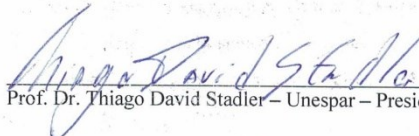
### Ata da defesa de dissertação de mestrado

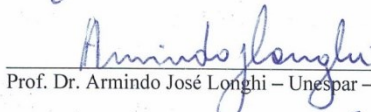
Aos 29 dias do mês de abril do ano de 2019, às 09h:00min nas dependências da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Thiago David Stadler (Orientador), Antônio Charles Santiago e Armindo José Longhi, a fim de argüirem o(a) mestrando(a) Lisandro Walczak sobre a apresentação da dissertação intitulada: "Karl Marx, alienação e livro didático". A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa:

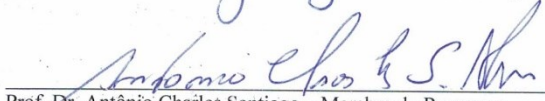
Aprovado. ( ) Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 11h04 dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. O(a) candidato(a) está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

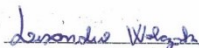
#### Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Thiago David Stadler – Unespar – Presidente e orientador

  
Prof. Dr. Armindo José Longhi – Unespar – Membro do Programa

  
Prof. Dr. Antônio Charles Santiago – Membro do Programa

Candidato (a):



União da Vitória, 29 de abril de 2019.

Universidade Estadual do Paraná  
R. Cel. Amazonas, S/n - Centro, União da Vitória - PR, 84600-185  
Telefone: (42) 3521-9100

*Ao amigo e irmão Rafael Adriano Chaikoski (In memoriam)*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos meus amados pais e amadas irmãs, Tadeu Walczak, Apolônia Bernadete Holik Walczak, Liseane Walczak Train e Liliane Walczak Litka.*

*Aos meus cunhados, Carlos Diego Train e Edinei Gilson Litka.*

*Aos meus amigos.*

*Ao meu orientador que serei sempre grato pelo apoio e incentivo em meus estudos, Prof. Dr. Thiago David Stadler.*

*Aos meus professores, do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Estadual do Paraná campus de União da Vitória.*

*Aos meus alunos, pela participação e contribuição na construção dessa dissertação.*

*E a sonoridade, de Led Zeppelin, Johnny Cash e Lynyrd Skynyrd, sempre presentes em meus estudos.*

*Que as classes dominantes tremam diante de uma  
revolução comunista! Nela os proletários nada têm a  
perder a não ser seus grilhões. Tem muito a ganhar.*

*PROLETÁRIO DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!*

(Karl Marx e Friedrich Engels. Manifesto Comunista)

## RESUMO

A desigualdade social e o abismo econômico entre as classes sociais se mostram em nosso tempo com uma condição de naturalidade. A falta de problematização sobre as injustiças sociais, o fortalecimento das transmissões de saberes que conduzem à aceitação do *status quo*, o conformismo, e a condição de submissão aos ideais do capitalismo ganha cada vez mais força. Nessa dissertação problematizaremos um dos meios pelos quais essa naturalização da desigualdade social pode ser transmitida. Esse meio é o da educação. Para isso recorreremos a Karl Marx para enfrentarmos a estrutura da educação de nosso tempo e a nossa atuação enquanto docente diante dos ideais trazidos pela ideologia do capitalismo. A aproximação de Marx para o contexto educacional se mostra como algo importante para a condução desse estudo, no qual se buscou ater-se aos critérios do PROF-FILO, em que a prática docente é colocada em estudo nas aulas de filosofia para que juntamente com o tema apresentado para a condução da reflexão, possamos repensar não somente nossa prática docente enquanto professores de filosofia, como também trazer para o estudo a investigação sobre o assunto selecionado. Assim, esse estudo percorre pela investigação e problematização do livro didático de filosofia “*Filosofando – Introdução à filosofia*”, como um instrumento didático-metodológico e como um produto comercializado entre o Estado e o interesse privado [editoras]. Assim, dois procedimentos foram colocados em prática na sala de aula: 1) em uma turma os estudos foram exclusivamente por via do livro didático; 2) noutra turma houve o apoio em textos marxianos e marxistas. A atenção do estudo fora dada ao conceito de alienação, em especial como ele se mostra no pensamento de Karl Marx, para que possamos analisar assim como ocorre o entendimento deste conceito de acordo com cada proposta de aula.

**Palavras-Chave:** Alienação; Educação; Livro didático; Karl Marx.

## ABSTRACT

Social inequality and the economic abyss between social classes are shown, nowadays, as a normal thing. The lack of problematization about social injustices, the strengthening of the transmissions of knowledge that lead to the acceptance of the status quo, conformism, and the condition of submission to the ideals of capitalism gains more and more force.. In this essay we are going to discourse one of the means by which this naturalization of social inequality can be transmitted. This means is the Education. To this end, we appeal to Karl Marx to confront the structure of education of our time and our role, while preceptor, in the face of the ideas brought by the ideology of capitalism. Marx's approach to the educational context is shown to be important for the conduct of this study, in which it was sought to conform to the criteria of PROF-FILO, in which teaching practice is put into study in philosophy classes so that, together with the theme presented for the conduct of reflection, we can rethink not only our teaching practice as philosophy teachers but also to bring to this survey the research on the selected subject. Thus, this study goes through the investigation and problematization of the didactic book of philosophy "Philosophizing - Introduction to philosophy", as a didactic-methodological instrument and as a product marketed between the State and private interest [publishers]. Thus, two procedures were put into practice in the classroom: 1) in one class the studies were exclusively through the textbook; 2) In another one there was support in Marxist and Marxist texts. The study's attention was given to the concept of alienation, especially as it is shown in Karl Marx's thought, so that we can analyze how the understanding of this concept occurs according to each lesson proposal.

**Keywords:** Alienation; Education; Textbook; Karl Marx.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
-------------------------	----

### **CAPÍTULO I – MARXISMO, EDUCAÇÃO E ALIENAÇÃO**

1	Karl Marx e a Educação: construindo uma relação.....	17
2	O livro didático: enquanto método pedagógico e enquanto mercadoria.....	28
3	Usos do conceito de alienação em nosso cotidiano midiático.....	38
	3.1. Alienação no esporte .....	40
	3.2. Alienação na religião .....	43
	3.3. Alienação na política.....	46
	3.4. Alienação e tecnologia.....	50
	3.5. Alienação e relações humanas .....	52
	3.6. Alienação e entretenimento .....	54
	3.7. Alienação e música.....	56
4	Reflexões sobre o conceito de alienação em Hegel .....	59
5	A crítica de Feuerbach a Hegel: contribuições a Karl Marx .....	70
6	Karl Marx e o conceito de alienação .....	80

### **CAPÍTULO II – A FILOSOFIA MARXISTA E A SALA DE AULA**

1	Desenvolvimento das atividades .....	92
2	Karl Marx, Alienação e livro didático .....	94
3	Algumas considerações sobre a experiência realizada .....	111

<b>CONCLUSÃO</b> .....	116
------------------------	-----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	120
--------------------------	-----

<b>APÊNDICES</b> .....	125
------------------------	-----

<b>ANEXOS</b> .....	133
---------------------	-----

## INTRODUÇÃO

É necessário refletir sobre o humano enquanto aquele que está na condição de um ser histórico. Isso significa refletir sobre o humano estando na condição de ser aquele que consegue assimilar para a sua formação individual os aspectos externos presentes ao meio no qual está inserido e, também, aspectos presentes na relação da coletividade. Consideremos que não se pode escolher de fato o meio no qual se irá nascer para iniciar o desenvolvimento e o aprimoramento humano, mas se pode pensar sobre a possibilidade de assimilação, adaptação ao meio no qual se está inserido ou, ao contrário, tentar criar possibilidades de transformar e quem sabe melhorar o meio vivido.

Este meio do qual falamos não é visto somente pelas características da territorialidade. Consideramos também as características formativas de uma sociedade no âmbito econômico [infra-estrutura], político, econômico, cultural, social, religioso, legal [super-estruturas]. Também as relações estabelecidas entre os indivíduos e as instituições e o conjunto de condições para a formação e o aprimoramento destas relações. É a partir destas relações que se torna possível constatar a tensão entre classes e a tensão das classes com as suas condições materiais. Tensão que impossibilita uma socialização entre classes. Assim, acercar-se do nosso atual meio social, da nossa própria condição material e histórica e de nossa socialização com o outro(s) é necessária.

Um dos motivos da dita socialização entre classes não ocorrer, é pela visível disparidade econômica. Enquanto muitos estão resignados em buscar somente meios de subsistência; outros seguem o que determina uma ideologia voltada ao capital e o seu acúmulo, intensificando o crescimento da desigualdade econômica e social. Diante dessa disparidade econômica surge a possibilidade de pensarmos algumas condições geradas por esse modo de produção capitalista. Condições que são determinantes sobre a realidade e a formação do indivíduo e que afetam diretamente a formação de sua consciência. Trazendo rapidamente algumas dessas condições criadas por essa sociedade que é pulsada pela busca do acúmulo do capital, citamos: a exploração do trabalhador, as desigualdades sociais, a impotência de alterar o quadro social, a exploração pelo salário, a dependência dos países periféricos frente aos países centrais, etc.

Atendo-nos a tais considerações, coube-nos nesta dissertação refletir diretamente sobre alguns destes temas tão presentes em nosso cotidiano, mas, ao mesmo tempo, tão pouco problematizados. Sem estas reflexões e intervenções práticas, como no caso do PROF-FILO, pode-se gestar um todo social incapaz de perceber a exploração cotidiana creditando as falências e abismos como um fato natural e normal, cabendo aos cidadãos somente a

conformação e adaptação aos moldes do sistema capitalista. As condições da manutenção do capital - exploração do trabalhador pelo trabalho assalariado; monopólio do lucro; falta de sociabilização dos meios de produção - fortalecem os ideais burgueses e fazem com que até mesmo a educação se torne um mero meio pela qual esses interesses são transmitidos.

Temos claro que a educação é um fator determinante para a formação do indivíduo. Desse modo, a filosofia enquanto conteúdo ou disciplina presente no campo educacional pode ser utilizada como um meio, como uma possibilidade de auxílio para que o cidadão perceba as condições materiais e intelectuais criadas sobre ele. Também pode contribuir para que este cidadão compreenda aquilo que se desenvolve em seu meio social como um conjunto de convenções criadas e não como algo natural. Vale ressaltar que a reflexão filosófica não garante nenhum êxito neste processo de formação do cidadão – alguns entraves podem surgir decorrentes de uma superficialidade com que se abordam determinados assuntos ou, até mesmo, como afirmam os marxistas de vertente psicanalista [o filósofo esloveno Slavoy Zizek, por exemplo], entraves que não são superados pelo prazer/gozo daquele que não quer mudar mesmo diante das condições materiais dadas.

Fato é que o momento político e social que vivenciamos, em especial no território brasileiro, nos impõe a necessidade de uma atenção especial na formação intelectual e política dos alunos já que o Estado cada vez menos parece suprir as necessidades básicas para a manutenção de uma vida digna da classe menos favorecida economicamente. Há, assim, a necessidade de assumirmos uma postura crítica perante este Estado e esta sociedade buscando auxiliar na formação de nossos alunos enquanto cidadãos brasileiros e partícipes deste histórico conflito entre Estado, os interesses do capital transnacional, a sociedade civil organizada a partir de interesses particulares e as classes de trabalhadores. Pensamos que esta postura da reflexão filosófica com os nossos alunos pode levá-los a enfrentar e a colocarem-se diante de seus próprios condicionantes econômicos, materiais, históricos, sociais e, com isso, gerar uma atitude ativa frente às desigualdades do cotidiano.

Esta postura que adotamos em sala de aula leva em consideração a clara percepção de que o modo como se conduz a educação de nossos alunos pode direcionar a fins específicos. Desse modo, certos estudos percorrem o caminho que estimula as defesas da lógica do sistema capitalista e dos três principais pilares que são encontrados nos países periféricos como o Brasil: o preconceito de classe, o preconceito de região e o preconceito de etnia/raça. O caminho por nós percorrido é pelo viés que formula questionamentos sobre o andamento do sistema do capital [seu apodrecimento que tem como efeito novas estruturas e não o seu fim] e sobre as condições por ele geradas e gravadas nos nossos alunos de escola pública brasileira.

Pensando por essa perspectiva, estamos cientes de que as bases educacionais e curriculares de nossas escolas são fundadas sobre os alicerces da ideologia capitalista - características de ideais burgueses. Esses princípios educacionais impõem em grande parte quais ensinamentos e saberes que serão transmitidos e estes são maquiados pelos discursos da busca da formação da autonomia e construção de igualdade entre os alunos, mas fomentam a ideologia capitalista – competições, hierarquias, fases, ordenamento, metas, etc. Não podemos nos furtar em afirmar que as nossas principais preocupações em torno desta transmissão de ideais burgueses nos princípios educacionais se dá pelo fato de dedicarmos nossa atenção aos alunos de escola pública. Acreditamos que para tais cidadãos a realidade social e as carências econômicas se tornam mais visíveis e são aspectos determinantes em sua formação, pois carregam nela as características advindas de sua realidade.

Sendo assim, para contribuir com o embate entre as realidades aqui apresentadas [do capital e do explorado] estruturamos nossos estudos a partir dos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels. Foi a partir deste campo teórico de discussões que propomos pensar a nossa educação e a nossa prática educacional enquanto professores de filosofia trazendo o próprio Marx para e reflexão acerca da educação. Se essa educação na qual estamos inseridos se funda ainda em princípios burgueses e aspira e transmite a necessidade da obtenção de capital como finalidade maior, o pensamento de Marx se mostra mais que apropriado para trabalharmos não somente a nossa educação e a nossa prática de ensino, mas do nosso meio social como um todo. Precisamos pensar a forma que nosso sistema educacional está sendo conduzido.

Para adentrarmos em tais assuntos, traremos para a reflexão de nossa dissertação, primeiramente, o Capítulo I, intitulado de *Marxismo, Educação e Alienação*. Da reflexão que advém dele percorreremos pela construção relacional entre Karl Marx e a educação para, assim, pensarmos a nossa educação e o nosso papel enquanto professor diante das imposições e reproduções que o modo de produção capitalista cria. Para a busca de compreensão sobre como o capital se relaciona de forma direta com a educação, com a formação dos sujeitos, e com a nossa prática docente traremos como ponto de discussão no Capítulo I um instrumento pedagógico que possui em si a qualidade de mercadoria e produto: o livro didático.

Compreendendo que o livro didático é uma ferramenta frequentemente utilizada por nós educadores, propomos refletir sobre a sua utilização em sala de aula neste campo dicotômico: o considerando enquanto uma mercadoria e como um instrumento didático-pedagógico. Permitindo assim a nós pensarmos: a educação, a nossa prática educacional e a nossa sociedade todos sob a dominação e a influência do capitalismo e a clara forma com que se dá a assimilação dos saberes de nossos alunos.

Essa dominação e influência da qual nos referimos foi pensada e problematizada a partir de um conceito de suma importância no pensamento de Marx: o conceito de Alienação. Desta forma, o conceito de alienação, primeiramente nesse capítulo I foi construído com o intuito de tocar no conceito de alienação a partir do aprofundamento filosófico. Assim, para esse aprofundamento filosófico acerca do conceito de alienação foi pertinente adentrar nas reflexões sobre tal conceito em Hegel [nele mesmo e no campo de influência de Marx]. Para tanto, trouxemos uma abordagem acerca dos conceitos de alienação (*Entausserung*) e do conceito de estranhamento (*Entfremdung*), ambos na forma que se mostram na filosofia hegeliana e como se relacionaram com a filosofia de Marx. Como algo decorrente desse aprofundamento filosófico acerca do conceito de alienação, a atenção se voltou à crítica de Feuerbach a Hegel e às contribuições para o pensamento de Karl Marx. Feuerbach proporcionou a Marx o pensar a alienação que partira, num primeiro momento, segundo Feuerbach, do campo espiritual-religioso, e do qual Marx levou ao aspecto material e econômico apresentando os primeiros indícios das reflexões que formariam parte do pensamento de seu pensamento a respeito do conceito de alienação.

E da mesma forma, a investigação acerca do conceito de alienação, percorrerá pelos usos do conceito de alienação em nosso cotidiano midiático, trazendo para a reflexão dados de uma rápida pesquisa on-line em veículos de mídia, para pensarmos a relação e associação entre: alienação no esporte; alienação na religião; alienação na política e alienação em outras áreas, como: as tecnologias, as relações humanas, o entretenimento e a música. Isso fora feito para que através desse conceito possamos, primeiramente, fazer uma breve reflexão sobre como ele é concebido e utilizado no campo de uso comum dos sujeitos de nosso tempo [internet].

Através da abordagem desse conceito em específico foi então possível adentrarmos no Capítulo II - *A filosofia marxista e a sala de aula* -, capítulo no qual descrevemos a forma que se deu a elaboração e a aplicação do projeto submetido ao programa PROF-FILO. Esse projeto e estudo foram desenvolvidos no município de Cruz Machado/Paraná com duas turmas do 2º Ano do Ensino Médio [2ºA – 2ºB], do colégio Estadual Barão do Cerro Azul no ano de 2017. Neste capítulo, apresentamos a organização do desenvolvimento de nossas atividades e os conteúdos que foram abordados em cada uma de nossas aulas. A partir da aplicação das aulas apresentamos o embasamento teórico-prático oriundo da aplicação e do desenvolvimento das aulas. De tal modo que esta parte de interação completa de nossa dissertação fora intitulada de Karl Marx, alienação e livro didático.

Para o andamento de nossas aulas foi preciso pensar a caracterização da sociedade de nosso tempo, considerando: 1) os princípios que são trazidos pelo capitalismo junto com a sua

influência na formação da consciência de nossos alunos; 2) como a educação se comporta perante essas influências; 3) como ocorre a utilização do livro didático em sala aula para pensarmos a sua utilidade e eficácia. A respeito desses apontamentos, apresentamos a filosofia como aquela que trará contribuições para formularmos nosso estudo, pois por ela acreditamos ser possível buscar o aprimoramento de nossa postura crítica frente a nossa sociedade.

Quando pensamos sobre esta postura crítica, acabamos refletindo acerca do que Marx nos traz em sua obra chamada *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Nesta, o autor apresentou a ideia de crítica no sentido de usar a filosofia como auxiliadora para tirar o homem de um estado de alienação. Segue-se que a elaboração de um pensamento filosófico em termos críticos poderia apoiar a construção da consciência do homem em relação à desigualdade e à divisão social:

[...] a crítica não é uma paixão da cabeça, mas a cabeça da paixão. Não é um bisturi, mas uma arma. Seu objeto é seu inimigo, que ela quer não refutar, mas destruir. Pois o espírito de tal situação já está refutado. Ela não constitui, em si e para si, um objeto memorável, mas sim uma existência tão desprezível como desprezada. A crítica para si não necessita de ulterior elucidação desse objeto, porque já o compreendeu. (MARX, 2010, p.147)

É a partir desta crítica-bisturi que a filosofia pode conduzir o aluno a pensar a formação das ideologias que estão presentes, tanto no campo educacional quanto na vivência de seu cotidiano. Assim, se trazermos a educação nessa perspectiva de criticidade consideramos que ela não somente educa no sentido de contribuir com a formação e aprimoramento humano, mas transmite juntamente com a filosofia ensinamentos e saberes de grande relevância para a formação sócio-educacional do aluno. O futuro da sociedade que está por vir é consequência direta das escolhas e gestões da sociedade que neste momento está atuando e se formando. O que é apresentado via educação pelas instituições escolares aos alunos atinge diretamente a formação e a construção dessa sociedade. Se essa educação corresponde e segue aos ideais do capitalismo, o que surge como problemática a considerarmos é *o que está se formando?* Em grande medida a resposta se dá de modo simples e perigoso: um acréscimo constante de uma educação que gera a disparidade econômica e social. Gera um acréscimo do abismo social e intensifica a tensão de classes que a cada dia aumenta e leva a problemas econômicos e sociais que afetam a relação dos cidadãos – o capital enquanto crise; o capital enquanto conflito; o capital enquanto supressão.

Pensar esse abismo social entre as classes sociais é um dos pontos que trabalhamos em nossa dissertação a partir do texto *Do socialismo Utópico ao Socialismo Científico* de Friedrich

Engels [autor e co-autor de diversas obras com Karl Marx]<sup>1</sup>. Essa obra de Engels oferece apoio para pensar a sociedade a partir da desigualdade de classes:

[...] ao lado do antagonismo entre a nobreza feudal e a burguesia, que se erigia em representante de todo o resto da sociedade, mantinha-se de pé o antagonismo geral entre exploradores e explorados, entre ricos gozadores e pobres que trabalhavam. E esse fato exatamente é o que permitia aos representantes da burguesia arrogar-se a representação, não de uma classe determinada, mas de toda a humanidade sofredora (ENGELS, 1999, p.58)

Com o que apresenta Engels, pensar a desigualdade social e a exploração da classe burguesa sobre o proletariado possibilita entender a atual sociedade a partir de uma análise dos aspectos falhos e significativos dos socialismos chamados utópicos, bem como, a partir da necessidade de inserção do socialismo como um estado de transição cientificamente posto. Com as propostas de Engels, é possível pensar a relação e a concepção do materialismo com a história e a sociedade, bem como, a noção de luta de classes e as necessidades das classes sociais quando se pensa em uma alteração e um repensar da sociedade.

Ao considerarmos estas questões até aqui pontuadas, apresentaremos por fim algumas considerações sobre a experiência realizada, pela qual pretendemos trazer contribuições para que o nosso aluno tenha a possibilidade de se colocar na posição de um ser histórico com reais chances de alterar e modificar a sua realidade e o seu meio de vida. Juntamente a isso, possamos formular uma reflexão de acréscimo a prática docente ao fazermos uma rápida comparação sobre a maneira que se deu a assimilação de saberes e conhecimentos através do livro didático e através dos aportes marxistas. Buscaremos a partir de nosso estudo, propor uma cautelosa intenção de como a filosofia pode levar o aluno e o docente a repensarem a sua situação enquanto um ser atuante na sociedade, salientando a importância de desenvolver as suas capacidades para alterar o meio em que vive.

---

<sup>1</sup>Do *socialismo utópico ao socialismo científico* é, na verdade, um recorte dos três primeiros livros da obra *Anti-Dühring* de Friedrich Engels publicado em 1878 contra o filósofo Eugen Dühring.

## PARTE I – MARXISMO, EDUCAÇÃO E ALIENAÇÃO

### 1 Karl Marx e a Educação: construindo uma relação.

Para estabelecermos uma relação entre o marxismo e a educação, julgamos coerente refletir sobre dois aspectos: 1) a educação enquanto um instrumento auxiliador na conscientização e formação da emancipação do sujeito perante a sociedade; 2) as aproximações entre tal educação e a filosofia de Karl Marx e Friedrich Engels. Esses aspectos buscam tocar a realidade vivenciada por nós professores e alunos com o anseio de clarear e, quiçá, propor caminhos para se trabalhar com esta relação tão atacada nos dias de hoje [marxismo e educação].

De forma direta, a nossa concepção acerca da educação é a de uma formação que busque questionar e problematizar a naturalização da exploração da força de trabalho pelo salário e do processo de alienação levado a cabo pelos ideais trazidos pelo capitalismo, que não permitem aos jovens das classes subalternas irem além da sobrevivência [formação em espaços precários; falta de atendimento aos direitos básicos; inserção social pelos mecanismos *baixos*]. Assim, buscamos [com os anseios do PROF-FILO] desenvolver uma reflexão política sobre a educação com os nossos alunos do Ensino Médio. Julgamos que uma concepção de educação, tal como a exposta por nós, deve ser trabalhada de modo constante na vida de todo cidadão - não somente em sala de aula. Só assim será possível que os nossos alunos possam, de modo ativo, colocarem-se diante de sua realidade e observarem o abismo econômico existente entre as classes sociais, a exploração do trabalho assalariado, a aparente impotência de alterar o quadro social desigual, a ausência na participação e na representação política, etc.

Temas e situações como as colocadas anteriormente nos indicam que a educação e a prática educacional devem incorporar para si uma prática transformadora. Pensando sobre essa prática da educação, vale considerar o que nos traz o artigo *A educação sob o ponto de vista socialista em Marx: desafios da universalização de um direito social cada vez mais convertido em mercadoria*, publicado pela revista eletrônica de Ciências da Educação da faculdade CNEC de Campo Largo, em 2016:

1º - Acabar com todas as relações de dominação e exploração instituídas pelo capitalismo na esfera da sociedade, fazendo com que cada indivíduo se conscientize da realidade social na qual está inserido;

2º - Lutar pela eliminação das desigualdades sociais e sobreposição de uma classe frente à outra;

3º - Por fim, trabalhar constantemente pela transformação da sociedade como um todo.

Fazendo uma breve alusão ao caso brasileiro, percebe-se que, os princípios de Marx são desconhecidos numa perspectiva governamental, uma vez que o modelo em voga é altamente excludente e segregatório às massas, e favorecedor dos mais abastados.

A educação possui forte influência na construção do cidadão, orienta a sua formação e o auxilia no desenvolvimento de sua consciência. Diante dessa forte influência, algo que deve ser considerado no meio educacional, é a busca de pensar e mostrar aos cidadãos como estão expostas as relações de dominação e exploração em sua realidade. Pois, vale ressaltar, que muitos não possuem uma consciência clara sobre a sua posição na realidade e, desta forma, deixam-se dominar por não entenderem a sua condição real. Assim, é imprescindível pensarmos que a educação pode contribuir para proporcionar ao sujeito o ato da escolha e do posicionamento frente às imposições existentes de uma classe sobre as outras. Caso isto ocorra, o sujeito poderá agir na transformação e na alteração de sua realidade material ou, se for a sua escolha, seguirá reproduzindo o que lhe é apresentado via ideologia capitalista. Sobre essa perspectiva, se torna possível notar que aquilo que é apresentado a partir do currículo e da prática educacional é determinante na construção deste sujeito que está se formando. Se por algum motivo certas questões não passarem pela estrutura escolar tem-se elevada as chances do cidadão acabar condicionado pela realidade do comodismo [umas das facetas do capital] e impedido de refletir sobre a sua própria realidade.

Para iniciar a fundamentação de nossa proposta de pensarmos a educação, sendo ela um instrumento auxiliador na conscientização e formação da emancipação do sujeito, julgamos importante trazer a presença da contribuição marxista na relação entre professor e aluno. João Carlos da Silva em seu artigo intitulado *Educação e Alienação em Marx: contribuições teórico-metodológicas para pensar a história da educação* indica que na prática educacional o aluno não toma contato com os saberes de modo isolado, mas acompanhado da presença e pela interação com o professor. Ambos estão inseridos em uma lógica que se constrói sob fortes características da ideologia burguesas. A partir do arsenal ideológico burguês levantado pela filosofia marxista, a própria relação entre o professor e o aluno se torna contraditória. Percebe-se esta contradição já na categoria do professor e na função dentro do sistema no qual está inserido:

O professor, um trabalhador comum, cujos produtos são, num sentido, seus alunos mas na situação em que trabalha, o que faz simplesmente afirma o caráter desses alunos como produtos capitalistas. As relações sociais do aluno e professor são, assim, correlacionadas internamente, havendo uma contradição inerente no caso, porque um professor não é apenas um produtor, mas também um empregado daqueles que desejam reproduzir a sociedade, isto é seu *status quo*. (SILVA, 2005, p. 105.)

Se assim for, a escola está longe de trazer ao aluno a tão necessária formação de humanização e emancipação da ideologia do capital. O professor dentro da lógica capitalista é o trabalhador que transforma o seu aluno em um produto. O professor se mostra como um empregado que produz e reproduz para a sociedade. Estando o professor inserido nesse sistema educacional que tende a servir e seguir os interesses dos seguimentos capitalistas, a filosofia de Marx e Engels proporciona ideias que contribuem para criticar as estruturas dessa educação e o que ela transmite. Educação essa que visa o aluno como um mero produto e o professor como um seguidor e reproduzidor do sistema capitalista.

Diante do que notamos sobre a educação, somos levados a pensar que ela segue aquilo que as condições históricas impõem. Assim, tanto a educação, como o aluno e o professor podem ser considerados instrumentos do sistema capitalista. Nesse sentido, o que se espera deles é o quanto conseguem se aproximar dos ideias impostos pela lógica do capital: a obtenção de lucros; o fortalecimento das desigualdades; o estímulo à exploração e a transformação do conhecimento em algo a ser vendido e comercializado:

Professores e alunos, no interior da ordem capitalista, são considerados em termos daquilo que podem produzir, e, portanto, as produções consideradas como valiosas são aquelas que podem ser avaliadas com facilidade. Muitos alunos sofrem as pressões das notas, pontos, exames, qualificações. O processo envolvido na atribuição de notas e avaliação influencia também os professores, afetando suas relações, a maneira pela qual lecionam e o próprio currículo. Os professores podem ser considerados ao mesmo tempo como trabalhadores e como mercadorias em produção. Dentro da escola, o aluno tem também um potencial de trabalho. Ao trocar o produto de seu trabalho por objetos na forma de pontos, notas, ou diplomas e certificados, podemos compará-los aos salários, ou recompensa. (SILVA, 2005, p.106)

Sobre essa análise, o estudo e a atividade do docente viram meras mercadorias; o incentivo para o aluno é o da obtenção de notas; o incentivo para o professor é o retorno econômico que terá ministrando suas aulas. Não se tem como meta fundamental a busca pela emancipação e pela construção de saberes para uma humanização, mas sim corresponder com a ideologia imposta pelo capitalismo. Claramente, estas perspectivas somente podem ser postas em marcha a partir de um aporte educacional marxista [alguns chamam pelo nome mais forte, um aporte revolucionário socialista].<sup>2</sup>

Sabe-se que Marx não chegou a dedicar uma atenção específica ao tema da educação ou, tão pouco, chegou a apresentar ideias acerca de uma *pedagogia socialista*, mas alguns de

---

<sup>2</sup> Na obra *Marxismo(s) & Educação* organizada por Anita Helena Schlesener, Gisele Masson, Maria José Dozza Subtil é exposto no prefácio, escrito por Marcos Del Rojo, contribuições a esse pensamento: “Com os limites possíveis há mesmo que se destacar a importância de publicações [...] que enfocam o problema da educação na perspectiva teórica do marxismo, ou seja, na perspectiva da revolução socialista, a única em condições de encaminhar soluções para a enorme crise por que passa a humanidade nessa fase de barbarização completa do capitalismo. (DEL ROJO, 2016, p.10)

seus escritos nos dão suporte para que pensemos a atuação da educação como forma de resistência às imposições do capital. Estamos cientes de que a nossa educação desde a criação dos estados modernos se construiu sob os princípios burgueses, mas essas características devem ser perpetuadas como fixas e imutáveis. É preciso pensar a educação analisando-a sobre a sua relação com a concepção materialista dialética da histórica e como forma de resistência a algumas imposições.

Para pensarmos acerca disto, recorremos ao que nos traz o artigo *A questão educacional em Marx: alguns apontamentos* de João Carlos da Silva. Nesse artigo conseguimos identificar algumas contribuições marxistas para a reflexão sobre a educação:

Marx procura demonstrar por razões teóricas e evidências empíricas que a escola contemporânea, enfatiza a perspectiva da ordem burguesa, servindo aos seus propósitos econômicos, políticos, ideológicos e culturais. A burguesia, ao instalar-se no poder, entre os séculos XVIII a XIX, serviu-se da educação, fundamentada em seu componente ideológico como instrumental para consolidar-se e manter-se no poder (SILVA, 2011, p. 73).

Se pensarmos sobre esta perspectiva de educação, conseguimos perceber que ela não somente está fundada nos alicerces burgueses, como também acaba difundindo toda uma ideologia da burguesia, tornando o espaço escolar um meio de reproduzir suas ideias e fortalecer a sua dominância na sociedade. Para se fazer isso, instaura na educação o direcionamento de ação e aprimoramento sobre o trabalho, pois pelo trabalho se construirá a alienação do sujeito mantendo toda a preocupação na realização do trabalho para a obtenção da simples sobrevivência ou aquisição de capital:

Para Marx, a alienação, em sendo resultado pela divisão do trabalho, explica quanto mais esta se desenvolve, maior é a tarefa especializada atribuída a cada indivíduo, maneira pela qual a crescente pressão para a especialização do saber. O indivíduo, na sociedade capitalista é levado a fazer do trabalho uma atividade vital, sendo o único objeto de sua vontade e consciência. O trabalho havia se tornado “a vida em si” e não “um meio para se viver. (SILVA, 2011, p.73)

Entender a ação do trabalho assalariado pelo viés do capitalismo não expõe o sujeito apenas à prática do trabalho para suprir necessidades de sobrevivência, mas o condiciona a realizá-lo como objetivo principal de sua vida [aquilo que caracteriza o sentido de sua existência]. Esse condicionamento que ocorre via o trabalho assalariado também pode ocorrer via educação já que ela incorpora em sua prática os saberes e os fatores sociais que compõem a sociedade como um todo. Os fatores externos e materiais acabam atingindo diretamente a prática educacional com as escolhas daquilo que será trabalhado com os cidadãos. Se a sociedade é impulsionada pela busca de capital e seu acúmulo, isso pode ser transmitido e

fortalecido via educação. Diante disso, vale considerar a necessidade de conscientizar o aluno sobre esta conduta que se apresenta de modo irrevogável e naturalizado.

A partir desta percepção da realidade que a cerca, caberá ao aluno construir o seu discernimento e ajuizar se seguirá o que a ideologia capitalista lhe impõe, ou se irá questioná-la. Para que o aluno possa ajuizar melhor sobre esta questão, cabe ao professor conduzir certas reflexões e provocações com o intuito de clarificar que a relação entre a educação e o trabalho se dará pela esfera da infraestrutura [a economia como determinante desta relação]. Se o que é colado na educação é apenas uma confirmação da dominância econômica a qual pertence à burguesia, caberia ao nosso aluno compreender tal situação a partir da dinâmica geral do modo de produção capitalista.

Para pensarmos sobre essa perspectiva da educação como afirmação da burguesia, vale recorrermos ao que Marx e Engels nos trazem n' *A Ideologia Alemã*, apresentando contribuições ao nosso texto com a seguinte passagem:

Os pensamentos da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes. As ideias que predominam, por outras palavras, a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potência espiritual dominante. Em consequência, a classe que dispõe dos meios da produção material, dispõe ao mesmo tempo dos meios da produção intelectual, de tal forma que lhe estão submetidos também os pensamentos daqueles que são desprovidos dos meios da produção intelectual. Os pensamentos dominantes não passam da expressão ideal das relações materiais dominantes: são essas relações materiais dominantes tomadas sob a forma de ideias. Por outras palavras, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, ou seja, as ideias da sua dominação. (MARX, ENGELS, 2002, p.48)

A educação não pode ser somente reprodução de conhecimento. Pode ser também uma maneira de possibilitar a transformação da realidade, alterá-la e melhorá-la. Nesse sentido a filosofia marxista destaca-se pelas considerações feitas sobre essa busca de transformação. Em Marx, é possível encontrar um suporte filosófico para percorrermos por questionamentos feitos o capitalismo sem ser preciso se curvar a ele e/ou reproduzi-lo:

Na visão de Marx, a educação oferecida pelo Estado Burguês-Capitalista e o currículo pedagógico no formato como é composto e lecionado, visa basicamente alienar o cidadão transformando-o em instrumento subalterno e submisso às vontades da classe dominante.

A verdadeira função política da escola socialista deve ser o de criar nas pessoas o espírito comunitário e de participação efetiva nos desígnios desta proporcionando o surgimento de um cidadão mais comprometido com a coletividade. (RECE, 2016, p. 02)

Infelizmente, ainda hoje, a educação e o currículo pedagógico ainda seguem a forma que reproduz as ideias burguesas exaltando a busca de acúmulo de capital e desconsiderando pensar sobre as questões acerca da coletividade [certas iniciativas de ONGs, mas que não

conseguiram entrar no âmbito escolar]. Se pensarmos esse processo de reprodução dos ideais burgueses em nosso tempo, fica visível o seu êxito [egoísmo, interesses individuais e o esquecimento da coletividade]. É possível notar sem grandes dificuldades o aumento das divisões entre as classes sociais, os grupos ideológicos, as categorias de trabalhadores. Em suma, se torna perceptível que não se pensa mais em buscar lutar por melhorias e alterações econômicas e sociais que vise o coletivo. O que se mostra é a dedicação em buscar aquilo que convém a cada grupo social, a cada grupo ideológico, a cada grupo de trabalhador em sua respectiva área de atuação [fragmentação absoluta dos anseios da comunidade]. É pelo motivo da educação ainda desenvolver um papel preponderante em nossa sociedade que vemos a necessidade de se pensar uma *educação socialista*.

O processo educacional não deve contribuir para a perpetuação das distinções de classes, ou a dominância de uma classe sobre a outra. Deve visar à formação integral do humano com foco para a supressão destas desigualdades. Mas, se o processo educacional, já possui em si as influências da burguesia, cabe, então, o desafio de questionar esse andamento da educação:

[...] educar é um desafio social onde repensar a possibilidade de reforma do sistema político e econômico atual que percebe a educação enquanto mercadoria, além de abrir espaço para a emancipação do proletariado, historicamente subjugado e explorado abre também espaço para uma nova percepção de mundo. A dialética marxista pode representar a materialização destes propósitos revelando aos educandos a necessidade da atividade racional e um sentido de responsabilidade social com fins de proporcionar uma existência mais equânime, arguindo contra a alienação e a desumanização (RECE, 2016, p. 03).

Para pensarmos as formas de materializar as possíveis contribuições marxistas na concepção de educação, recorreremos a Dermeval Saviani em seu artigo *Marxismo e Pedagogia*:

Parece, pois, ser possível, sem maiores dificuldades, concluir que a pedagogia socialista compatível com o marxismo será aquela que, fundando-se na perspectiva do “socialismo científico”, busque equacionar o problema da relação professor-aluno, orientando o modo como se deve realizar o processo de ensino e aprendizagem, com tudo o que essa ação implica e que deverá ser sistematizado na teoria pedagógica correspondente. (SAVIANI, 2011, p. 07)

O marxismo se torna a base para compreendermos a educação sobre o modo de produção capitalista. Assim, cabe a nós, neste momento, mesmo que de forma breve, apontar alguns fragmentos da filosofia de Marx que foram dedicados a pensar a educação de uma forma geral. Para tal apontamento, recorreremos ao texto de Saviani, no qual cita Manacorda, pensador que dedicou esforços para identificar em Marx os seus pensamentos a respeito da educação:

Quanto às passagens dos escritos de Marx referidas à educação, elas se encontram clara e didaticamente destacadas na obra de Manacorda, primeiro rastreando todos os textos na sua integralidade, o que resultou no livro *Il marxismo e l'educazione*, publicado em 1964. Depois, destacando os aspectos mais significativos, como podemos ver no livro *Marx e a pedagogia moderna*. Por meio de um cuidadoso estudo

filológico visando, como ele mesmo diz, “devolver a Marx o que é de Marx, a Lênin o que é de Lênin e aos outros o que é deles”. (SAVIANI p. 17, *apud* MANACORDA, 1991, p. 102).

Ao analisarmos os apontamentos de Manacorda, é possível encontrarmos algumas passagens na obra *O Manifesto Comunista* que tratam a questão do ensino: “10. Ensino público e gratuito a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material” (MARX & ENGELS, 2005, p.58). Nota-se que tais apontamentos citados por Marx fazem parte de algumas questões de suma importância para pensarmos a educação atual. Pensando primeiramente o contexto do próprio Marx, no qual se tinha uma perspectiva de educação popular e do trabalhador, e que os estudos em universidades eram de forma restrita, sendo possível somente para a burguesia, vale trazermos essa perspectiva com certos problemas do nosso atual contexto educacional: o direito de acesso e garantia de educação de qualidade para grande parte da população, inclusive a educação universitária [até nas localidades mais remotas a partir do ensino à distância]; a fiscalização necessária sobre a exploração do trabalho infantil; a relação de equilíbrio entre a educação escolar e a educação para o trabalho.

Ainda segundo Silva, Marx se manifestara pensando - mesmo que não diretamente - o conteúdo pedagógico de ensino. Esse conteúdo deveria ser inserido na educação para que assim se pudesse pensar, e quem sabe formar um ensino com características próximas de um ensino socialista. Sobre isso então vemos:

Por ensino entendemos três coisas:

Primeira: ensino intelectual;

Segunda: educação física, dada nas escolas e através de exercícios militares;

Terceira: adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios. Com a divisão das crianças e dos adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes deveria estar vinculado um programa gradual e progressivo de ensino intelectual, físico e tecnológico. A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias (SILVA, 2011, p. 76)

Pela perspectiva de ensino socialista trazido por Marx, percebe-se a busca por elevar a classe operária/trabalhadora acima das classes que a subjagam. Essa busca percorreria pela unificação da educação considerando o ensino intelectual, exercícios físicos e ensino tecnológico, visando à formação de uma criança e adolescente com habilidades e conhecimentos completos para buscar sua ascensão perante a divisão de classes. Esse ensino não formaria o sujeito somente com saberes isolados para a atuação enquanto classe operária, mas contemplaria com outros saberes relevantes para a formação enquanto sujeito que vive um

mundo complexo. É o princípio de formar um sujeito capaz de alterar a realidade apresentada como fixa e imutável.

Ainda trazendo outra passagem na qual Marx fez associações com a educação, Manacorda identifica que, em 1875, Marx trouxe explicações sobre a educação quando se refere ao programa de unificação dos dois partidos operários alemães. Nessa explicação apresentou:

Educação popular (ou ensino elementar) para todos? O que se quer dizer com essas palavras? Acredita-se, talvez, que na sociedade atual (e apenas dessa se trata) o ensino possa ser igual para todas as classes? Ou, então, pretende-se que as classes superiores devam ficar coativamente limitadas àquele pouco de ensino – a escola popular – única compatível com as condições econômicas, tanto dos trabalhadores assalariados quanto dos camponeses? Ensino geral obrigatório, instrução gratuita. O parágrafo sobre as escolas deveria, pelo menos, pretender escolas técnicas (teóricas e práticas) em união com a escola popular... Proibição (geral) do trabalho das crianças. Sua efetivação – se fosse possível – seria reacionária porque, ao regulamentar severamente a duração do trabalho segundo as várias idades e ao tomar outras medidas preventivas para a proteção das crianças, o vínculo precoce entre o trabalho produtivo e o ensino é um dos mais potentes meios de transformação da sociedade atual. (SAVIANI, *apud* MANACORDA, 2011. p.19)

A partir dessa citação, percebemos novamente a necessidade de se efetivar uma educação que unifique o saber intelectual ao prático para que, desse modo, desenvolva-se uma educação que busca a transformação social. Partindo dessa ideia, Manacorda traz indagações acerca do que a educação apresentara, sendo que, além da busca da unificação de saberes (teoria e prática), deve-se buscar um ensino obrigatório acessível a todos. Essa unificação que incorporaria os saberes, necessitaria de uma reflexão sobre a postura e a forma de ser aplicada, pois por este ensino estar diretamente relacionado em uma associação ao trabalho, sua aplicação deveria ser levada com cautela. É importante considerar que, caso não ocorra uma boa aplicação dos saberes teóricos e práticos, corre-se o risco de privar o sujeito de saberes que vêm a contribuir para a alteração do seu meio, levando-o, assim, à reprodução do que se vivera antes – apenas formar força de trabalho, repetindo no ensino aquilo que se buscava mudar.

Continuando nossa reflexão acerca dessa relação entre Marx e a educação, apresentamos o que Saviani apresenta com as contribuições do pensador Suchodolski que, em 1961, publicou a obra intitulada “*Teoria marxista da educação*”. Vejamos a análise que Suchodolski realizou:

O ponto de partida dessa obra é uma análise da evolução dos problemas pedagógicos nos escritos de Marx e Engels (Cap. I) em que considera a trajetória de seus escritos, desde os primeiros textos até “O Capital”. O segundo capítulo é dedicado a mostrar o diagnóstico da atualidade de Marx e Engels em que se analisa o desenvolvimento histórico do capitalismo com as implicações para os indivíduos e as classes, em particular para o proletariado, o problema do tempo livre, a derrocada da ordem classista e a libertação do homem. O terceiro capítulo trata dos problemas da alienação e do fetichismo para concluir com o significado pedagógico da alienação. No terceiro capítulo, denominado “O significado da revolução socialista para a educação”, é

abordado o caráter de classe do sistema de ensino na sociedade burguesa, o ensino dos filhos de operários, o vínculo ensino-trabalho como gérmen da educação socialista, a organização das massas e a luta pela concepção materialista revolucionária da educação. O capítulo se encerra com considerações sobre a questão da educação moral, cujo centro é a participação dos homens na luta pelo progresso social. Com isso, a visão socialista da educação moral se opõe “tanto aos sistemas burgueses do hedonismo e utilitarismo como também aos sistemas do rigorismo ético e do formalismo” (p. 160). Os capítulos seguintes tratam dos fundamentos da teoria marxista da cultura (Cap. V), da crítica da concepção metafísico-idealista do homem (Cap. VI), dos acertos e erros do materialismo metafísico na análise do homem (Cap. VII) e da luta pela teoria materialista da personalidade (Cap. VIII). Finalmente, o capítulo IX, tem caráter de síntese conclusiva versando sobre “o significado de Marx e Engels para a história da pedagogia”. (SAVIANI, 2011, p. 19)

Como podemos perceber, de fato existe inserida na filosofia marxiana e marxista certas indicações acerca da educação. Saviani apresenta nessa análise de Suchodolski a forma sequencial que se dá nos escritos de Marx e Engels tal preocupação acerca da educação, juntamente com a evolução dos problemas pedagógicos citados no decorrer dos escritos de Marx e Engels. Nota-se que as preocupações com o sistema educacional não se encontram isolados em determinadas obras, mas acompanham certas reflexões no conjunto geral dos textos de marxianos. Desse modo, pensar a pedagogia socialista a partir dos próprios pensadores se mostra não somente possível, como também relevante. Uma pedagogia socialista tende a oferecer considerável contribuição para a formação integral do humano com auxílio à formação da consciência de si e da compreensão do meio no qual este sujeito está inserido. Com Saviani vemos:

Dentre as várias acepções denotadas pela palavra “pedagogia”, a mais abrangente é, sem dúvida, aquela que a define como teoria da educação. Por aí seria possível rapidamente estabelecer uma conexão entre teoria marxista da educação e pedagogia socialista. Mas devemos nos precaver, pois, ao estabelecermos apressadamente a referida conexão, poderemos estar procedendo a uma relação indevida. E isto, tanto do lado da pedagogia como do lado do socialismo. Com efeito, já observamos que não é todo e qualquer socialismo que pode ser aproximado do marxismo. Por outro lado, se toda pedagogia pode ser considerada teoria da educação, não podemos nos esquecer que nem toda teoria da educação é pedagogia. Na verdade o conceito de pedagogia se reporta a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa. A pedagogia, como teoria da educação, busca equacionar, de alguma maneira, o problema da relação educador educando, de modo geral, ou, no caso específico da escola, a relação professor-aluno, orientando o processo de ensino e aprendizagem. Assim, não se constituem como pedagogia aquelas teorias que analisam a educação pelo aspecto de sua relação com a sociedade não tendo como objetivo formular diretrizes que orientem a atividade educativa, como é o caso das teorias que chamei de “crítico-reprodutivistas”. (SAVIANI, 2011, p. 22)

Pensar o processo da prática educacional a partir das ideias marxistas exige muita cautela, pois podemos nos deixar levar pelo ato de teorizar somente a educação, desvinculando-a de sua ação prática. Busquemos pensar que as contribuições da filosofia marxista para a formação educacional do aluno é algo que deva ser levado em consideração para a ação do

educar. Para pensarmos essa educação enquanto ato de transformação que proporciona um colocar-se histórico no mundo e não meras reproduções de saberes. Sobre essa tarefa, Saviani apresenta que:

[...] a tarefa da construção de uma pedagogia inspirada no marxismo implica a apreensão da concepção de fundo (de ordem ontológica, epistemológica e metodológica) que caracteriza o materialismo histórico. Imbuído dessa concepção, trata-se de penetrar no interior dos processos pedagógicos, reconstruindo suas características objetivas e formulando as diretrizes pedagógicas que possibilitarão a reorganização do trabalho educativo sob os aspectos das finalidades e objetivos da educação, das instituições formadoras, dos agentes educativos, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógico-didáticos que movimentarão um novo *êthos* educativo voltado à construção de uma nova sociedade, uma nova cultura, um novo homem, enfim.(SAVIANI, 2011, p. 24)

Buscar analisar a fundo o sistema educacional, compreendendo-o em suas relações externa-social requer uma investigação sobre as suas finalidades, os objetivos e como está sendo desenvolvido o trabalho pedagógico no processo de educar. O artigo intitulado *Marx, ciência e educação: a práxis transformadora como mediação para a produção do conhecimento*, organizado por Célia Regina da Silva, Luiz Fernando da Silva e Sueli Terezinha F. Martins, carrega consigo a abertura para que possamos percorrer pelas contribuições socialista-comunistas nessa tentativa de vê-las como um apoio para tal transformação. Esse artigo é o resultado de uma junção dos estudos realizados acerca dos pressupostos teórico-metodológicos que norteiam o trabalho do núcleo de estudos e pesquisa “Psicologia Social e Educação: contribuições do Marxismo” (NEPPEM), e que foi produzido coletivamente para a preparação do I Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo (EBEM). Uma das contribuições é sobre a análise acerca da estrutura escolar sobre a qual estamos. Recorrendo ao pensamento de Maspero, (1992) *in* (Silva, C.R.; Silva, L.F.; Martins, S.T.F) podemos encontrar que:

[...] cabe destacar que o aparato escolar tal como é organizado no modo de produção capitalista, cumpre antes de tudo a função, essencialmente ideológica, de tornar a exploração da força de trabalho um fato natural. Isto ocorre porque a divisão do trabalho nesse modo de produção tem como efeito a separação entre os tipos de atividades (intelectual e material), cuja decorrência é uma divisão social e técnica que, inevitavelmente, torna-se determinante para o desenvolvimento do indivíduo. Tal aspecto aponta-se como ponto chave para a compreensão das circunstâncias em que se produz a exploração dos trabalhadores. (SILVA, C.R.; SILVA, L.F.; MARTINS, p.10. s/ano)

Assim, a educação deve ser compreendida e pensada a partir da forma que está organizada a sociedade atual. Se o que encontramos é uma dominância das imposições do capitalismo e a naturalização de exploradores sobre explorados, tal condição acabará sendo refletida na transmissão dos saberes sobre aqueles alunos que estão inseridos nesse processo

educacional. Essa condição mostra o anseio de se manter a dominância de uma classe sobre a outra e uma permanência da divisão de classes sociais.

Pensando possíveis alternativas para a transformação dessa forma na qual a educação está pautada, deve-se considerar a realidade de nosso aluno de escola pública:

[...] para o desenvolvimento do indivíduo, é fundamental que a educação escolar e, em última instância, o educador cumpra o papel de mediar a apropriação do saberes sistematizados, os quais surgem como respostas às necessidades concretas enfrentadas pelos indivíduos em sua prática social no processo histórico. E, se por um lado, tal mediação forma o indivíduo enquanto força de trabalho necessária para a manutenção do sistema capitalista, por outro é também por meio da aquisição desses saberes que se originam os elementos para que os indivíduos atuem no meio social numa perspectiva de resistência ao que está posto. (SILVA, C.R.; SILVA, L.F.; MARTINS, p. 10. s/ano)

Cabe ao educador pensar a sua postura de como agir perante aquilo que lhe é apresentado no meio escolar. Compete a ele, enquanto educador, trabalhar com os saberes e com as necessidades que integram o sistema do capital [de modo crítico, tal como Marx sempre orientou], mas sem ignorar por completo o andamento do seu real presente que possui características do capitalismo. Considerar isso é de suma importância, já que o educador deverá considerar em seu ensino que o intuito da educação não é o de afastar o aluno do caminho no qual a sociedade civil está a trilhar. É preciso, sim, refletir sobre os caminhos e propor uma postura de conflito com o comodismo *re-produtivista* da tradição escolar burguesa. Desta forma, é preciso considerar para pensarmos a educação o método dialético proporcionado por Marx e, a partir dele, pensar uma educação popular.

A educação, no sentido que apresentamos, se efetiva na forma como se coloca para a formação da consciência popular do aluno, para um melhor envolvimento dele com as questões que envolvem sua emancipação, sua postura enquanto resistência perante as imposições que o mundo do capital lhes apresenta. Em uma postura de praticidade, essa educação parte primeiramente da ação do educador de aproximar o seu aluno à sua realidade com o intuito de possibilitar a formação questionadora e revolucionária de alterar a condição material na qual se encontra. Isso vem de encontro ao propósito de que com o apoio da educação o aluno se perceba de fato como um ser histórico e, portanto, capaz de realizar mudanças e de desnaturalizar os processos sócio-político-econômico que lhes são apresentados como eternos.

Buscamos trazer com a educação e com a nossa atribuição de docentes, o êxito de proporcionar ao nosso aluno uma compreensão de mundo, com saberes relevantes para o desenvolvimento de sua emancipação e consciência. Negar essas condições aos nossos alunos pode nos levar a contribuir para a reprodução de uma ideologia que muitas vezes questionamos e afirmamos existir resistência.

## 2 O livro didático enquanto método pedagógico e enquanto mercadoria.

Apresentamos que um dos objetivos do nosso estudo é o de deixarmos em evidência que o modo de se pensar a nossa educação é, preponderantemente, um modo que parte da ideologia capitalista<sup>3</sup>. Isso se dá perante o fato de que nosso meio social está pautado nessa ideologia da veneração ao capital, e esta forma de pensamento tem influência direta na formação do sujeito, determinando a sua formação educacional, e também a construção dos aspectos sociais e materiais que estão ao seu redor. Considerando isso, julgamos que o nosso esforço é válido em buscar compreensões sobre o que ocorre no nosso sistema educacional, quando apresentamos a filosofia como auxílio na transmissão de saberes, isso relacionado em nossa proposta de percorrer o estudo da filosofia pelo caminho disponibilizado via livro didático de filosofia, considerando-o como um método para a transmissão dos saberes.

Criticado e polemizado, mas sempre presente, o livro didático é apresentado neste momento na condição de buscarmos compreendê-lo como um método de instrumento pedagógico que continua sendo utilizado na elaboração e na condução de aulas na disciplina de filosofia pelos professores. Tão logo nos aproximamos do livro didático, o pensamos em uma possível dualidade: de um lado, se apresenta enquanto um instrumento pedagógico utilizado na condução das aulas; por outro lado, como um possível reproduzidor de ideais burgueses, já que adquirido pelo estado burguês. É de se considerar que o material didático de filosofia está inserido nesse meio de instrução educacional filosófica – de uso obrigatório, inclusive. De um lado, nota-se a possibilidade do livro didático ser de grande apoio para a construção de um saber que auxilie na formação da consciência do aluno, mas, de outro lado, sendo ele um instrumento que vem pelos moldes do sistema educacional, pode fortalecer ainda mais as ideias que vão reproduzir os interesses burgueses.

Ao se mostrar enquanto mercadoria, o livro didático pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. Tanto as necessidades de um instrumento utilizado como auxílio no desenvolvimento dos estudos filosóficos, como deixando de ser um

---

<sup>3</sup> Absolutamente na contramão de projetos legislativos que andam a circular pelo Brasil, há alguns anos sendo o mais midiático, o *Escola sem partido* que afirma “A doutrinação política e ideológica em sala de aula ofende a liberdade de consciência do estudante; afronta o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado; e ameaça o próprio regime democrático, na medida em que instrumentaliza o sistema de ensino com o objetivo de desequilibrar o jogo político a favor de um dos competidores” (<https://www.programaescolasempartido.org/>). No mesmo sentido, os movimentos dos Ministérios, em especial o da Educação e dos Direitos Humanos, do atual governo federal brasileiro, sob tutela de Jair Bolsonaro, que se empenham em uma verdadeira caça às bruxas comunistas; caça ao ENEM doutrinator; etc. Movimentos que apelam para um jogo político no campo da moralidade com claras intenções de não expor os íntimos laços entre o poder executivo brasileiro, a parcela avivada de militares e os grandes investidores do capital transnacional.

instrumento de método pedagógico em sala de aula e passando a ser o único meio de fundamentar o estudo sobre o assunto a ser estudado. Assim, utiliza-se o livro didático como o único apoio para ministrar aulas e fundamentar assuntos que necessitam de complementação teórica extra para que a compressão seja aprimorada. Essa rigidez sobre a forma de utilização do livro didático pode ser decorrente da obrigatoriedade de seu uso nos estudos nas escolas - algo apresentado nas propostas curriculares, como também algo ainda decorrente da forte influência da escola burguesa que reside e resiste no campo educacional.

Ao apresentarem a obrigatoriedade e a igualdade no ensino a todos, trazem justamente a partir da presença do livro, estando no âmbito educacional. Como apresenta Kazumi Munakata, em seu artigo intitulado *O livro didático como mercadoria*:

O livro didático e a escola mantêm uma relação simbiótica. A expansão da escolarização amplia o público leitor de livros, e a existência destes – em particular, os destinados especialmente à escola – possibilita a própria escolarização da sociedade. No decorrer do século XVIII e, principalmente, no século XIX, esse processo se acentuou com a emergência, a consolidação e o fortalecimento dos Estados nacionais: a educação escolar tornou-se direito do cidadão e obrigação do Estado; estabeleceram-se os princípios de ensino público, gratuito, laico e obrigatório; e formularam-se, em certos países, os programas curriculares unificados em âmbito nacional. (MUNAKATA, 2012, p. 59)

Esta inserção do livro didático no meio educacional, além de servir de instrumento para que sejam expandidos os saberes e os conhecimentos contidos nas bases curriculares de ensino, facilitando o acesso a eles, carrega, do mesmo modo em si, um caráter de mercadoria. Isso devido ao fato do Estado, ao afirmar a obrigatoriedade do ensino, assume junto a isso a responsabilidade de proporcionar um ensino gratuito e obrigatório. O livro didático está inserido diretamente nessas relações, pois é adquirido pelo Estado como mercadoria para ser utilizada na educação e auxiliar no êxito do propósito de uma educação para todos. Desta forma, quando pensamos a utilização do livro didático como instrumento de ensino e mercadoria devemos considerar como se dá a sua utilização, que deve ser orientada pela cautela, coerência e responsabilidade docente. Buscando, assim, que de fato o livro didático sirva como instrumento auxiliar, contribuindo para o aprendizado do aluno e também contribua para a prática didática pedagógica do professor.

Acerca destes apontamentos, vale destacarmos que quando falamos que o livro didático é uma mercadoria estamos nos referindo à própria definição de Marx em sua obra *O Capital*:

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadorias” e a mercadoria individual como sua forma elementar. [...] A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. (MARX, 1996, p. 165)

Enquanto mercadoria, o livro didático se coloca como algo que satisfaz as necessidades e, do ponto de vista educacional didático, deveria suprimir as necessidades instrumentais pedagógicas. Estamos cientes de que o fato do livro didático, após ser comprado pelo Estado e depositado nas prateleiras das bibliotecas escolares, perde o seu caráter de mercadoria haja vista ter perdido o seu valor de troca [fica parado sem circulação – uma das definições de mercadoria é justamente o estar em trânsito]. Novamente recorremos a Kazumi Munakata que apresenta apontamentos pelos quais trazemos para dar suportes quando buscamos compreender o livro didático como mercadoria, tendo sua proposta vinculada aos aspectos mercadológicos, bem como sua finalidade pedagógica:

No caso do livro didático, essa mercadoria, pelo fato de sê-la, já aparece estigmatizada, carregando consigo todos os vícios da sociedade capitalista. A finalidade de obtenção do lucro e o caráter fragmentário e parcelar, que maculam as atividades da indústria cultural, conferem, por definição, a desqualificação *in totum* de seus produtos – desqualificação que, portanto, transcende a todas as particularidades de cada objeto. Reduzidas à sua forma mercantil, como valor de troca, resultado de trabalho abstrato, todas as mercadorias – e não apenas as da indústria cultural – se equivalem. [...] tudo é esse ser-para-o-lucro e possibilita a produção e a reprodução da sociedade capitalista. (MUNAKATA, 2012, p. 63)

Sobre esse fato do livro didático ser mercadoria, torna-se válido fundamentarmos nossa abordagem sobre a noção de *uso* e de *mercadoria* que percorrerá a nossa reflexão sobre o livro didático, com algumas considerações do próprio Marx:

Como valores de uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de diferente qualidade, como valores de troca só podem ser de quantidade diferente, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor de uso. Deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho. Entretanto, o produto do trabalho também já se transformou em nossas mãos. (MARX, 1996, p. 167-168)

O valor de uso do livro didático carrega considerações em sua totalidade. Primeiramente, enquanto mercadoria é exigida a força produtiva para que ocorra a sua produção material e, do mesmo modo, exigisse o trabalho para a sua construção intelectual, correspondendo assim como uma mercadoria criada para fins pedagógicos. Sobre o livro didático de filosofia, em específico, vale recordarmos que mesmo com a relevância do estudo de filosofia para a educação e formação do aluno, a disciplina de filosofia nos currículos de escolas públicas, não possui uma trajetória de muito tempo se comparada a outras disciplinas do currículo escolar, e ainda busca consolidar seus saberes nos currículos escolares.

Assim, os materiais didáticos pedagógicos presentes em algumas das instituições escolares públicas sobre a disciplina de filosofia não são muitos o que faz da utilização do livro didático algo muito frequente. Ainda deve-se considerar que em muitas instituições ele é o

único material didático disponível. Assim, sobre a forma de sua utilização, algo a ser considerado é:

Uma posição prevalente durante muito tempo foi a de que o livro didático, seja pelo seu caráter de vulgarização, seja por ser veículo da ideologia (burguesa) ou produto da indústria cultural, era necessariamente ruim, o avesso da ciência, o que denunciava a precária formação de seus usuários – os professores, que recorriam a ele como “muletas”. (MUNAKATA, 2012, p. 62)

Algo que pode chamar ainda nossa atenção sobre a utilização do livro didático é essa relação de vulgarização desse instrumento pedagógico. Mesmo sendo visto como um instrumento que carrega toda uma vulgarização e recebe julgamentos pejorativos, [isso acerca de sua qualidade e eficácia na transmissão de saberes], é um dos instrumentos que têm uso frequente por professores com finalidades de servir-se dele na preparação e condução de suas aulas. Deste modo, considerando as características do livro didático enquanto mercadoria e a sua utilização, apresentamos o estudo percorrendo por dois vieses: pensando o livro didático de filosofia enquanto mercadoria [limitado pelo fator da perda de seu valor de troca] encerrada em si mesma; e o livro didático enquanto mercadoria, mas ampliada com o uso de materiais externos ao modo como é apresentado. Deixando mais claro: na parte prática de nosso trabalho, utilizamos em certo momento apenas o livro didático e seu conteúdo para a condução das aulas e, noutro momento de nossa prática, utilizamos o livro didático somado ao aprofundamento teórico extraído diretamente das obras do filósofo Karl Marx e aportes marxistas.

Para esta atividade do PROF-FILO acontecer, utilizamos o livro didático *FILOSOFANDO: Introdução à Filosofia* e, dentre os seus conteúdos, escolhemos para esse estudo: A Filosofia Política - “*As teorias socialistas*”, enfatizando o pensamento de Karl Marx. A busca assim é a de um estudo de investigação. Uma investigação sobre como se constrói o referencial teórico do filósofo Karl Marx neste livro didático com a ênfase no conceito de *alienação*.

Duas turmas do 2º ano do Ensino Médio foram contempladas na aplicação desse estudo. Deixa-se claro que em uma das turmas a investigação se deu acerca das teorias socialistas da filosofia de Karl Marx abordadas somente pelo conteúdo que o livro oferece - tanto nas definições dos conceitos associados ao filósofo, como o referencial do contexto histórico que possibilitou a produção das reflexões de Karl Marx. Justifica-se tal ação pela tentativa de se pensar a utilização o livro didático como único instrumento pedagógico na transmissão de saberes sobre o filósofo. Com a outra turma, o andamento percorreu pelo caráter investigativo e interpretativo da teoria socialista de Karl Marx atendo-nos não somente no que o livro didático

proporciona ao estudo, mas desenvolvendo o estudo pelos aportes marxistas - obras do próprio filósofo, bem como, recorrendo à utilização da contribuição de seu parceiro Friedrich Engels.

A reflexão percorre assim pelos principais conceitos que julgamos relevantes para o entendimento da filosofia de Marx e as teorias socialistas e, dentre os principais conceitos, a atenção do estudo fora dada ao conceito de *alienação*. Justificamos a escolha da atenção a este conceito, pois o compreendemos como um dos conceitos fundamentais do pensamento de Marx e, também, pela possibilidade dada a partir das mídias existente de fazermos relações com o cotidiano dos alunos. Desta forma, essa investigação acerca desse conceito de alienação se mostra relevante ao nosso estudo, pois por ele podemos aproximar o nosso aluno ao pensamento político de Karl Marx e ainda fundamentar a nossa proposta de trabalhar com o livro didático [que aborda este conceito em seu texto] e com os aportes marxistas externos ao livro didático [de acesso fácil aos professores e alunos].

Apresentado como propusemos percorrer o nosso estudo e a aplicação do projeto do PROF-FILO a respeito do livro didático enquanto método de ensino e enquanto mercadoria, cabe a nós pensarmos o espaço do livro didático em sala de aula, juntamente com a sua relevância, e outros aspectos que trazem significativa contribuição para que esse instrumento didático pedagógico seja tão polemizado, mas sempre presente nas escolas e utilizado em sala de aula.

O livro didático pode proporcionar um rico campo investigativo-reflexivo, tanto como uma mercadoria quanto como um instrumento pedagógico. Estando inserido como algo já fixado nas escolas de nosso país, ganha para si uma representação certa e presença garantida no espaço escolar. Para pensarmos a respeito disso, buscamos apoio no que escreveu Marco Antônio Silva em seu artigo intitulado *A Fetichização do Livro Didático no Brasil*:

Além de consagrado em nossa cultura escolar, o livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. (SILVA, 2012, p.806)

Podemos considerar, assim, que o livro didático está de fato no ambiente escolar e pode ser incorporado como algo de uso frequente. Sabe-se que em muitas escolas o único recurso bibliográfico de apoio ao professores é de fato o livro didático. Mas a respeito disso ainda, devemos considerar que esses espaços escolares estão em condições de precariedades estruturais, ausência de docentes formados e habilitados nas áreas específicas de ensino, e situações que vão além da oferta de suporte bibliográfico para professores e alunos. Isso

demonstra, por um lado, a importância do uso do livro didático em determinadas circunstâncias de absoluta carência formativa do próprio corpo docente.

Pode-se notar diante disso que “as editoras de livros didáticos, por sua vez, oferecem um produto voltado, principalmente, para se adaptar a esta realidade precária vivenciada pelos professores brasileiros nos campos profissionais e da formação” (SILVA, 2012, p.806). Ainda recorrendo ao artigo de Marco Antônio Silva trazemos o que Kazumi Munakata apresenta a respeito disso, através de uma entrevista a ela concedida pela responsável das edições da editora Ática, Wilma Silveira Rosa de Moura:

Não podemos fazer para a escola pública um material que dê trabalho para o professor, que implique preparação de aula, pesquisa além do livro. Porque ele não tem onde, não tem recursos, não tem formação para isso. A gente tem que fazer livros mais mastigadinhos, com aula prontinha do começo ao fim, que tenha estratégia já indicada para o professor, que não implique preparação de aula, pesquisa além do livro (SILVA, 2012, p. 806 *apud* MUNAKATA, 1997, p. 151).

Esse argumento nos proporciona pensarmos sobre como se mostra o livro didático nas escolas, em sala de aula, sendo ele um instrumento pedagógico do professor. Sem a intenção de apontarmos posições de defesa a respeito de sua utilização ou não, é coerente pensarmos que, de fato, o livro didático aparece em muitas situações como o único “*manual de aula*”, pelo qual o professor segue-o à risca passo a passo, adentrando em todos os textos contidos nele de forma sequencial, sistemática, atendo-se a todo o seu embasamento teórico e atividade e exercícios complementares - fazendo até mesmo dessas atividades e exercícios o seu instrumento de avaliação.

A precariedade com que se mostra o espaço escolar pode ser um dos fatores dessa abordagem de aula isolada e apoiada somente no livro didático, mas não o único fator. É de se pensar ainda que os professores, em sua atuação diária, se deixam levar pelo comodismo ou, até mesmo, pelo desinteresse em recorrer a apoios externos, ou aprimorar seus conhecimentos, já que muitos materiais de apoio são disponibilizados e proporcionados a eles, inclusive, pelo material didático:

Cientes da ação formadora que os livros didáticos exercem, os pareceristas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) têm dedicado atenção especial ao manual do professor. Este critério tem sido um ponto comum em todas as edições do Programa. Nas edições 2005, 2008 e 2011, por exemplo, no Guia do Livro Didático afirmava-se que o manual do professor não deve se restringir à mera apresentação de respostas prontas aos exercícios formulados na coleção. Os manuais devem apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos da obra e servir como uma ferramenta auxiliar à reflexão e prática docentes. Se o livro didático já é um instrumento de destaque excessivo no cotidiano das salas de aula, credita-se a ele também responsabilidades adicionais como a de formação do professor. (SILVA, 2012, p. 807)

A respeito disso, cabe ao educador rever a sua prática docente no sentido de aprimorar-se e buscar o seu aperfeiçoamento profissional, não somente apresentar justificativas que se baseiam na precariedade do ensino, ou em condições de trabalho que não estão como o desejado e esperado. Pensando sobre isso, trazemos uma rápida contribuição advinda do artigo *O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-mirim*, escrito por Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze e Eliziane França Moreira Silvino. Mesmo se tratando de um estudo específico em um local pré-determinado, podemos buscar na fundamentação desse estudo argumentos que podem vir a contribuir para a nossa reflexão:

O livro didático se encontra longe de ser uma fonte de sabedoria, capaz de orientar os professores no desenvolvimento da personalidade integral das crianças e constituir uma responsabilidade de natureza social e política. É o professor quem deve ter uma boa preparação para desenvolver essa atividade de vital importância, pois, embora haja, por um lado, o desenvolvimento das novas tecnologias, da mídia, dos textos digitais, por outro, o livro continua sendo o mais fiel aliado do professor e um recurso imprescindível para os alunos. (VERCEZE, SILVINO, 2008, p. 87)

A disponibilidade do uso do livro didático não isola ou impede assim a utilização de outros recursos [caso eles estejam disponíveis para a atuação do docente em sala de aula]. Cada vez mais, a utilização de recursos extras se mostra não somente como um meio relevante para o aperfeiçoamento da prática didático-pedagógica, como também são necessários, já que os alunos estão se relacionando com outros recursos e mídias para aprofundar os seus conhecimentos. Ainda sobre a utilização do livro didático, o que pode ser considerado é que o docente pode apresentar resistência ao que se refere a alteração do modo de preparo ou condução de suas aulas, mesmo com toda as possibilidades de instrumentos didáticos que podem estar disponíveis, o docente se limita somente ao uso e a utilização do livro didático. Cabe ao docente pensar a sua ação que busca transmitir conhecimentos e informações em suas aulas:

[...] escolher um bom livro didático não diminui a necessidade de se consultar outras bibliografias. O professor sempre precisará de textos complementares, seja para estudar conteúdos, seja para suprir lacunas ou complementar e ampliar informações. É preciso, também, que a escola se organize para uma escolha mais coletiva, discutindo procedimentos de análises, examinando exemplares de livros solicitados às editoras, ponderando a respeito do perfil de aluno, do projeto pedagógico da escola e, sobretudo, planejando o trabalho continuamente. (VERCEZE, SILVINO, 2008, p. 88)

Além desses aspectos que circundam a utilização do livro didático, não podemos deixar de considerar a sua representação e características que fazem parte dele enquanto objeto, e enquanto mercadoria, e ainda os critérios de sua escolha, que leva a ocorrer a transação comercial entre Estado e editoras. Ele se mostra como um material pedagógico-didático que de

fato está presente nas escolas brasileiras, da mesma forma representa um alto investimento por parte do Estado para a aquisição deles, portanto, merece a devida atenção a respeito de sua escolha:

[...] é importante salientar que os livros didáticos representam uma fatia considerável do Mercado Editorial Brasileiro, e que, por vários anos, a escolha desses livros pelos professores se deu apenas por uma listagem oferecida pelo MEC às escolas, com o nome e o código dos livros inscritos no Programa Nacional do Livro Didático (...) As obras eram sempre desatualizadas quanto às teorias e sua adequação à realidade do alunado, continham erros inaceitáveis e vinculavam valores incompatíveis com a construção da cidadania (VERCEZE, SILVINO, 2008, p. 89).

O livro didático chega até as escolas certamente por intermédio do Estado com as editoras, mas quem o escolhe é o professor. Essa escolha do livro didático, mesmo que se limite a uma escolha dos manuais, ainda possibilita ao docente avaliar a relevância dos assuntos, a qualidade e organização do livro, bem como, pensar os critérios que foram elencados para a elaboração e preparo desse livro que chega até as escolas. Ainda caberia ao docente, construir seu próprio critério ao considerar a realidade específica de sua escola, de seus alunos, isso para que se possa extrair o melhor uso possível desse instrumento de apoio ao ensino. Há de se considerar então, que “A seleção dos livros didáticos constitui uma tarefa de vital importância para o ensino-aprendizagem. Por isso, deve-se levar em conta a seriedade dos critérios para a escolha dos conteúdos, principalmente para possibilitar ao professor a participação na escolha e avaliação dos livros didáticos” (VERCEZE, SILVINO, 2008, p. 89).

Quando é realizada a escolha do livro, vários são os critérios que são importantes a serem considerados nessa sua escolha. Deve-se pensar todo o âmbito escolar no qual os professores e alunos fazem parte, e não apenas nos critérios que melhor atendem as carências profissionais e de formação do docente em si. Na escolha do livro didático, devem-se considerar as condições materiais e para a apropriação do livro didático em sala de aula, ainda devemos considerar como funciona o contexto social de todos os integrantes que se vinculam à escola. Contudo, além de não serem atendidos os critérios que levam em consideração as condições matérias e sociais do ambiente escolar, volta-se, como dito noutro momento, às determinações de relações de trabalho dos professores que fazem do livro didático uma diretriz básica de seu ensino, “O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. (...) Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, frequentemente, até à noite (SOARES, 2002, p. 2 *apud* VERCEZE, SILVINO, 2008, p. 89).

Perante essas especificidades que acompanham o uso, seu preparo e a rotatividade dos livros, além do período que são “*trocados*” das prateleiras das bibliotecas de nossas escolas, para isso, fica a competência do PNLD<sup>4</sup>:

O PNLD funciona, grosso modo, da seguinte maneira. Uma equipe de pareceristas formada por professores/pesquisadores de diversas universidades públicas brasileiras e que, mais recentemente, incorporou alguns professores do ensino básico, produz um catálogo com uma resenha de cada uma das coleções aprovadas pela equipe para participar das edições trienais do programa. Por meio do Guia do Livro Didático e/ou de folders publicitários e/ou da análise direta dos livros, os professores de cada escola pública escolhem o livro com o qual trabalharão com seus alunos durante os três anos seguintes. Os livros solicitados em cada escola são encomendados junto às editoras e distribuídos gratuitamente aos estudantes. Cada estabelecimento de ensino pode solicitar novos títulos ou manter a escolha dos mesmos para uma nova compra a cada intervalo de três anos. (SILVA, 2012, p. 811)

Se voltarmos rapidamente a nossa atenção a esses dados e pararmos para analisar a utilização do livro didático no período fixado [três anos] e considerarmos o tempo estimado da presença dos nossos alunos no Ensino Médio [também de três anos], temos uma nova preocupação sobre a utilização dos livros didáticos. Se o livro que fora escolhido se der no início da inserção desse aluno no Ensino Médio e, se a sua escolha não atender aos critérios de um livro bem elaborado e, se o seu uso carecer de complementos extras, o que poderá acarretar é uma formação superficial do aluno durante toda a sua passagem no ambiente escolar.

Pensemos, supostamente, que o livro didático não proporcione um estudo coerente e bem fundamentado da filosofia. Os riscos e os danos para a formação intelectual, social, cultural do aluno são visíveis e isso atingirá, em curto prazo, diretamente a toda a estrutura social já que esse aluno é um indivíduo atuante na sociedade. Além de limitar o aprofundamento de seus conhecimentos para além daquilo que o livro didático lhe proporciona, se esse livro que fora utilizado for carente de informações, e/ou o estimular a uma mera reprodução de saberes, o impacto na sua formação enquanto sujeito, na formação de sua autonomia e emancipação serão colocados em risco.

Por fim, consideramos relevante neste momento, pensarmos, mesmo que seja rapidamente, nas formas de abordagem trazidas pelos livros de filosofia. Abordagens essas que se fazem presentes na organização estrutural de alguns exemplares de livros didáticos e que podem ser incorporadas pelo docente ao ministrar aulas de filosofia, apoiando-se no uso restrito do livro didático de filosofia. Buscando suporte para essa rápida abordagem, recorreremos à pesquisa intitulada *Avaliação dos principais livros didáticos de filosofia para o ensino médio*

---

<sup>4</sup> Programa Nacional do Livro Didático

*existentes no mercado editorial brasileiro*. Pesquisa realizada por Marcos de Camargo Von Zuben, Joelson Silva de Araújo, Izanete de Medeiros Costa e publicada pela Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Nesta pesquisa apareceram basicamente três modos de como a filosofia é apresentada nos livros didáticos (2013, p.160):

1. Abordagem das áreas filosóficas ou conteúdos estruturantes.
2. Abordagem problemática.
3. Abordagem histórica.

Diante dessa forma de organização que os livros didáticos de filosofia comumente se mostram, podemos considerar a importância do docente dar atenção na forma que irá se apropriar dessa condução de estudo, pois, de acordo com a abordagem que optar, os saberes ganham modos distintos. Ao optar pelo estudo que percorre somente pelas áreas filosóficas, é grande a chance de acontecer um afastamento dos estudos da contextualização histórica, tão importante para a construção da reflexão filosófica. Pelo caminho isolado acerca das problemáticas advindas dos questionamentos presentes da reflexão filosófica, corre-se o risco de se deixar conduzir por “reflexões que não saem do senso comum. As aulas limitam-se ao ‘*achismo*’, os alunos apenas expressam suas opiniões sem levar em conta os pensamentos filosóficos e sua contextualização histórica”. (ZUBEN, ARAÚJO, COSTA, 2013, p. 161). E, se a abordagem do estudo via livro didático se der somente pautado na história da filosofia, a problemática poderá residir no fato de que, se o docente limitar-se a percorrer somente esta via, poderá cair em mero eruditismo e enciclopedismo.

O estudo de filosofia, quando pensado na sua apropriação do uso do livro didático, deverá, assim, ater-se a todos os aspectos que trazem as devidas contribuições para o seu estudo. Limitar-se a um caminho somente acarretará em perdas para o estudo da filosofia em si e para a aprendizagem do aluno. O livro didático *ideal* deveria atender às condições materiais dos envolvidos em seu manuseio [professores e alunos], assim como, deveria ser um instrumento didático que oferecesse um embasamento da história da filosofia e adentrasse em problemas filosóficos [tanto do cotidiano quanto do campo abstrato] que trouxessem a oportunidade para o aluno entender-se enquanto um cidadão inserido em um contexto histórico-social. É necessário aos nossos alunos obterem meios de criarem e incorporarem a potencialidade de problematizar, além das questões filosóficas, à sua própria realidade. Acreditamos que as condições materiais colocadas aos nossos alunos, somadas àquilo que pensam, os colocam diretamente no seio de ações frente à sociedade. Isso Marx já nos apresentou nos *Manuscritos Econômico - Filosóficos*:

Acima de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a “sociedade” como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, uma externalização e confirmação da *vida social*. (MARX, 2004, p. 107)

Se considerarmos o que fora apresentado por Marx e relacioná-lo com a nossa prática docente e a formação dos nossos alunos, devemos considerar que as aulas de filosofia podem, de fato, se tornar um caminho pelo qual podemos contribuir para que o aluno consiga desenvolver todas as suas potencialidades enquanto sujeito pensante, que possa ter o devido acesso aos saberes que virão a contribuir para a sua formação intelectual, e que resultará em sua ação de indivíduo que atua diretamente em seu contexto social.

A forma que se dará a condução das aulas de filosofia pode exercer forte influência nessa formação intelectual do aluno, levando-o a pensar ou não pensar a sua condição social. Se o livro didático a ser utilizado se mostrar insuficiente, ou a sua utilização inadequada, o aluno acaba não exposto aos saberes que poderiam contribuir para a sua formação de transformação. Foi assim que o projeto desenvolvido por nós no PROF-FILO buscou expor aos nossos alunos, tanto aos problemas internos, no uso dos livros didáticos enquanto diretriz básica de ensino, quanto como um instrumento capaz de ofertar caminhos para que o aluno consiga se colocar diante do mundo que foi, que é e que será e, de modo prático, compreender que atividade teórica deve cumprir efetivamente uma função social<sup>5</sup>.

### **3 Usos do conceito de alienação em nosso cotidiano midiático**

Para pensarmos o conceito de alienação é necessário apresentarmos, mesmo que de maneira rápida, a etimologia de sua palavra e, a partir desta, buscarmos fazer a devida análise acerca das diferentes maneiras e formas de expressão do conceito. A palavra alienação tem sua origem na palavra *alienare [alienus]*, que tem por significação: que pertence a outro e, por essa definição de pertencimento a outro, se possibilita a apropriação e utilização em diferentes áreas e assuntos.

A partir dessas apropriações é possível constatar que o uso do conceito de alienação é frequente tanto no meio acadêmico quanto em conversas do cotidiano. Conversas que aqui chamamos de “*usos do senso comum*” – sem o teor pejorativo, mas como o uso que integra o

---

<sup>5</sup> “Toda a história da filosofia testemunha que os filósofos, em maior ou menor grau, de perto ou de longe, de frente em muitos casos ou às vezes de esguelha, preocuparam-se com os problemas políticos e sociais e, neste sentido, sua atividade teórica cumpriu efetivamente uma função social” (SANCHEZ VAZQUEZ, 2002, p.77)

campo de vivências comum em uma sociedade. Diante destes usos variados, o conceito de alienação acaba, muitas vezes, sendo apresentado como um simples chavão, um clichê muito usado para definir uma pessoa que está em um estado de ausência de consciência ou que lhe faltam informações sobre algo. Comumente também, o conceito de alienação é utilizado para demonstrar que certo indivíduo está alheio a algum fato que ocorre em seus dias como, por exemplo, um problema social que não o atinge diretamente ou uma nova notificação de corrupção no mundo político.

Perante isso, esse conceito é associado pejorativamente a uma expressão de ofensa, de indignação, ou para demonstrar que o indivíduo é facilmente manipulado pelas infra-estruturas que compõem o campo social, tais como os meios midiáticos, as ideologias religiosas, as ideologias políticas, etc. Ainda o que se pode notar é que este conceito se tornou uma forma imediatista de definir aquele que é desprovido de conhecimento sobre determinado assunto [estar alienado].

Cientes de que os usos do conceito de alienação fazem parte do nosso cotidiano, propomos um exercício de análise sobre a sua aparição/uso em alguns espaços da sociedade: como no esporte, na religião, na política, nas discussões sobre tecnologia, no âmbito do entretenimento, nas relações humanas e na música. Tal proposta explicita a necessidade de nos apropriarmos daquilo que aparece na realidade de hoje [concreto] e de que modo é incorporado nos usos do senso comum. Para isso, recorreremos a alguns meios informativos, preferencialmente digitais, que são acessíveis a grande parte das pessoas que possuem as condições materiais mínimas exigidas para o exercício aqui proposto. A partir desses veículos de informações, faremos a coleta de alguns dados sobre o uso do conceito de alienação e, a partir desses dados, apresentamos o conceito tal como fora apropriado por estas mídias e que podem servir de ponto de partida para a compreensão deste conceito por nossos alunos.

É preciso reforçar que os dados coletados e por nós expostos advêm de informações do cotidiano. Assim sendo, não se relacionam ou se pautam em fundamentos rigorosos, ou em análises de especialistas acerca do conceito de alienação. Assim, o que se segue é uma exposição na qual intentamos trabalhar com o conceito de alienação tal como ele pode aparecer aos nossos alunos nas mídias informativas [ou de modo direto ou transformado em uma linguagem imagética – memes, gifs, etc].

Entendemos que é a partir do concreto que surgem as primeiras compressões de determinado assunto. Assim, julgamos coerente recorrer primeiramente sobre uma observação geral acerca do que se tem como alienação em nosso tempo para, após, adentrarmos na

investigação teórica com as especificidades contidas sobre a concepção de alienação no campo teórico filosófico.

Sendo esse termo um dos mais relevantes nas discussões políticas desde o século XIX, vemos a importância de dedicarmos nossos esforços em compreender os usos do conceito deste por alguns filósofos como: Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Ludwig Feuerbach e Karl Marx. A reflexão transitará pelo pensamento desses filósofos devido à forte influência exercida por Hegel e Feuerbach na filosofia de Marx [pensador esse selecionado por nós como aquele que proporcionará embasamento teórico e prático para a realização de nosso projeto e estudo].

### 3.1 Alienação no esporte

Não é raro encontrarmos nas mais variadas notícias a associação da alienação com o esporte. Essa associação normalmente é aplicada para definir o perfil de algum atleta ou para referenciar àquele que faz do esporte sua única forma de ver o mundo. Sabe-se que nosso país tem como uma de suas marcas a idolatria pela modalidade esportiva do futebol, sendo esse esporte um dos mais praticados e acompanhados em nosso país. Desse modo, não é por acaso que as associações entre futebol e alienação são tão frequentes nos usos do cotidiano.

Nessas associações, a alienação é direcionada àquela pessoa que se distanciou quase que por completo de outros assuntos que são pertinentes à sua vida, como por exemplo, os problemas sociais, os assuntos de cunho político e econômico, etc. Diz-se, então, desse cidadão, que o mesmo é definido como aquele que está indiferente ao que está ao seu redor e a sua principal preocupação e o seu único interesse é o de ver o seu time vitorioso. Assim, não raras são as vezes em que aparece o conceito de alienação relacionando-se com a referência latina de “pão e circo”. Exemplo concreto foi o da realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Com esta expressão, busca-se a validação da alienação naqueles que direcionam toda a sua atenção ao esporte no período em que ocorreu esse evento esportivo [casos de corrupção seriam deixados de lado para o louvor do esporte].

A partir dessa ideia de “pão e circo” e a tentativa de associá-la a alienação, é pertinente trazer alguns exemplos para o nosso debate. Para tal proposta, o que o jornalista Thiago Gomide publicou no site do canal televisivo *History* com o título “*Copa do mundo é para alienados? Esporte é pão e circo?*”<sup>6</sup> se mostra válido. Na proposta de trazer informações sobre fatos

---

<sup>6</sup>GOMIDE, Thiago. *Copa do mundo é para alienados? Esporte é pão e circo?* Disponível em: <<https://seuhistory.com/noticias/copa-do-mundo-e-para-alienados-esporte-e-pao-e-circo>>. Acesso em: jul. 2018.

históricos marcantes que envolvem o futebol, o conteúdo desta publicação apresentou a noção de alienação de outra forma, já que enfatizou circunstâncias nas quais os atletas e o esporte atuaram ativamente em prol de assuntos que careciam de atenção social. O artigo retira a íntima vinculação entre a idéia de “pão e circo” e o esporte e, se é possível assim enxergar, atenta para o mau uso do termo alienação quando associado ao futebol. O autor do artigo elenca alguns momentos em que o esporte foi além da prática competitiva ou do mero entretenimento: a luta por direitos raciais iguais – exemplo do time da Portuguesa Santista, em 1959, que optou não entrar em campo como forma de protesto ao regime de apartheid; a busca de pacificação de conflitos - exemplo do time do Santos, no ano de 1969, na Nigéria, em que os grupos que travavam uma guerra civil resolveram dar uma trégua para ver o atleta Pelé jogar; ou também a luta pela democracia - demonstrada em campo pela equipe do Corinthians no início da década de 1980, em nosso país. Aqui é possível perceber que o vínculo próprio do senso comum foi rompido pelo autor ao apresentar o futebol como emancipação e não como alienação.

Outro uso do termo alienação é visto, por exemplo, quando atletas que não atuam mais no esporte recorrem ao conceito para definir perfis de jogadores que estão em plena atividade. Citamos o exemplo do ex-jogador Walter Casagrande que em uma entrevista concedida para Isabela Sales à *Revista Playboy*<sup>7</sup>, ao definir os jogadores da atualidade em comparação aos de sua época, falou: “O que me incomoda nos jogadores ‘popstars’ é o fato de serem alienados”.

Enquanto os jogadores de sua época além da busca de uma boa atuação em campo lutavam pelo movimento das *Diretas Já*, os jogadores da atualidade estariam enquadrados em um perfil que Casagrande define como “popstars – alienados”. Isto seria um resultado de que tais jogadores da atualidade não demonstram atuação ativa em questões de interesse político e social, se mostrando indiferentes a tais assuntos, e demonstrando preocupação somente com a sua aparência estética e com a ostentação dos bens materiais que possuem.

Essa imbricação entre alienação e futebol nos leva ainda a pensar sobre o aspecto cultural brasileiro, pois o futebol não é referido somente como modalidade esportiva, mas também como uma forma de entretenimento, diversão e lazer acessível à população. Não é preciso grande estrutura para praticá-lo, uma bola e algo que simule uma trave já são suficientes - uma modalidade popular e acessível para ser praticada por todas as classes. A associação ao lazer leva esse esporte a ser encarado como um instrumento alienante. Mas seria de fato esse meio uma forma de alienar o indivíduo? Aquele que acompanha o futebol, vai aos jogos, confere os

---

<sup>7</sup>SALES, Isabela. **Casagrande chama jogadores “popstars” de alienados.** Disponível em: <<http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2017/10/05/casagrande-chama-jogadores-popstars-de-alienados>>. Acesso em: jul. 2018.

resultados, as pontuações, as classificações dos clubes, de fato se encontra em estado de alienação? Buscando pensar por este caminho, outro exemplo que se encontra em sites na internet é o de Roni Pereira. Em seu texto intitulado “*Seu alienado! Disse a pessoa que não sabe o que é alienação*”<sup>8</sup>, Roni percorre pelas formas que se pode encontrar a terminologia alienação e, se de fato aquele que acompanha o futebol, se encontra em condição de alienação.

Adentrando pelo viés da filosofia de Karl Marx, sua publicação busca situar o leitor que acessa o site, mesmo que superficialmente, sobre as condições em que o indivíduo se encontra alienado. Os exemplos trazidos são: o trabalho alienado; o consumo alienado; o lazer alienado e a relação social e pessoal alienada buscando, assim, enquadrar a modalidade do futebol em algum destes exemplos. Através da apresentação desses diferentes espaços de alienação o jornalista pensou o futebol enquanto entretenimento e a sua associação com a alienação.

Assim, percorrendo pelo trabalho alienado - que em síntese coloca o trabalhador na condição de alienado por não poder desfrutar financeiramente dos benefícios de sua própria atividade - o futebol não se aplicaria diretamente, já que o futebol não é produzido pelo telespectador. Na perspectiva do consumo alienado, que é caracterizada de forma breve como a satisfação de uso e de posse de algo, a associação ao futebol, para o jornalista, fica distante também da alienação. Mesmo que o torcedor não possua domínio econômico sobre o seu time, ele, ao fazer a escolha acerca de qual time irá torcer, se apropria dele e o torna como algo de sua posse, o que lhe traz satisfações. Quanto ao futebol enquanto um lazer alienado, para Roni, da mesma forma não é condizente o uso de tal conceito, pois no futebol enquanto lazer [praticado ou assistido] o indivíduo consegue se envolver com ele.

Ainda no âmbito do futebol e da proposta de Roni Pereira, tem-se a compreensão acerca da relação pessoal alienada. Essa condição de alienação é caracterizada ao indivíduo que em determinada circunstância perde o contato consigo mesmo, no sentido de fazê-la se sentir como uma mercadoria, algo que ao torcedor não ocorre [talvez se aplique ao jogador que possui um valor econômico ao seu clube]. E, por fim, sobre a relação social alienada na qual ocorre a total indiferença de um indivíduo com outro(s), da mesma maneira como nas outras circunstâncias citadas segundo a postagem, também não aplicaria a definição de sujeito alienado. No esporte não ocorreria a indiferença a outros, pois o contato e a relação entre os torcedores ocorre de uma forma ou de outra.

---

<sup>8</sup> PEREIRA, Roni. **Seu alienado! Disse a pessoa que não sabe o que é alienação**. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/seu-alienado-disse-a-pessoa-que-n-o-sabe-o-que-aliena-o>>. Acesso em: jul. 2018.

Outro exemplo do uso cotidiano do conceito de alienação e futebol, é o do Jornal Grande Bahia, que publicou uma rápida reflexão sobre a relação do futebol, alienação e religião. A publicação intitulada “*O Futebol, os alienados e a religião*”<sup>9</sup> escrita por Alberto Peixoto apresenta a alienação como um distanciamento do homem, mas um distanciamento dos preceitos religiosos ao se relacionar com o esporte. Fazendo uma breve comparação entre os templos religiosos e os estádios de futebol, tal postagem traz a idéia de que ambos podem ser vistos como templos, pois, tanto os espaços religiosos, como os estádios, atraem um grande número de seguidores e fiéis em uma aglomeração na qual ocorrem venerações [seja de símbolos religiosos, seja de atletas]<sup>10</sup>.

Por meio dessa comparação, o autor Peixoto apresenta o que ele chama de “alienados religiosos”. Estes são os atletas que depositam em Deus a responsabilidade pela vitória conquistada em jogo ou o seu êxito em campo. A ideia ali apresentada se constrói sobre qual o critério seria utilizado pela justificativa da fé nas vitórias, se se consideraria a intensidade das orações, ou o número de fiéis - torcedores que fizeram suas preces pedindo a vitória de seu time. Aquele que atribui a Deus tais conquistas seria um indivíduo alienado. Mais uma vez a ideia de alienação é utilizada como a representação de um indivíduo que se mostra ou alheio, ou estranho, ou distante dos fundamentos e das ideias que pretensamente segue, e neste caso citado, a falta de entendimento sobre a justificativa de sua própria fé. Percebe-se a partir deste exemplo que o conceito de alienação também anda de mãos dadas com a noção de religiosidade. Passamos aos exemplos em que encontramos essa referência, a religião e alienação.

### 3.2 Alienação na religião

Pensemos primeiramente que é comum encontrar pessoas que seguem fielmente o que lhe é apresentado por sua religião, independente de qual ela seja e, nesse seguimento, muitos acabam desconsiderando o mundo que lhe é externo ao ficarem afastados do mundo terreno no qual os seus corpos vivem. E sobre isso, mesmo membros de instituições religiosas acabam se manifestando no propósito de alertar sobre este comportamento.

---

<sup>9</sup>PEIXOTO, Alberto. **O Futebol, os alienados e a religião**. Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2010/06/o-futebol-os-alienados-e-a-religiao/>>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>10</sup> Fenômeno recente e midiático foi o da criação do *Corinthianismo*. Publicidade feita pelo clube paulista de futebol na qual se elabora a criação de uma “nova religião” a partir dos relatos de seu ídolo Sócrates abordando a fé do torcedor corintiano tal como a fé de um religioso. Exemplo mais antigo é o da igreja de Diego Maradona na Argentina que rende cultos ao jogador.

A esse respeito, trazemos o que o pastor Heiderich publicou em uma de suas redes sociais com o título “*Não podemos ser alienados ao mundo*”<sup>11</sup>. Na publicação citada, o conceito de alienação se relaciona com aquele que se nega a perceber o mundo externo a sua volta e, nas palavras do pastor, “Um cristão verdadeiro não olha simplesmente para cima, olha para o lado também”. A indicativa de Heiderich foi sobre a necessidade de o indivíduo estar bem informado sobre os fatos que ocorrem na sociedade. A ideia apresentada mostra que a alienação é utilizada para referir-se àquele que se nega ao externo, e se torna estranho – alheio ao mundo -, e neste exemplo citado, a associação feita é a despreensão de alguns fiéis que ignoraram a sua realidade e dão atenção somente ao campo espiritual. Pensemos que a espiritualidade é colocada como uma busca por parte de muitos e possui considerável importância no seguimento de suas vidas. Se considerarmos a espiritualidade como uma das buscas da condição humana, muitas ideias e ações surgem nessa busca espiritual, e nela é possível também encontrar situações em que o indivíduo é colocado em uma condição de alienação.

Para complementar o exemplo anterior, recorreremos ao que fora escrito no blog Força Subconsciente em um breve texto desenvolvido por Moreno. Publicado com o título: “*Alienados Espiritualistas - Mistura de Teorias, Falácias e Comportamentos dos Espiritualizados, Despertos, Conscientes – (Bobos)*”<sup>12</sup>, esse texto indica que a busca espiritual e religiosa pode apresentar um indício de início de alienação daquele que se coloca nessa busca. Perante as diversas formas de espiritualização e busca de seguir um caminho religioso que está disponível ao indivíduo, o que ocorre é que diante de algumas dessas opções apresentadas muitos se julgam espiritualizados sem mesmo terem alcançado essa condição.

Segundo Moreno, vivenciamos um tempo que para muitos é livre o acesso às mais diversas culturas com suas seitas, religiões e dogmas, o sujeito da atualidade se depara com uma diversidade de opções para buscar sua espiritualização. Do mesmo modo, essa espiritualização se torna algo a ser comercializado e pode levar muitos a uma falsa impressão do que fora alçado a essa condição, ou seja, ocorreria uma alienação. Essa perspectiva é apresentada diante do fato de que muitos ao adquirirem adereços religiosos ou apresentados como místicos, ao frequentar de forma rápida os cultos e as cerimônias, ou, ainda, por fazerem uso de entorpecentes ou consumo exagerado de bebidas alcoólicas, julgam ter vivenciado ou

---

<sup>11</sup> HEIDERICH, Felipe. **Não podemos ser alienados ao mundo**. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/felipe-heiderich-nao-podemos-ser-alienados-ao-mundo.html>>. Acesso em: ? jul. 2018.

<sup>12</sup> MORENO, Felipe. **Alienados Espiritualistas - Mistura de Teorias, Falácias e Comportamentos dos Espiritualizados, Despertos, Conscientes – (Bobos)**. Disponível em: <<http://www.forcasubconsciente.com/2017/10/alienados-espiritualistas-mistura-de.html>>. Acesso em: jul. 2018.

alcançado um estado de espiritualização elevada. A esses o termo alienação é empregado, mas não somente. As indicações sobre essa condição de alienação, nesta publicação, também consideram aqueles que adotam determinada doutrina buscando certo equilíbrio espiritual com suas práticas e ações, como por exemplo: optar em não consumir alimentos de origem animal, mas acabam sendo hostis com o próximo, ou, por terem realizado uma rápida viagem a determinado local “místico”, julgam-se superiores que outros, apresentando isso em seu comportamento de desprezo e indiferença a seu semelhante.

Com os exemplos citados, a condição de alienação é trazida como a representação do indivíduo que se coloca como espiritualizado sem ter alcançado tal estado. Este não se encontrou com a sua espiritualidade e engana a si mesmo por se fazer acreditar que, de fato, resolveu os dilemas existenciais de sua vida colocando-se em um nível espiritual mais elevado.

Ainda sobre a alienação e a religião, é válido pensar o termo quando empregado na expressão de sujeito alienado. O site Sinais dos Tempos traz essa definição e aponta que essa expressão não é somente utilizada por aqueles que estão em busca de alguma religião, mas associado àqueles que já seguem alguma doutrina religiosa. Estes, segundo os dados coletados neste site, em determinados momentos, são chamados de religiosos alienados, sendo uma expressão comum usada por aqueles que iniciam um estudo que percorre pelo lado contrário das verdades apresentadas pela religião. Essa expressão de alienados religiosos não é bem aceita por aqueles que defendem as verdades apresentadas pela fé.

Com o intuito de apresentarmos um breve exemplo sobre essa expressão de alienação, recorreremos ao que foi postado no site Sinais dos Tempos. Nesta página é possível encontrar uma resposta à pergunta: “*É o cristão, ou mesmo o católico, alienado?*”<sup>13</sup>. Pergunta realizada para, ao fim, defender-se da acusação que é feita aos cristãos: pessoas presas a sua religiosidade; sem utilizar a sua racionalidade e sem a preocupação com os problemas sociais circundantes. Por se tratar de um site de cunho religioso, as defesas se sustentam a partir do recurso da fé. A definição do termo alienação é relacionada ao desinteresse do indivíduo em questões sociais e políticas, mas estes interesses estão segundo alguns religiosos inseridos em suas preocupações, mas pela tentativa de pensá-los via preceitos trazidos e defendidos segundo a sua crença. Deste modo, aquele que é cristão de fato tem sua religião como o foco da atenção principal, mas não é por isso que deixaria de se colocar diante do que lhe é externo, somente

---

<sup>13</sup> ANEGELO. *É o cristão, ou mesmo o católico, alienado?* Disponível: <<http://www.sinaisdostempos.org/perguntas/catolico-alienacao>>. Acesso em: jul. 2018.

não considera as doutrinas filosóficas, nem tão pouco os saberes humanos mundanos para resolvê-los, as resoluções assim advém do que lhe é atribuído via a sua crença.

Ainda algumas ideias acerca dessa abordagem sobre alienação e religião são encontradas no site Bereianos - Apologética e Teologia Reformada. Apresentando com o título; *“Igreja atual: uma geração de Cristãos alienados”*<sup>14</sup>, o autor desse breve artigo busca apresentar argumentos que justificam por que é possível enquadrar o atual sistema evangélico-eclesiástico como reprodutor de uma geração inumerável de cristãos alienados. Sua justificativa sobre essa afirmação decorre do fato de que o estudo sobre a palavra de Deus não é devidamente apresentada com o incentivo ao estudo, a interpretação e a liberdade de reflexão. O tempo de culto, cerimônias e rituais religiosos são tomados por atividades musicais e homenagens, deixando o fiel com pouco tempo de assimilação de entendimento acerca da bíblia. Outra justificativa dessa afirmação é direcionada a figura do pastor, já que esse em muitas circunstâncias é tratado como uma pessoa que está acima das demais, associando-o a representação de santo, ou profeta, ou aquele que não pode ser em hipótese alguma questionado ou contestado.

Essa aceitação da representação do pastor ou de não possuir discernimento sobre o que ocorre nos cultos e cerimônias religiosas pode conduzir o fiel ao estado de alienação. Esse indivíduo se mostra passivo a todas as normas e regras religiosas apresentadas a ele e não as questiona, e tão pouco demonstra interesse sobre o que fundamenta tais preceitos que segue, restando-lhe somente a bajulação e a subordinação. Ao aceitar tais condições, se esvai sua racionalidade crítica e ocorre um sacrifício de sua individualidade e autonomia. Perante essa condição, a pessoa perde sua identidade e vira estatística, tornando-se mais um dígito que corresponde ao número de fiéis da igreja.

Consideramos importante afirmar que o critério de julgar um indivíduo como alienado ou não, é absolutamente vago nos usos citados até aqui. Recordamos que o intuito desta parte de nossa dissertação é expor o leitor ao uso corrente do conceito de alienação nas mais diversas esferas do cotidiano. Desse modo, o que se apresenta nestes tópicos é aquilo que se espera da filosofia: partir do senso comum.

---

<sup>14</sup> SANTANA, Cristiano. **Igreja atual: uma geração de Cristãos alienados.** Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2009/04/igreja-atual-uma-geracao-de-cristaos.html>>. Acesso em: jul. 2018.

### 3.3 Alienação na política

Política se tornou nos últimos anos um assunto corriqueiro da população brasileira, sendo frequentemente citado nas conversações do cotidiano. Percorrendo pela superficialidade ou pela posição aprofundada sobre o assunto, conversas e notícias sobre este tema rendem um amplo campo de reflexão e, não poderia ser diferente, o conceito de alienação constantemente é utilizado quando se adentra em assuntos sobre a política.

É algo frequente nas conversas e em notícias o uso do adjetivo “alienado” referindo-se àquele que não demonstra interesse na política, que até mesmo demonstra certa repulsa ao ouvir o assunto em uma conversa ou, principalmente, se não compartilha dos mesmos preceitos políticos do outro. Muita desta associação é direcionada aos jovens de hoje, pois, diz-se, que para muitos esse assunto não seria relevante. Para se pensar sobre essa associação entre desinteresse dos jovens e a política, a revista Super Interessante em uma de suas edições publicada em março de 2013 apresenta considerações relevantes sobre esse assunto. Tendo como título *“Os jovens não eram tão alienados. A verdade: Mesmo vivendo numa ditadura militar, a maioria dos pais de hoje não estava nem aí para a política”*<sup>15</sup> a reportagem apresenta dados que mostram que os jovens que viveram durante a ditadura eram tão indiferentes com assuntos de cunho político como os de hoje. Vejamos alguns dos dados apresentados na reportagem:

[...] Em 1966 – dois anos depois do golpe militar -, 44% dos jovens eram a favor do regime, 39% não tinham opinião formada e 17% eram contra, segundo uma pesquisa da revista Realidade. Em 1979, 70% dos jovens se manifestavam “satisfeitos” com a situação do país, de acordo com uma pesquisa Gallup. Já na transição para a democracia, o jovem brasileiro ficou menos apático. Mas não tanto. Em 1987, 45% consideravam importante a participação política, enquanto 41% não tinham opinião formada e 14% consideram pura perda de tempo. Nem mesmo o fim da censura ao cinema, ao teatro e à TV era unanimidade: 32% eram favoráveis ou indiferentes à censura. (RODRIGUES, 2013)

Essas informações são citadas para pensarmos a expressão de alienação quando se refere aos jovens e a sua apatia sobre a política. De acordo com a notícia, o que se nota, é que tanto na época da ditadura militar [1964-1985] como na época da democracia, a associação entre jovens e a indiferença à política ocorre. Constatação que destoia daquilo que normalmente temos exposto em mídias tradicionais ou em debates do senso comum. Ainda para trazermos outra associação entre a política e a alienação - e as maneiras que foram utilizadas pela nossa

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, Anna Carolina. **Os jovens não eram tão alienados. A verdade: Mesmo vivendo numa ditadura militar, a maioria dos pais de hoje não estava nem aí para a política.** Disponível: <<https://super.abril.com.br/comportamento/23-os-jovens-nao-eram-tao-alienados/>>. Acesso em: jul. 2018.

imprensa para referir-se a ela -, apresentamos de forma breve o que escreveu Santos, no site Segunda Opinião. Em um artigo intitulado “*Os alienados e cegos pelo fanatismo partidário estão semeando brutal explosão de violência, que virá*”<sup>16</sup>, torna-se possível encontrar uma definição de indivíduo alienado como aquele que se fecha em princípios de seu partido político, criando impasses partidários e fanatismo construído sobre eles. De forma crítica, esse artigo leva à reflexão sobre a atuação de juízes, promotores, procuradores e policiais em suas atuações contra as figuras políticas citadas em casos de corrupções políticas. A atuação sobre as denúncias em determinados momentos fica estagnada em burocracia pública, incentivando denúncias precipitadas, deliberada violação de sigilo e acaba por favorecer manifestações do que se chama de fanatismo partidário. Sobre isso, o site apresenta:

[...] os alienados e cegos pelo fanatismo partidário estão semeando brutal explosão de violência, que virá, a menos que autoridades maiores os recoloquem no afazer a que estão obrigados: apurar e revelar, sem firulas e descontroles de conduta, os crimes cometidos contra a sociedade brasileira [...] (SANTOS, 2016)

Neste caso específico, a alienação é citada para representar aqueles que em suas específicas funções se fecham em ideais de defesas partidárias, e isso acaba acarretando em lentidão no andamento processual do julgamento dos casos denunciados de corrupção política. Essa situação atrasa a justiça e a aplicação das sanções aos culpados e atinge diretamente a sociedade com a impunidade.

Essa terminologia da alienação associada à atuação de pessoas no meio político também é utilizada para expressar os caminhos tomados pelos políticos em suas ações desvirtuadas. Assim, tal associação encontra-se no jornal A Folha de São Paulo, que publicou um artigo intitulado “*Prêmio Nobel ataca elite alienada e propõe mais impostos para os ricos*”<sup>17</sup> – uma espécie de resenha da obra “*The Great Divide*”, de Joseph Stiglitz. O estudo desenvolvido pelo economista Joseph Stiglitz leva a constatação que a desigualdade social vem aumentando de forma considerável no decorrer dos anos. A riqueza e a renda do país cada vez mais se concentram em posse das elites e isso é incentivado por membros políticos que fazem parte desta elite e que atuam em favor do aumento desse quadro. Essa elite citada está numa condição de alienação, pois não tem acesso direto e muito menos interesse em saber de questões e problemas que ocorrerem abaixo de seu nível social e econômico. Aquilo que ocorre no país

---

<sup>16</sup>SANTOS, Guilherme Wanderley dos. **Os alienados e cegos pelo fanatismo partidário estão semeando brutal explosão de violência, que virá**. Disponível em: <<http://segundaopinioao.jor.br/3116-2/>>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>17</sup> LUCENA, Eleonora de. **Prêmio Nobel ataca elite alienada e propõe mais impostos para os ricos**. Disponível em: <<http://www.a12.com/jornalsantuuario/artigos/elite-alienada-ou-alienacao-como-condicao>>. Acesso em: jul. 2018.

pouco lhes interessa, se cria um “fosso social fabricado” – palavras do economista Stiglitz. Como consequência disso, os diversos setores do país encontram dificuldades em encontrar meios de recuperação econômica, pois a economia tende a beneficiar uma pequena elite com concentração de riquezas e dificultando o desenvolvimento de outras classes.

Ainda ao considerar o fator político, a ideia de alienação se mostra em defesas ou críticas de ideias político-partidárias, ou associada àquele que deposita toda a sua confiança de governo em personagens políticos. No atual momento vivenciado no Brasil, isso está em evidência. Para pensarmos essa associação, recorreremos à postagem “*Quero ser alienado*”<sup>18</sup>, na qual o colunista André Falcão expõe suas ideias no site Pragmatismo Político. O colunista busca trazer o conceito em tom de ironia para demonstrar o desejo de um comportamento a ser adotado por parte da população diante das notícias de corrupção e envolvimento de políticos em ações desonestas. Essa ironia é trazida por Falcão quando escreve: “Quero ter orgulho de meus heróis, limpos, éticos, avesso às falcatruas e à corrupção” - ideia apresentada na demonstração de insatisfação da população com seus representantes políticos. E se estando alienado, se torna mais confortável enfrentar os problemas políticos, pois assim é estar indiferente ao que ocorre nesse meio. Ainda percorrendo pela idéia da relação entre a política e a alienação, a concepção de estar alienado também é associada àqueles que optam em seguir, ou defender seus respectivos partidos e/ou representantes políticos. Para apresentarmos exemplos dessa associação recorreremos a algumas postagens que estão circulando nos meios de informação, como o que foi publicado no Jornal da Cidade, em sua página on-line.

Trazendo como título “*Militância petista é alienada, totalmente insana e perigosa*”<sup>19</sup>, Vanessa Mallmann, autora da publicação, associa o adjetivo alienado(os) à militância partidária do Partido dos Trabalhadores [PT]. Essa sua associação é fundada nas defesas feitas pelos seguidores do PT em redes sociais, ao afirmarem a inocência do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva diante das acusações que recaem a ele. Mallmann configura essa defesa ao ex-presidente como “um fanatismo preocupante”, e a esses que acreditam em sua inocência, o conceito de alienação é empregado.

Pelo mesmo caminho de associação entre o conceito de alienação e uma posição diante de um personagem político, o termo alienação pode ser encontrado para definir aqueles que

---

<sup>18</sup>FALCÃO, André. **Quero ser alienado.** Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/09/quero-ser-alienado.html>>. Acesso em: Ago. 2018.

<sup>19</sup> MALLMANN, Vanessa. **Militância petista é alienada, totalmente insana e perigosa.** Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/5577/militancia-petista-e-alienada-totalmente-insana-e-perigosa>>. Acesso em: Ago. 2018.

demonstram apatia ou apoio ao político Jair Bolsonaro<sup>20</sup>. Em seu blog, o jornalista Josias de Souza traz uma rápida associação do termo aos apoiadores desse político e apresenta como título de sua coluna “*Bolsonaro é porta-voz de uma agenda proterozoica que seduz parte do Brasil*”<sup>21</sup>. O conteúdo dessa postagem é uma busca de Souza em expor seus argumentos que são direcionados contra Bolsonaro, trazendo a seguinte afirmação: “A maneira mais cômoda de tratar Jair Bolsonaro é atribuir o seu sucesso à alienação dos brasileiros, que o colocam no topo das pesquisas. Isso desobriga as pessoas da necessidade de pensar”.

Na exposição do jornalista, as pessoas se tornam adeptas a seguir esse político pela facilidade de não precisar pensar sobre a sua escolha política. Diante da instabilidade política em que o Brasil se encontra, evita-se o raciocínio perante outros políticos e, assim, a escolha de seu representante é algo que já se deu por resolvido - mesmo que não se tenha aprofundamento sobre as ideias e propostas de Bolsonaro. A este tipo de eleitor, Souza, emprega o termo alienado com a intenção de apresentar a falta de racionalização sobre a escolha de um representante político.

Como podemos notar, o campo da política é um rico espaço para percorrermos sobre as associações e utilizações do conceito de alienação. Ou pela indiferença à política, ou pela concordância e discordância de figuras políticas, o conceito é frequentemente utilizado nas publicações que apresentamos.

### 3.4 Alienação e Tecnologia

Se pararmos para analisar o rumo que tomou o desenvolvimento dos aparelhos tecnológicos de nosso tempo, é algo que nos impressiona. Cada vez mais nos deparamos com novas tecnológicas, novos aplicativos digitais, novas formas de se conectar com o mundo, o que nos faz perceber que vivemos em uma Era digital. É um momento que estamos nos tornando dependentes de aparatos tecnológicos e digitais, e estes se tornaram extensões do nosso corpo, sendo que muitos deles são quase indispensáveis para a realização de determinadas ações que exercemos no cotidiano.

---

<sup>20</sup> Na época da qualificação desta dissertação ainda falávamos de Jair Bolsonaro enquanto candidato a presidência pelo PSL. Agora, já no ano de 2019, tem-se o mesmo como ocupante do cargo de presidente do Brasil [explica-se deste modo alguns usos das informações aqui expostas].

<sup>21</sup>SOUZA, Josias de. **Bolsonaro é porta-voz de uma agenda proterozoica que seduz parte do Brasil**. Disponível em: <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2018/06/30/bolsonaro-e-porta-voz-de-uma-agenda-proterozoica-que-seduz-parte-do-brasil/>>. Acesso em: Ago. 2018.

Essa Era digital, além de estar diretamente relacionada com os interesses econômicos, serve como auxílio à vida do homem. Da mesma forma que traz inegáveis benefícios práticos, também constrói sobre si uma imagem de superioridade. Essa suposta superioridade pode ser questionada ao considerarmos como esses avanços influenciam para o aprimoramento da conduta humana. É fato que através do uso de determinadas tecnologias a vida do ser humano se tornou mais simples, e funções que pouco tempo atrás demandavam muito esforço para se realizar, hoje, se faz com pouca ou nenhuma dificuldade. Mas juntamente com esses benefícios, certas consequências do uso excessivo ou impróprio dessas tecnologias podem acarretar em agravantes que afetam diretamente o desenvolvimento humano. Fica claro que a partir do desenvolvimento das tecnologias, temos o telefone, os remédios, mas também as bombas, as exclusões.

A utilização precoce ou excessiva de determinadas tecnologias pode acarretar em uma alienação na qual o indivíduo se isola em suas tecnologias e faz de sua realidade virtual a principal prioridade. Essa condição não atinge somente jovens e adultos, como também crianças que estão em fase de desenvolvimento e encontram na realidade virtual sua única forma de se relacionar com o mundo. Buscando contribuições a essa linha de pensamento, vale refletirmos sobre essa condição de alienação e as tecnologias, e o que foi apresentado pelo Jornal Estadão se torna coerente. Em uma edição de 2016, a jornalista Lisauskas apresenta uma entrevista com Dr. Cristiano Nabuco (coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas) e compartilha rápidas considerações sobre essa relação entre alienação e tecnologia. Apresentado com o título “*Estamos criando uma geração de alienados*”<sup>22</sup> a entrevista traz informações alarmantes sobre o uso cada vez mais precoce de crianças em fase de desenvolvimento, as quais estão, concomitantemente, desenvolvendo dependência a uso de computadores, smartphones, videogames e tablets. Isso está desenvolvendo nessas crianças uma incapacidade de interação e relacionamento com os outros [a sua relação social resume-se em contato virtual].

O uso ininterrupto de dispositivos eletrônicos leva a situações em que as crianças, jovens e adultos passam boa parte das horas de seu dia dentro do mundo virtual, ausentando-se de funções e ações simples e necessárias para o seu corpo humano como: tempo para a alimentação, cuidados com a higiene e a realização de necessidades fisiológicas. O que está apresentado não significa que o uso desses aparelhos deva ser proibido, somente é citado como

---

<sup>22</sup> LISAUSKAS, Rita. **Estamos criando uma geração de alienados**. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/estamos-criando-uma-geracao-de-alienados-afirma-psicologo-do-hc/> >. Acesso em: jul. 2018.

um alerta ao uso precoce e desapropriado desses aparelhos, já que estes podem formar, nesta situação citada, uma forma de alienação do indivíduo. Além dessa situação de alienação, na qual esse indivíduo fica alheio da sua realidade e dedica-se somente a realidade virtual, o uso constante das novas tecnologias pode afetar diretamente sua busca de compreensão e assimilação de conhecimento e informações que são relevantes para formação intelectual. Para explicitar esse argumento, apresentamos o que foi colocado pelo Dr. Cristiano Nabuco e publicado no Jornal Estadão:

Grande parte das informações que nos chegam pelos smartphones são absolutamente irrelevantes. Essa alternância de operação mental de ler um livro e parar para ver o celular, ouvir o professor e checar o celular, debruçar sobre um trabalho e voltar para o celular, começa a criar um padrão onde progressivamente o cérebro vai perdendo a capacidade de se aprofundar. A ponto de hoje, muitas vezes, quando nós vamos dar aula para os jovens na universidade e na graduação, eles não conseguem mais se debruçar e se aprofundar sobre textos mais densos. Eles perderam a capacidade de concentração. O manuseio contínuo das redes sociais, das buscas, da música e da fotografia, à ‘caça’ ao Pokémon, tudo isso cria uma poluição que compromete profundamente da lógica e a capacidade de raciocínio. (LISAUSKAS, 2016)

A essa utilização frequente e às vezes excessiva de instrumentos tecnológicos, cria uma situação que pode atingir a todos que vivem esse momento de ascensão tecnológica e digital. Afeta assim, não somente as relações sociais, como também o processo de absorção de conhecimentos relevantes para sua formação humana. A alienação então estaria, segundo o que apresenta a entrevista, nesse mau uso da tecnologia. Por ele se cria o afastamento do indivíduo daquilo que lhe é indispensável, o contato com sua realidade física/relações humanas, sendo assim necessário ir além daquele contato criado por intermédio de uma tela. Claro fica o paradoxo apresentado pelos autores marxistas com leituras da psicanálise: não há mais uma realidade *versus* virtualidade, mas um real-real *versus* real-virtual<sup>23</sup>.

### **3.5 Alienação e relações humanas**

Partimos do grupo mais próximo de nossa pesquisa – os jovens – que, normalmente, são alvo de notícias acerca dos seus comportamentos. Tanto nos meios de comunicação tradicionais [televisão, rádio, jornais, periódicos], quanto em publicações nas redes digitais [blogs, portais de informação, instagram, facebook, etc.] este grupo constantemente é relacionado ao conceito de alienação. Ao que parece, o público jovem se torna um parâmetro nessas publicações para se pensar o andamento da sociedade. Adentrando pela área da atuação profissional destes

---

<sup>23</sup> Discussão apresentada contemporaneamente pelo filósofo esloveno Slavoy Zizek no livro “O deserto do real” e em seu vídeo-aula “A realidade do virtual”.

jovens, o site de notícias Uol apresentou a seguinte coluna *“Jovens, que representam o futuro, estão alienados com o presente”*<sup>24</sup>. O conteúdo dessa coluna, escrita por Sílvia Gusmão, apresenta a atual condição dos jovens brasileiros e as suas perspectivas com o futuro profissional. O que é citado pela autora é uma colocação dos jovens em situação de alienação com o futuro profissional que lhes espera. Perante a análise do comportamento e das perspectivas do jovem brasileiro no mercado de trabalho, o que se pode constatar é que poucos estão inseridos nesse meio, ou nem mesmo demonstram interesse em ingressar num futuro próximo. Uma justificativa do motivo desse quadro é o da característica da juventude atual, segundo a publicação, não aprendeu ainda a encarar possíveis frustrações de rejeição no mercado de trabalho, ou se veem intimidados com a alta competição e exigências cada vez maiores que são requisitos comuns para aquele que se propõe a estar nesse meio.

De acordo com a matéria, muitos jovens evitam o desprendimento com os laços familiares, não somente pelo fator sentimental humano, mas pela segurança e estabilidade financeira que encontram enquanto residem com os seus familiares. Estes jovens prolongam a sua saída dos lares de seus pais na busca de primeiramente se estruturarem financeiramente para depois construir uma vida independente e uma estabilidade no mercado de trabalho. Essa falta de pretensão de inserir-se no mercado de trabalho, o comodismo da estabilidade financeira proporcionada por familiares, e a alta competitividade, colocariam alguns jovens brasileiros em uma situação de alienação, segundo Sílvia Gusmão. Esses não estão aperfeiçoando os seus conhecimentos, não estão estudando, não estão trabalhando e tão pouco preocupados em procurar melhores perspectivas para o seu futuro. Acerca do que incentiva esse comportamento, vários culpados são apresentados: a educação, a tecnologia, a mídia, os entretenimentos de lazer, etc. Já Ligia Deslandes, em um texto intitulado *“Estamos formando uma geração de egocêntricos, alienados e inconsequentes”*<sup>25</sup>, apresenta, em síntese, que esta geração encontra-se nessa condição de alienação devido à ausência de acompanhamento e da estrutura familiar que falha em seu papel de educar deixando os seus filhos por longo tempo em redes sociais, obcecados pela tecnologia. Outro motivo seria a forma de direcionar um tratamento adulto ao público infantil ao incentivar desde muito cedo a competitividade. De acordo com a blogueira, esses jovens cada vez mais aspiram padrões corporais, comportamentos inadequados,

---

<sup>24</sup> GUSMÃO, Sílvia. **Jovens, que representam o futuro, estão alienados com o presente**. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/coluna/trajeto-profissional/noticia/2013/09/23/jovens-que-representam-o-futuro-estao-alienados-com-o-presente-444207.php>>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>25</sup> GONÇALVES, Isabel Cristina. **Estamos formando uma geração de egocêntricos, alienados e inconsequentes**. Disponível em: <<http://www.ligiadeslandes.com.br/17/01/2016/estamos-formando-uma-geracao-de-egocentricos-alienados-e-inconsequentes/>>. Acesso em: jul. 2018.

informações que rapidamente são absorvidas e boa parte disso advindo do meio midiático. Isso aos poucos ofusca a individualidade e constrói padrões a serem seguidos, colocando essas crianças e jovens no estado de alienação.

Pensando pela mesma linha de raciocínio, o Jornal Correio do Estado publicou um artigo chamado “*A futilidade e a alienação atual dos jovens podem colocar nosso futuro em risco?*”<sup>26</sup>. O artigo cita exemplos de comportamentos dos jovens que gera preocupações sobre o que poderá ocorrer futuramente. Apontando que muito desse comportamento tem início na fase da infância, argumentam que a criança é exposta ao incentivo de um amadurecimento muito rápido e assim lhe falta um desenvolvimento lúdico. Ela se depara também com os incentivos às futilidades estéticas que pouco acrescenta em sua formação cultural e social. Nisso ocorre uma falha dos responsáveis desta criança, pois lhes falta aproximação, convivência e diálogos que são relevantes para acompanhar o desenvolvimento e a formação educacional daquele que está sendo inserido em uma sociedade complexa.

Estes exemplos citados levam muitos a justificar os motivos e as causas da alienação na qual os jovens se encontram: ou são influenciados e estimulados para se adequarem a um padrão de comportamento imposto, ou simplesmente por carência de orientação sobre a sua construção de conduta de se tornarem sujeitos independentes com responsabilidades, se mostram em um completo descaso com os seus dias futuros. Diante disso, estes jovens perdem-se no caminho da sua educação e formação, sendo ou facilmente manipulados ou incorporando em si uma impotência de fazer algo por vontade própria. Dessa forma a educação está inserida como uma das causas responsáveis para tal alienação, mas não se mostra sozinha nessa formação dos jovens. Portanto, julgamos pertinente destacar outros meios que se inserem nesse processo educativo humano e que mantém relação com a alienação.

### **3.6 Alienação e entretenimento**

O entretenimento é apontado como um requisito indispensável para a manutenção de nossa saúde mental e psicológica. Momentos de diversão e lazer fazem parte de nossa cultura e, embora se saiba de sua relevância para o viver humano, este tempo/ócio é apresentado como uma forma de alienação do indivíduo. Sobre esse apontamento, o professor Anderson Pinho

---

<sup>26</sup> COSTA, Laura Silva. MORETTI, Sérgio Luiz do Amaral. **A futilidade e a alienação atual dos jovens podem colocar nosso futuro em risco?** Disponível em: <<https://www.correiadoestado.com.br/opiniaio/a-futilidade-e-a-alienacao-atual-dos-jovens-podem-colocar-nosso/242210/>>. Acesso em: jul. 2018.

traz em uma de suas postagens no site Filosofia Total o texto intitulado “*Lazer Alienado*”<sup>27</sup>. Neste texto, Pinho apresenta algumas formas de entretenimento que podem incentivar a uma estagnação do desenvolvimento humano. Ainda podem condicionar o indivíduo a um comportamento que lhe escapará o discernimento de escolha, perdendo gradativamente a capacidade de agir de acordo com a sua vontade e autonomia. Ocorrendo isso, esse indivíduo é conduzido por aquilo que lhe é apresentado via entretenimento, por aquilo que deveria lhe servir como diversão e lazer.

O que se constrói entre o entretenimento e a alienação é uma formação de dominação ideológica. Dominação essa que é desenvolvida gradativamente via os meios de comunicação que servem de lazer e entretenimento para a população em geral. Diante dessa perspectiva de pensarmos as formas de lazer como aquilo que traz diversão, podemos perceber sua forte influência na formação de um determinismo que recai sobre o indivíduo e a sua formação. Influência que pode ser notada na imposição sobre o que deve ser feito, o que deve ser consumido, e essas imposições são apresentadas e incentivadas pelo meio midiático que através das propagandas, dos programas televisivos, dos artistas, dos filmes, das novelas, etc., conduzem à formação explícita de um modelo/comportamento alienado.

Recorrendo somente a um exemplo de entretenimento bastante acessível e dito como um dos principais mecanismos para o processo de alienação, trazemos a interação do indivíduo com a televisão. Analisemos o que foi publicado pelo site da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas em um texto de autoria do professor Castro do Departamento de Administração e Planejamento da Faculdade de Educação da UFAM intitulado “*A televisão como instrumento de alienação*”<sup>28</sup>. Neste texto, pode-se perceber que a ideia de alienação é trazida como uma consequência das programações exibidas por esse instrumento de entretenimento e fonte de informação. Segundo esta publicação, a relação entre a alienação e a televisão é fundada na falta de conteúdos relevantes para a formação e educação humana. O que ali se mostra como entretenimento é um instrumento alienante que, nas palavras de Castro:

[...] atua em favor dos interesses políticos e econômicos, objetivando manter e acentuar as diferenças, reduzindo a força e o hábito do pensamento crítico, e concentrando-se nas questões triviais e sensacionalistas, que conduz as pessoas a uma fuga da realidade social. (CASTRO, 2015)

---

<sup>27</sup> PINHO, Anderson. **Lazer Alienado**. Disponível em: <https://filosofiatotal.com.br/lazer-alienado/>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>28</sup> CASTRO, Rubens da Silva. **A televisão como instrumento de alienação**. Disponível em: <<http://www.adua.org.br/artigos.php?cod=165>>. Acesso em: jul. 2018.

De acordo com os caminhos propostos pelo texto, o comportamento do indivíduo pode ser diretamente influenciado e formado através daquilo que é transmitido por esse meio de entretenimento/comunicação. Faltando-lhe informações relevantes e sobrando futilidades e informações superficiais ou manipuladoras, as programações carecem de assuntos que acrescentem na educação e formação daquele que a assistem. Não considera proporcionar, além do lazer, um auxílio na formação da criticidade e posicionamento autônomo do telespectador, apenas busca transmitir ideias rasas em conteúdos e formar um cidadão facilmente influenciável e manipulável. Ao mostrar em um telejornal uma sequência de notícias que intercalam um show do Queen, um terremoto no Japão e um processo criminal no Brasil a televisão seria um mero instrumento de passatempo ou da formação de uma cultura *light* [nos termos do literato Mario Vargas Llosa].

### 3.7 Alienação e Música

A música está entre as formas que o ser humano encontrou para usufruir de alguns momentos de lazer e descontração. Sendo uma expressão artística que acompanha o desenvolvimento da cultura humana, a música, da mesma forma que transmite uma carga histórica cultural, também diverte e é tida como um dos modos de expressão dos sentimentos humanos. Mesmo assim, nos noticiários, há forte relação entre o conceito de alienação e a música. É preciso destacar que normalmente tal relação é atribuída a alguns estilos musicais da atualidade, principalmente àqueles que mantêm fortes laços com o campo mercadológico e com a marca do preconceito de classe reinante em nossa realidade. Essa associação entre alienação e música centraliza seus argumentos no fato da música da atualidade [midiática e classista] não oferecerem nenhum aporte para se tratar de assuntos de cunho político, crítica social e assuntos que possam acrescentar de algo positivo naquele que a escuta.

Para mostrarmos como essa associação da alienação está presente no campo de discussões da música, recorreremos à publicação de Marcondes compartilhada no site <[www.administradores.com](http://www.administradores.com)>, em um breve artigo intitulado “*Como a música influencia na sociedade*”<sup>29</sup>. Tal autor caracteriza a música da atualidade como instrumento de alienação porque a produção das músicas visa somente o lucro e está alienando os indivíduos de nossa sociedade. Esse controle das mídias sobre a música acaba ofuscando aquelas que não se

---

<sup>29</sup> MARCONDES, Marco. **Como a música influencia na sociedade.** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/entretenimento/como-a-musica-influencia-na-sociedade/105489/>>. Acesso em: jul. 2018.

adequam ao que dita o consumo e a comercialização, deixando em evidência somente o que proporciona lucros e, assim, a qualidade musical entra em decadência [aliando a decadência à noção de alienação]. Em resumo, a música se torna um instrumento comercial e dita valores que contribuem para um declínio cultural.

Ainda sobre essa perspectiva, o Jornal Cruzeiro do Vale publicou um texto de autoria de Thiago Burckhart, com o título “*A decadência das músicas atuais*<sup>30</sup>”. A fundamentação do texto consiste no crescente mercado musical que apresenta músicas que não valorizam a possibilidade daquele que a escuta em desenvolver reflexões, construir questionamento e encontrar algo que lhe agregue em sonoridade, melodias e ritmos. A criatividade musical se esvai com versos repetitivos que constroem apologias e incentivo aos preconceitos que agridem valores morais.

Essa forma pela qual se mostra a formatação da música atual e a sua associação à alienação leva em consideração o desenvolvimento da *indústria cultural*<sup>31</sup> presente e muito influente em nosso tempo. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, a arte, de uma forma geral, além de se manifestar perante assuntos sociais, políticos e econômicos, se tornou um mercado muito lucrativo. Isso é algo que conduz as manifestações artísticas no caminho do mero econômico, um produto que se produz e se vende. Assim, nessas condições, a música se tornou algo que pode gerar grandes lucros deixando para segundo plano a busca pela contribuição cultural com transmissão de saberes que contribuam para a formação e aprimoramento humano.

Essa condição carrega em si a forte influência ideológica sobre aqueles que consomem, escutam e reproduzem as músicas. Não é raro encontramos seguidores e fãs de alguns determinados artistas que acabam reproduzindo e imitando algo que se assemelhe aos seus ídolos no vestuário, na estética corporal, no comportamento, etc. Juntamente com essas reproduções, algumas ideias são transmitidas e, se essas ideias carregam em si um esvaziamento de conteúdo, o que se forma é uma mera reprodução daquilo que lhes é apresentado. A isso se associa a incapacidade do indivíduo de discernir lazer e diversão, da imposição e dominação ideológica e cultural a qual é submetido. Nessa situação o indivíduo é considerado mais um

---

<sup>30</sup> BURCKHART, Thiago. **A decadência das músicas atuais**. Disponível em: <<http://www.cruzeirodovale.com.br/artigos/a-decadencia-das-musicas-atuais/>>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>31</sup> Definição utilizada por Theodor W. Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) na obra “*Dialética do Iluminismo*”. Na qual apresentam a indústria cultura como àquela que se utiliza de manifestações artísticas para transformá-las em algo que possa ser comercializado, utilizando-se da arte como um instrumento de domínio e controle social.

entre aqueles que são manipulados pela indústria cultural e que corresponde aos interesses da cultura de massa, e sobre ele recai a associação de indivíduo alienado.

\*\*\*\*\*

A partir de nossa rápida pesquisa, foi possível notar que a apropriação do termo alienação é frequentemente citado, associado e referenciado pelas mídias. Em alguns momentos com coerência em relação ao sentido que tal conceito ganhou nos debates da história da filosofia e, em outros momentos, com ampla dissonância. Mas o que buscamos nesse momento foi sustentar/expor que a utilização do conceito de alienação é constante nas notícias, informações e reflexões do senso comum. Para um trabalho intimamente vinculado com a sala de aula – exigência profícua do PROF-FILO – não se pode virar as costas para o que as mídias estão tratando. Não se pode negar o fato de que os nossos alunos em vários momentos recorrem aos blogs, aos vídeos, aos portais de informação para atualizarem seus repertórios do dia a dia [responderem às atividades propostas pelos professores, etc]. Se de fato há o interesse em propor mudanças no modo de conduzir o ensino de filosofia na educação básica, é preciso deixar os preconceitos academicistas de lado. É preciso entrar no mundo concreto no qual vivemos constituído por uma sociedade midiática e que encontrou nas rápidas informações o seu modo mais direto de acessar o mundo. Negar a realidade é o primeiro passo para nos envolvermos em ideologias. Não se pode ter o luxo de construir uma aula de filosofia a partir de ideias sobre ideias [ideologia para Marx]. Há alunos concretos, há mídia concreta, há problemas concretos, há escola concreta.

Com o intuito de sistematizar nossas primeiras perspectivas sobre os usos do conceito de alienação encontrados nas diversas reportagens por nós pontuadas, elaboramos um pequeno quadro expositivo:

Quadro I:

<b>ALIENAÇÃO</b>	
<b>Etimologia</b>	<i>Alienare – Alienus</i> : pertence a outro/a algo.
<b>Senso Comum</b>	Ausência de consciência ou informações. Alheio a algum fato.
<b>Uso pejorativo</b>	Indivíduo que é facilmente manipulado. Desprovido de conhecimento.
<b>No esporte (futebol)</b>	Jogador <i>popstar</i> . Pão e circo.
<b>Na religião</b>	Negação em perceber o mundo externo não espiritual. Espiritualizado falso. Passividade às normas/regras religiosas. Desinteresse aos fundamentos dos preceitos que segue. Subordinação.
<b>Na política</b>	Desinteresse. Repulsa. Apatia. Fanatismo partidário. Militância.

<b>Na tecnologia</b>	Dependência e mal uso de tecnologias. Confusão entre realidade real e realidade virtual.
<b>Nas relações humanas</b>	Comodismo. Dependência financeira. Negação da individualidade. Aceitação de padrões.
<b>No entretenimento</b>	Associado a comunicação midiática. Dominação ideológica advinda da mídia.
<b>Na música</b>	Instrumento comercial. Construção de apologias. Deturpação de valores morais. Decadência cultural.

A partir deste levantamento feito sobre essa rápida pesquisa on-line, percebe-se que a exposição do conceito de alienação é presente e relevante para a nossa sociedade. Esses espaços das redes são importantes para desenvolvermos nossa reflexão, pois se trata dos espaços disponíveis a grande parte dos alunos. Julgamos ainda haver coerência em recorrer a esses meios informativos disponíveis on-line para desenvolver a reflexão ora apresentada sobre *Usos do conceito de alienação em nosso cotidiano midiático*, pois pelo o que se nota, nossos alunos fazem a utilização frequente desses meios informativos para fundamentar e resolver suas atividades escolares. Também é perceptível que estes meios informativos se tornaram instrumentos de busca e pesquisa para outras questões que estão relacionadas ao cotidiano de nossos alunos. Não podemos ignorar que aquilo que nossos alunos encontram circulando na rede pode vir a contribuir para a formação de seus saberes. Contudo, também não podemos negar a fragilidade de algumas informações que circulam livremente e acabam compondo os trabalhos e o modo de ver o mundo de nossos alunos.

Feita tal análise, a partir de agora, buscamos e recorreremos ao suporte filosófico no que se refere ao conceito de alienação. A relação entre as abordagens do *senso comum* e das *reflexões filosóficas* foram conduzidas e serão apresentadas em nossa dissertação no momento em que as atividades desenvolvidas em sala de aula forem o nosso objeto de problematização.

#### **4 Reflexões sobre o conceito de alienação em Hegel**

Ao trazermos para o estudo o conceito de alienação, nota-se com frequência que a abordagem deste conceito ganha especial atenção na relação com a filosofia de Karl Marx. Contudo, como nos aponta Marcella D’Abbiere, em seu artigo intitulado “*A alienação em Hegel: usos e significados de Entausserung, Entfremdung, Veräusserung*”<sup>32</sup>:

Como era natural, nessa difusão a originária noção marxiana não permaneceu intacta, mas se modificou em função das várias filosofias e disciplinas em que foi utilizada: pode-se constatar assim que, com o comum nome de alienação (e dos seus

---

<sup>32</sup>D’ABBIERO, Marcella. A alienação em Hegel: usos e significados de *Entausserung, Entfremdung, Veräusserung*. Revista on-line VERINOTIO – n. 19, p.19 - 31 Ano X, abril. 2015.

correspondentes semânticos em outras línguas), são designadas hoje, não sem certa equivocidade, mesmo noções bastante diversas, ainda que de algum modo sempre conexas com a marxiana. (D'ABBIERO, 2015, p. 20)

Considerando a diversidade de compreensão que esse conceito ganhou com o passar do tempo, torna-se necessário apresentar a influência da filosofia hegeliana para a formação do conceito de alienação e, posteriormente, a apropriação deste conceito feita por Karl Marx. Assim, Hegel considerou o conceito de alienação a partir de dois pressupostos: I) primeiramente a construção da dialética e o modo com que a alienação ali aparece; II) a análise do termo alienação (*Entausserung*) e do termo estranhamento (*Entfremdung*).

Influenciado pelos ideais iluministas, Hegel desenvolveu parte de sua filosofia e de sua dinâmica de pensamento pautado numa supremacia da razão em detrimento dos aspectos materiais que circundam o homem. A sua filosofia foi construída a partir de um movimento dialético que buscava recuperar a relação de saberes entre o sujeito e o objeto, ou seja, uma busca no sentido de compreender o próprio homem e seu conhecimento sem a separação entre sujeito e objeto, mas pela apropriação da realidade a partir da totalidade contida no *Espírito*. Desse modo, o movimento dialético apresentado por Hegel baseava-se numa forma de considerar as contradições para a formulação de possíveis verdades. Para o filósofo era preciso mediar teorias contraditórias para compreender o processo de desenvolvimento da razão e o modo como isso ocorre para, a partir deste movimento, poder extrair o entendimento sobre o processo do conhecimento humano. Fábio Luiz Tezini Crocco em seu texto “*Reflexão sobre a alienação e a ideologia no pensamento de Friedrich Hegel*”<sup>33</sup> nos diz que:

Esse conflito teórico é fruto de um processo histórico importante e necessário para o desenvolvimento da razão, cada tese apresentada nas determinadas teorias é verdadeira, porém parcial, teses e antíteses que no pleno movimento de suas contradições caminham para o desenvolvimento do conhecimento absoluto. (CROCCO, 2010, p. 128).

Essa relação entre teses e antíteses em um jogo de relação direta de contrariedades leva aos questionamentos das teorias contidas nestas, não considerando nem uma nem outra como verdades ou tão pouco como teorias refutadas, mas percebendo-as em uma tensão criada e forçada para uma possível resolução das mesmas, mesmo sendo com parcialidades. Seria nesse jogo de parcialidades o início do método dialético de Hegel. É com a construção de um movimento contraditório e da relação deste movimento com a busca de superação contida no próprio movimento que Hegel apontou a ocorrência do que chamou de “alienação”:

---

<sup>33</sup> CROCCO, Fábio Luiz Tezini. Reflexão sobre a alienação e a ideologia no pensamento de Friedrich Hegel. Filosofia em Revista. Viva Vox –UNESP. Ano 3 – nº 6, p. 125 -136, Jul - Dez, 2010.

Não há nada que tenha um espírito nele mesmo fundado e imanente, mas [tudo] está fora de si em um estranho: o equilíbrio do todo não é a unidade em si mesma permanente, ou a placidez dessa unidade em si mesma retornada, senão que repousa na alienação do [seu] oposto. Por conseguinte o todo, como cada momento singular, é uma realidade alienada de si mesma (...). (HEGEL, 1992, p.37)

Entendemos, então, que a realidade de si é forçada ao enfrentamento daquilo que lhe é externa. Quando Hegel busca trazer a ideia do que é externo sobre o espírito da alienação de si mesmo, ele o faz se remetendo à associação direta com o mundo externo, mas esse mundo externo e o conteúdo nele contido é algo que está somente no espírito e pensado enquanto pensamento. A consciência possui esse pensamento, mas ainda não o pensa e só o irá pensar após a saída para a efetivação da consciência, mas esta ainda está resignada na busca de efetividade: “A consciência dilacerada é em si apenas a igualdade-consigo mesma da pura consciência, - [só] para nós, mas não para si mesma” (HEGEL, 1992, p.60). Partindo da ideia do espírito, da atuação da consciência e da apresentação dessa construção do movimento contraditório podemos compreender a alienação vinculada por Hegel:

A alienação na teoria hegeliana não é necessariamente um momento fixado, é um momento incompleto da verdade do fenômeno, ou uma unidade imatura. Esse momento supõe a verdade, erroneamente, na fixação do momento do objeto ou do momento do sujeito, mas é justamente na contradição e na mediação entre estes que se constituirá sua verdade. (CROCCO, 2010, p.129)

Hegel buscou compreender a consciência do sujeito e o processo que esta percorre até o nível da autoconsciência. Assim, traz a reflexão sobre a formação de supostos juízos que são formulados pela razão desse sujeito até o momento em que ele consegue perceber o mundo e as suas ações, sendo elas orientadas ou por sua própria vontade, ou sendo até mesmo superiores a esta vontade. É um entendimento sobre a ação do sujeito. É um “se perceber” como conhecedor e pertencente à realidade por ele vivenciada e por ele próprio criada.

Ao que se nota, essa ação é a razão surgindo como um meio para levar o homem ao seu desenvolvimento. A ação sobre essa realidade se mostra na historicidade por esse homem vivenciada. As ações dele se formam e se reforçam no mundo através de sua atividade, essa atividade é o seu trabalho, e o seu trabalho é a sua objetividade:

A objetividade histórica da realidade é atribuída à ação humana realizada no mundo por meio de seu trabalho. A mediação da atividade subjetiva com a realidade é consequência das objetivações e subjetivações das forças humanas. Tais atividades possuem caráter universal uma vez que as ações do homem só são possíveis por meio da exteriorização ativa dos conceitos puros, como o trabalho do espírito que por consequência cria também o mundo material. A objetivação caracteriza-se pela exteriorização das forças essenciais do homem. A teoria hegeliana da alienação sustenta-se nesta objetividade. (CROCCO, 2010, p. 130)

Compreendendo a objetivação como o princípio da alienação e essa objetivação fazendo parte da exterioridade da ação do homem, cabe, a nós, entendermos como isso se constrói e de que forma se estrutura a ação nessa exterioridade. Hegel utiliza o que referenciou como *espírito* ou *ideia* para sustentar tal pensamento [*Geist*], segundo ele esse processo de objetivação ocorre após o *espírito* constatar que o objeto externo a ele é nada mais do que ele próprio objetivado, uma ação que ocorre antes mesmo da formação de sua autoconsciência e, após isto, retorna a ele, mas como uma contraposição dele mesmo:

A alienação consiste justamente neste ser-outro do Espírito, que se separa e exterioriza-se no objeto, e que por fim, é ele próprio o Espírito. A alienação é a incapacidade do Espírito em perceber sua exteriorização nos objetos. A consciência realiza um duplo movimento, primeiramente ela aliena-se no objeto e posteriormente - momento este que já estava presente desde o começo - ocorre o retorno à consciência como superação da alienação. A consciência retorna a si mesma e percebe o objeto como algo propriamente seu. (CROCCO, 2010, p. 130)

Essa ação de ir e vir aponta que a alienação não se mostra de forma estática e imóvel, mas ela carrega já em seu movimento o caráter de superação e alteração na condição de movimentar-se para fora do espírito e retornar a ele. Essa seria uma condição necessária para o espírito, pois o faz se perceber como tal e como aquele que forma a sua própria consciência através da mobilidade. Faz perceber que os objetos existentes nada mais são do que aquilo que o próprio espírito já possuía dentro de si, mas que só foi constatado via a objetivação humana.

Toda alienação na reflexão apresentada por Hegel carrega consigo o sentido de exteriorização e, assim, o filósofo demonstra a tentativa de abordar a alienação por um caminho que possibilite uma emancipação através da razão, buscando uma interpretação da realidade. Mesmo que fosse ainda de forma parcial essa emancipação, Hegel pensa essa realidade como aquela que cria uma separação entre exterior e interior, uma separação entre o sujeito e o objeto. E nessa trajetória do espírito assumindo esta posição dialética, duas categorias são apontadas como de suma relevância para se compreender o conceito de alienação na filosofia de Hegel, sendo elas: a Alienação (*Entausserung*) e o Estranhamento (*Entfremdung*).

Para a filosofia hegeliana, consideremos que a alienação traz consigo a exteriorização e, esta, é o reconhecimento da objetivação material no processo do saber. É o reconhecimento do sujeito sobre a cultura e o mundo no qual está inserido. O estranhamento é identificado nessa formação pela qual se confrontam as particularidades de si com a exterioridade do meio cultural. Esse é o momento onde o “estado-de-si” se depara com algo que não é seu. A consciência de si ao se deparar com a exterioridade leva a movimentação do espírito a um tornar-se outro. Essa ação de tornar-se outro, que ocorre no espaço material em que se forma o

ambiente da cultura, acaba se deparando com aquilo que se mostra como a sua historicidade e o aspecto social que o envolve. O que surge é a oposição entre o que é o externo-material com o espírito, uma objetivação criada pela consciência de si, na qual se percebe a alienação e o estranhamento.

Outro elemento formador para esse reconhecimento de si é o que se constrói através da categoria do trabalho. O trabalho demonstra de maneira direta essa saída da consciência-de-si para a materialidade social:

A mediação do trabalho faz com que a consciência chegue a si e se transforme, ao mesmo tempo, no outro-de-si, realizando a supra- sunção (*Aufhebung*) que a faz tornar-se social no ato de reconhecimento. A mediação firma-se como categoria fundante do reconhecimento através do trabalho e se estende até o âmbito da reprodução social. (RANIERI, 1995, p.44)

Essa reprodução social é o reconhecimento da consciência de si ocorrendo via a ação do trabalho e isto é algo exclusivamente humano. A ação do trabalho demonstra uma busca humana por finalidades que antecede o pensamento saindo da abstração enquanto pensamento para a exterioridade. Assim, o trabalho deixa à mostra a estruturação e formação da própria consciência, quando essa busca finalidades, não como um fim, mas como um processo racional.

Para ocorrer a realização do trabalho, exige-se a apreensão do objeto e, para isso, seria preciso sair da realidade de si, um processo de materialização do espírito. Primeiramente no trabalho é necessária uma objetividade empírica nesse fazer da ação de trabalho, por meio dessa ação que compete ao trabalho exercer, mostra-se o aspecto positivo da alienação. Assim, após essa ação, o espírito exterioriza-se, faz-se outro, a partir disto, a alienação mostra sua relevância na busca da afirmação da existência da autoconsciência, e supera o aspecto negativo, conduzindo o espírito para o processo de humanização. Esse processo de humanização é a alteração do meio natural-material e histórico-social. Esse seria o resultado da exteriorização do espírito na busca de objetividade, que por sua vez é o resultado do estranhamento pelo qual se faz compatível com a formação da consciência de si. Para isso, é necessário pensar a forma que se dará essa consciência de si, já que ela deverá se relacionar de maneira harmoniosa com aquilo que lhe é exterior:

Na esfera da posição elementar do trabalho como agente nuclear formador da consciência-de- si, a tematização do estranhamento não pode ainda aparecer, uma vez que a identidade lógica entre alienação e estranhamento (*EntausserungeEntfremdung*) só é compatível com aquele momento no qual a característica da objetividade é, por definição, a de ruptura com a estrutura harmônica estabelecida entre indivíduo e gênero, indivíduo e comunidade, matéria e espírito, portanto um período em que o elemento movente do progresso social é a contradição e desigualdade.(RANIERI, 1995, p. 45)

Assim, nota-se que a harmonia entre a alienação e o estranhamento no que se refere ao trabalho rompe-se quando é estabelecido o contato do indivíduo e de sua consciência de si com o que é exterior a ele como a sociabilidade, e o desenvolvimento do direito privado construído pela sociedade. O espírito encontra nessa alteração uma nova postura de ação, o que ocorre não é mais somente uma saída-de-si da consciência na direção ao que lhe é exterior, mas ela encontra no trabalho limitações de ser o que ela é pela rigidez daquilo que se mostra fora dela. Diante dessas limitações, o espírito se percebe estranhado-de-si mesmo, pois se depara com uma realidade que está fora daquilo que é de si, mesmo que por ele mesmo tenha sido criado. Essa realidade se mostra a ele como se fosse um outro-de-si, um estranhamento desse mundo criado pelo próprio indivíduo e estranhado por ele.

Se considerarmos o que foi até então apresentado, nota-se que a alienação e o estranhamento para Hegel aparecem em união. Essa íntima relação entre ambas as categorias levou ao receio, por parte de alguns pensadores ao apresentarem juízos sobre elas, ou utilizarem-se do conceito de alienação. Isso se dá, talvez, pelo fato desses termos se mostrarem presentes na filosofia de Hegel e nem sempre recorridos a Hegel para entendê-los e/ou utilizá-los. Ou, ainda, o receio se mostra por utilizarem-se do conceito presente na filosofia do filósofo Marx, estando cientes de que este conceito é considerado por muitos marxistas como um conceito essencial para se obter o entendimento de algumas das obras deste filósofo, assim, carregando em si grande responsabilidade sobre sua utilização.

Diante disso, consideramos relevante pensar a diferenciação entre a alienação e o estranhamento em Hegel, sobre os aspectos específicos destes conceitos para assim melhor compreendê-los e, posteriormente, compreender a forma que se conduzirá as relações entre eles para a contribuição ao pensamento de Marx.

O conceito de alienação (*Entausserung*) e de estranhamento (*Entfremdung*) são conceitos distintos, mas em alguns momentos se relacionam no pensamento de Hegel. O estranhamento para Hegel fica no campo fenomenológico como uma fase da alienação. É o momento no qual o espírito fica alienado de si mesmo. Esse termo não é utilizado por Hegel para representar os níveis superiores de entendimento sobre a materialidade, mas para demonstrar a exterioridade do espírito com a sua relação de retorno a si mesmo. Como nos traz o artigo “*Hegel e a Alienação*”<sup>34</sup>, de Evald Vasilievich Ilienkov:

---

<sup>34</sup>ILIENKOV, Evald Vasilievich. Hegel e a Alienação. *Manuscrito de 1967, da palestra ministrada no Congresso Internacional sobre Hegel, em Praga no de 1966*. Traduzido em espanhol por PLA LEÓN, Rafael. Disponível em russo no Lendo Ilienkov (Читая Ильенкова) [<http://caute.ru/ilienkov/>]. Tradução do espanhol por, SOUZA E SILVA, Marcelo José. Licença de Creative Commons.

“*Entfremdung*”, em seu significado especificamente hegeliano, caracteriza somente um estado de desenvolvimento do espírito universal (quer dizer, na cultura espiritual da humanidade) relacionando com o antagonismo entre o Estado e a religião, entre o “interno” e o “externo”; em poucas palavras: com o atraso da cultura espiritual. (ILIENKOV, 1966, p. 03)

Assim, o estranhamento (*Entfremdung*) está contido apenas na memória do indivíduo já que ele foi superado e ficou como um aprendizado da cultura espiritual da humanidade. Através deste aprendizado se torna possível ao espírito extrair suas conclusões ao se deparar, por exemplo, com a representação do Estado, e essa representação indo de encontro com uma associação de representação da religião, não permitindo mais surgir o estranhamento, somente a alienação. Essa por sua vez segue a ideia da objetivação que está diretamente ligada à exterioridade. É uma ação necessária da atividade humana e está contida no próprio espírito.

Quando relacionamos esses termos aos textos de Karl Marx, nota-se que a alienação (*Entausserung*) e o estranhamento (*Entfremdung*) carregam consigo outra perspectiva que consideraremos para essa reflexão. Marx apresentou várias críticas à filosofia hegeliana, não somente ao que se refere à dialética, mas também alteração na forma de se entender esses dois termos – alienação e estranhamento. A pesquisadora Marcella D’Abbiere em seu texto “*A alienação em Hegel: usos e significados de Entausserung, Entfremdung, Veräusserung*”, apresentou uma rápida e coerente justificativa sobre tal questão:

[...] a pergunta que surge é por que se torna importante estudar o uso das palavras *Entausserung, Entfremdung* (correspondentes alemãs de alienação) na linguagem de Hegel. A resposta a esta pergunta deve-se buscar, assim me parece, na constatação da dúplici situação que veio a se formar em torno deste problema: uma, no âmbito do uso moderno do termo alienação, outra, no âmbito da historiografia hegeliana. No primeiro caso, a situação é aquela descrita nas páginas precedentes: a variedade e multiplicidade de usos (e a correlativa escassa consciência de tal multiplicidade) em que essa palavra se apresenta no mundo contemporâneo. A importância e a riqueza dos significados assumidos por esse termo têm estimulado, de fato, o interesse por uma reconstrução da sua história, dos usos e significados que teve em pensadores precedentes, a problemas que, quanto ao seu uso semântico, estão vinculados ao passado. E, nessa história, um relevo particular tem, sem dúvida, Hegel, cuja importância para um estudo dos temas ligados ao uso de *Entausserung, Entfremdung* foi sublinhada, [...], já pelo próprio Marx. O segundo caso remonta, por sua vez, [...], à posição que assumiu o problema da “alienação” na historiografia hegeliana. Deve-se dizer, antes de tudo, que apenas recentemente os intérpretes prestaram atenção a este problema. (D’ABBIERO, 2015, p. 20)

O problema desse momento é a alteração na compreensão da alienação (*Entausserung*) e do estranhamento (*Entfremdung*) quando propomos analisar a forma de pensá-los na ação de trabalho - considerando para isso a associação destes conceitos com a filosofia de Karl Marx. A alteração surgiria para o filósofo Karl Marx pela forma de se entender o trabalho, pois para Marx o trabalho é caracterizado na concepção de trabalho assalariado. Essa forma de trabalho

carrega não somente a condição histórica do trabalho como objetivação humana, mas como uma ação que se realizará em um emprego, ou seja, numa conversão da ação do trabalho para a sua exterioridade. Nessa conversão para a exterioridade ocorre o estranhamento (*Entfremdung*), e desta ação de trabalho assalariado por estar diretamente ligada ao capital, leva à alienação (*Entausserung*).

Para tornar mais claro o que expusemos, rápidas considerações acerca do trabalho na forma conceitual na filosofia de Marx devem aparecer. Para Marx trabalho percorre por fases e formas que dão características específicas no seu ato de desenvolvimento, seguindo por estágios que vão desde a sua realização natural - como ação de sobrevivência humana - até o estágio que dá ação de emprego e a ligação ao capitalismo. N' *O Capital*, de Marx, podemos encontrar considerações a respeito do trabalho:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 1996, p. 296)

O trabalho é algo que faz parte daquilo que compõe e também que forma o humano. É algo necessário para a manutenção de sua sobrevivência e, assim, o humano aplica o seu trabalho visando, a princípio, suprir suas necessidades vitais de subsistência. O trabalho é de suma importância para o desenvolvimento humano. Afirmava Marx:

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 1996, p.172)

Deste modo, ao trazermos a ideia dessa ação de exercer o trabalho enquanto algo humano, que faz parte do desenvolvimento da sociedade e agora com a imposição dos princípios do capital sobre ele, este deixa de ser encarado somente por essa forma de garantir meio substancial de vida e aperfeiçoamento humano. Não deixará de ser fundamental para o humano, mas somente se alterará com os propósitos que irão além da característica de manutenção de necessidades naturais. O trabalho adquire e constrói necessidades que estão sendo apresentadas pelo capitalismo e gradativamente conduzindo-o para uma alteração na forma de se entender a alienação (*Entausserung*) e a sua associação com o estranhamento (*Entfremdung*). Marx chega a apresentar a relevante contribuição de Hegel para levá-lo a constatar tal desenvolvimento humano sobre o trabalho:

O grande mérito da Fenomenologia de Hegel e do seu resultado final – a dialética da negatividade enquanto princípio motor e criador – reside, em primeiro lugar, no fato de Hegel conceber a autocriação do homem como um processo, a objetivação como perda do objeto, como alienação e como abolição da alienação; e no fato de ainda apreender a natureza do trabalho e conceber o homem objetivo (verdadeiro, porque homem real), como resultado do seu próprio trabalho. A orientação real, ativa, do homem para si mesmo enquanto ser genérico ou a afirmação de si próprio como ser genérico real, quer dizer, como ser humano, só é possível na medida em que ele realiza todos os seus poderes específicos – o que, por sua vez, só é possível através da ação coletiva dos homens e como resultado da história – e trata estes poderes como objetos. Mas isto só é viável na forma de alienação (MARX, 1964, apud SANTOS DA LUZ, 2008, p. 25)

Percebemos, desse modo, a influência de Hegel auxiliando Marx a perceber e apresentar o trabalho na sua forma alienada, fundamentando uma das suas críticas sobre a produção e ação do trabalho no modo capitalista. O humano passando a ser compreendido como o agente histórico que é e fazendo parte também de um processo histórico. É notável que Marx procura apresentar a complexidade da ação do trabalho na sua condição histórica visto como objetivação humana e a alteração na forma de entendê-lo enquanto alienação (*Entausserung*) e enquanto estranhamento (*Entfremdung*). Devido a essa associação ao trabalho, os dois conceitos são relacionados como sinônimos, mas somente nessa situação em que apresenta a alienação como alienação do trabalhador. Como podemos extrair da obra “*Manuscritos Econômico-Filosóficos*” do filósofo Karl Marx:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o *produto de seu* trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. [...]O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menos ele mesmo é. A *exteriorização (Entausserung)* do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (*aussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele (ausserihm)*, independente dele, que estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2004, p. 81)

Desta forma, ao referirmos a influência de Hegel a esses conceitos, o que podemos entender é a alienação vista como uma exterioridade existente. Assim, o trabalhador ao realizar a ação do seu trabalho leva a criação de um mundo externo alheio a ele. Cria algo na exterioridade e, nesse sentido, faz com que as diferenças entre alienação (*Entausserung*) e estranhamento (*Entfremdung*) retornem. Cientes de que Hegel não se debruçou sobre a questão da alienação vinculada ao trabalho e ao mundo econômico, apresentamos de modo rápido esta

relação a partir de Marx. Para tanto, recorreremos ao texto “*Trabalho alienado e propriedade privada nos manuscritos de 1844, de Karl Marx*” de Walber Nogueira da Silva:

Por sua vez, a efetivação do trabalho é sua objetivação. Ocorre que, em vez de o sujeito produtivo – o trabalhador – realizar-se na produção, esta torna-se para ele sacrifício, mortificação, já que o produto de seu trabalho lhe aparece como algo estranho e hostil, fora de seu controle: a efetivação do trabalho é desefetivação do trabalhador, a objetivação é perda do objeto e servidão ao objeto e a apropriação é estranhamento (*Entfremdung*) e exteriorização (*Entäusserung*). (MARX, 2008, p. 80, apud DA SILVA).

O trabalhador nessa condição de alienação fica na relação de estranhamento com aquilo que produziu. Esse algo que foi produzido ganhou um perfil de autonomia e passou a ser algo externo da ação do trabalho exercido pelo trabalhador, escapando ao trabalhador o domínio sobre o que ele mesmo criou. Sua objetivação não é mais sua:

A alienação (*Entfremdung*) do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2008, p. 82, apud DA SILVA)

Quanto mais o trabalhador produz, mais acaba afastando-se desse algo que produziu [fruto de seu trabalho]. Desse modo, o trabalhador não se torna refém somente daquilo que dita o capital com a imposição da necessidade de alta produção, mas o trabalhador se torna refém do próprio ato de exercer a ação de seu trabalho visto à ocorrência da exteriorização do produto. Quanto mais produzir, mais distante e estranhado fica do produto que produziu:

[...] o produto é o resumo da atividade, da produção. Então, como o produto do trabalho é a exteriorização deste, se o produto é alienado ao trabalhador, significa que nem mesmo sua atividade pertence a ele, que a produção mesma é “a exteriorização (*Entäusserung*) ativa, a exteriorização (*Entäusserung*) da atividade, a atividade da exteriorização (*Entäusserung*). (MARX, 2008, p. 82, apud DA SILVA)

Hegel não faz a sua reflexão pautando-se no sistema econômico do capital. Ao abordar o conceito de alienação, não se refere ao valor do trabalho e sobre a propriedade privada na relação entre alienação e estranhamento. Ele busca apresentar a alienação como o processo no qual a consciência do indivíduo se exterioriza, esperando a objetivação na materialidade social-histórica. Isso em um processo dialético que busca negar a si próprio para se conhecer, uma busca de alteridade. Esse processo para Hegel aconteceria se o espírito usando o indivíduo como meio para isso, retornasse a si, possibilitando ao espírito formar consciência de si. A maneira como essa ação ocorre é pela filosofia ou pela religião. Cabendo à filosofia ser vista como a

consciência de si, caracterização plena da racionalidade e do pensamento e, a religião, pela suas características subjetivas.

Desse modo, Hegel pensou a alienação não somente como um problema, mas como uma condição do indivíduo. Quando o filósofo apresenta os termos *Entfremdung* e *Entausserung* em sua filosofia, estes aparecem como princípios norteadores da condução de entendimento dialético do sujeito, apresentado como o possuidor do espírito que se estranha ao sair de si, mas retorna ao efetivar a sua exterioridade. É uma forma de enfrentamento, no qual o “espírito que chegou a si dirigia seu olhar para o mundo da efetividade, e ainda o tinha por seu fim e conteúdo imediato” (HEGEL, p.59, 1992). E, pelo outro lado, “seu olhar de uma parte se dirigia apenas a si, e negativamente ao mundo, e de outra parte se afastava do mundo e se voltava para o céu; e o além do mundo era seu objeto”. (HEGEL, p. 59, 1992).

Essa posição, posteriormente, serviria de base para a construção do conceito de alienação. Podemos pensar que na filosofia de Hegel a concepção de alienação está associada àquilo que faz parte do espírito, esse estando no mundo da cultura, também é colocado ao sistema dialético. Como apresenta Hegel:

O espírito da alienação de si mesmo tem seu ser-aí no mundo da cultura; porém quando esse todo se alienou de si mesmo, para além dele está o mundo inefetivo da pura consciência ou do pensar. Seu conteúdo é o puramente pensado, e o pensar, seu elemento absoluto. Mas enquanto o pensar é inicialmente o elemento desse mundo, a consciência apenas tem esses pensamentos, mas ainda não os pensa, - ou não sabe que são pensamentos; senão que para ela estão na forma da representação. Com efeito, ela sai da efetividade para a pura consciência; contudo ela mesma está ainda, em geral, na esfera e determinidade da efetividade. (HEGEL, 1992, p. 60)

Diante desta ideia, podemos perceber que quando o espírito alienado tem seu contato com o mundo da cultura ele transpassa uma fase onde o pensamento só é pensado enquanto pensamento, ele deixa de ser uma consciência que está dentro de si mesmo, e começa a pensar além deste mundo somente pensado. Ou seja, é preciso pensar que “a essência do seu pensamento não vale como essência só na forma do Em-si abstrato, mas na forma de um Efetivo-comum, de uma efetividade que foi apenas alçada a outro elemento, sem ter nele perdido a determinidade de uma efetividade não-pensada”. (HEGEL, p. 61, 1992)

Hegel julga necessário criar uma distinção entre essa essência do Em-Si, que só é validada pela forma do pensamento enquanto tal presente na consciência, daquilo que forma a efetividade do Efetivo-comum, que é o que se torna a consciência através do mundo da cultura, através dessa distinção se pensa a alienação do sujeito. Sobre isso nos diz Hegel:

Portanto, se dentro do próprio mundo da cultura o puro pensar se situava como um dos lados da alienação - a saber, como critério do abstrato bem-e-mal no juízo - [agora] tendo atravessado o movimento do todo, se enriquece com o momento da efetividade e portanto, [com o momento] do conteúdo. Mas essa efetividade da essência, ao

mesmo tempo, é apenas uma efetividade da pura consciência, não da consciência efetiva. Embora elevada ao elemento do pensar não vale ainda para essa consciência como um pensamento, mas para ela, antes está além de sua efetividade própria, - pois é a fuga dessa efetividade. (HEGEL, 1992, p.61)

Quando Hegel propõe então trazer a alienação para análise via método dialético, o que se nota é que ela percorre pela abstração da efetividade do movimento e da efetividade da essência. Desta forma, se considerar o que foi exposto e pensarmos o conceito de alienação na filosofia de Hegel, se torna possível perceber que várias interpretações foram empregadas por outros indivíduos na formação conceitual da alienação. Isso acaba acarretando certas distorções e um breve afastamento do seu sentido restrito ao ser empregado tanto por Hegel, como por outros filósofos:

Por isso nasce, evidentemente, uma ambiguidade: assumindo como ponto de partida aqueles termos, de fato, os primeiros mostram querer buscar o conceito de “alienação” por meio daquilo que Hegel expressou graças a precisos termos semânticos: conduzindo de fato a análise de outro modo, os outros estudiosos se servem, ao contrário, de um conceito pré-constituído de “alienação”, que, variadamente identificado a oposição, a positividade etc., aparece sempre de todo modo derivado muito mais de uma interpretação pré-formada que pelo pensamento de Hegel. A investigação não é mais voltada, portanto, para a descoberta daquilo que Hegel entendia por *Entausserung* e por *Entfremdung*, mas muito mais à busca de outros problemas, aprioristicamente identificados com aquele da “alienação”. (D’ABBIERO, 2015, p. 25)

Assim, o afastamento de compreensão sobre o que Hegel entendia por *Entausserung* e por *Entfremdung* é algo decorrente da própria dinâmica da História da Filosofia – usos e abusos; continuidades e rupturas; etc. É por esta própria dinâmica da História da Filosofia que entendemos a necessidade de termos nos voltado ao próprio Hegel e suas concepções acerca do conceito de alienação. Faz-se coerente assim, como foi feito, pensar o conceito de alienação e sua formação através dos termos *Entausserung* e *Entfremdung* diante do exposto por Hegel. Hegel apresentou importantes considerações que serviram posteriormente de auxílio à formação do pensamento de Feuerbach e Karl Marx. Auxílio este, no sentido de que levaria ambos a formar as suas próprias ideias, parte delas sustentadas em críticas à filosofia hegeliana. O que ocorreu foi uma forma de se repensar a alienação a partir do *Entausserung* e *Entfremdung*, apresentando e reformulando assim o significado de alienação na filosofia.

## **5 A crítica de Feuerbach a Hegel: contribuições a Karl Marx.**

Parece-nos pertinente ao tratar do conceito de alienação adentrar, mesmo que de modo ligeiro, na reflexão de Ludwig Feuerbach (1804-1872) que, do mesmo modo que Hegel, utilizou

o conceito de alienação de tal forma que influenciou as reflexões desenvolvidas por Karl Marx. A relação imbricada entre Feuerbach e Marx não se restringe somente ao que se trata sobre o conceito de alienação. Ambos os filósofos também dedicaram suas atenções a repensar a filosofia hegeliana e a apontar críticas sobre o que eles julgavam ser incompatíveis com os seus modos de pensar. Da mesma forma que Marx, Feuerbach seguiu durante certo tempo a linha de pensamento da chamada esquerda hegeliana. Contudo, posteriormente, afastou-se para um seguimento mais centrado no materialismo e na formulação de críticas à religião e à filosofia hegeliana.

Primeiramente, para entendermos o que desencadeou uma crítica do filósofo Feuerbach à religião, devemos considerar o contexto com o qual ele se deparava. A religião no contexto vivido por Feuerbach se mostrava não somente via o aspecto religioso, mas também era manifestada via instituição política. Recorria-se a religião como o meio mais coerente para formar as justificativas e as explicações sobre toda a condição humana. Buscando entender essa condição para apresentar considerações sobre o desenvolvimento histórico do homem, Feuerbach não se utilizou da teodicéia<sup>35</sup>, mas sim, optou pelo caminho de investigação da humanização da história do homem. O homem para ele era um ser dotado de consciência. Essa característica que é humana faz com que o homem se perceba como aquele ser que é dotado de uma consciência. É a consciência que possibilita ao homem se perceber como um integrante de uma espécie e o leva a construção da compreensão de sua essência e a constatação de sua racionalidade.

A racionalidade do homem possibilitaria com que ele formasse uma consciência, e Feuerbach apresentou que o homem é um ser capaz de perceber que possui tal consciência em sentido estrito – “porque a consciência no sentido de sentimento de si, de faculdade de diferenciação sensível (...) não pode ser recusada ao animal” (FEUERBACH, 2011, p.09) -, sendo, pois, o único ser capaz de possuir religião: “os animais *não* tem religião (...) falta-lhe, para tal, *a consciência* [estrita], termo que deriva da *ciência*” (FEUERBACH, 2011, p.09).

Esse homem apresentado por Feuerbach possui razão, vontade e coração, e também necessidades sobre a obtenção de significados que estão além de sua essência, e é por essa condição que surgiria a religião:

Ao se defrontar com a sua essência genérica, e não reconhecê-la como sua, passa a atribuí-la a um outro ser, a um ser estranho. Aliena, pois, a sua própria essência. Tudo que parece divino, é na verdade humano. Todos os predicados divinos são na verdade, humanos. E um sujeito sem predicados não existe. O ateísmo de Feuerbach, portanto,

---

<sup>35</sup>Parte da filosofia que trata da existência dos atributos de Deus.

quer ser esta necessidade de atribuir os predicados ao verdadeiro sujeito, qual seja, o ser humano. (SCHÜTZ, 2001, p.91)

Ao analisarmos tal ideia, notamos que a religião leva o homem a uma possibilidade de não somente fazê-lo perceber nela a constatação da existência de sua essência humana, mas do mesmo modo cria a condição de alienar essa própria essência humana no decorrer da busca de significados. Assim sendo, Feuerbach apresenta que existe outro caminho para o homem perceber essa sua essência. Esse caminho seria o da filosofia e, por ela, Feuerbach revela aos poucos o seu ateísmo que sugere contrariedade à condição da alienação religiosa.

Feuerbach percebeu que a religião se colocava como a representação da essência do homem e para entendê-la decide encará-la não somente como teologia, mas como uma antropologia. Por essa perspectiva trouxe até nós a ideia de que o homem carente de sua consciência de si deposita toda a sua falta em um aspecto religioso, e por essa falta se constrói a alienação. Buscando contribuições a esse argumento de Feuerbach recorreremos ao artigo *A crítica feuerbachiana da religião: um contributo à compreensão do conceito de alienação religiosa*, de Wodson Vieira Alves, o qual afirma:

[...] a questão fundamental a ser considerada é o fato de que ele realiza uma interpretação antropológica da religião, ou melhor, uma redução antropológica. Nega a Deus para afirmar o homem, só o homem. Esse é, sem sombra de dúvida, o ponto de partida para a sua compreensão de *Ideologia*: não há libertação do homem sem a negação de Deus. Ele parte, portanto, do pressuposto de que a religião é expressão e causa da alienação humana. Nessa linha, situa-se o seu ateísmo bem como o de Marx. (ALVES, 2010, p. 72)

A afirmação do homem é o início da saída da condição de alienação religiosa. Nega-se Deus para libertar o homem. Nessa negação existe uma relação de tensão entre consciência de si e a condição do humano enquanto espécie, a constatação dessa condição de libertar-se possibilitaria a este homem se perceber na alienação religiosa. O pensamento dominante nesse momento seria de que o homem possuidor da consciência de si consegue perceber a essência do objeto criado por sua consciência e, sua própria consciência, como algo que não é seu, e sim algo divino, nega a si para afirmar Deus - “Na religião, o homem tem como objeto a sua própria essência, sem saber que ela é a sua; a sua própria essência é para ele objeto *como uma essência diferente*” (FEUERBACH, 2011, p.41). Em carta enviada em 5 de janeiro de 1841 a Otto Wigand, Feuerbach taxou uma de suas máximas no tocante à relação da religião com o homem ao afirmar que “o segredo da teologia é a antropologia”. Tal postura previa uma “reinvenção da realidade religiosa – realidade invertida em que a criatura do ser humano se sobrepõe ao próprio ser humano” (ALVEZ, 2010, p.74).

A proposta da re-inversão da realidade religiosa proporcionaria ao homem a constatação que ele mesmo consegue se elevar e superar suas limitações individuais. Estas limitações seriam colocadas numa perspectiva ampla de espécie já que o homem não seria visto na filosofia de Feuerbach como um ser isolado, mas como aquele que faz parte do que se compõe como o gênero humano. É composto por aquilo que é propriamente humano e não divino, assim era necessário reconhecer essa condição.

Essa re-inversão para Feuerbach poderia levar do mesmo modo o reconhecimento do homem a se perceber enquanto aquele que está na condição de alienação, neste caso, alienação religiosa, pois existe uma autonomia inerente a condição humana e não completa dependência daquilo que é associado ao divino. Assim, por esse reconhecimento, é possível a esse humano vir a pensar as imposições dos pressupostos religiosos teológicos que recaiam sobre ele e a naturalização da aceitação destes pressupostos.

Compreendendo em que direção é apontada a crítica de Feuerbach à religião, cabe a nós adentrarmos na crítica de Feuerbach a Hegel, sua origem e em base de que ela foi fundamentada, pois ela foi direcionada não somente a Hegel, mas sim à filosofia moderna como um todo. Feuerbach pensou por outra perspectiva daquela filosofia apresentada a ele, na qual o mundo sensível estava distante das reflexões filosóficas que percorriam pelo idealismo e pela valorização da racionalidade. Assim, Feuerbach se ateve em fatos, em indagações criadas a partir da materialidade do homem e propôs levar o homem à percepção dessa sua realidade. Como apresenta Regiany Gomes Melo (2012) em seu trabalho intitulado *Homem e Sensibilidade em Ludwig Feuerbach: Crítica à Teologia Cristã e à Filosofia Especulativa*:

De acordo com Feuerbach o mundo material, a realidade mesma, deve atuar como princípio e base da formação dos conceitos, a partir da dimensão humana racional e sensível. Assim, razão e sensibilidade devem vincular-se com o propósito de formar conceitos que devem ser extraídos do âmago social e natural a partir da sensibilidade, da apreensão sensível vinculado ao entendimento. (MELO, 2012, p. 59)

Podemos compreender que em Feuerbach o conhecimento do âmbito sensível será considerado. A materialidade vivenciada pelo homem é levada em consideração para a construção das relações dele com a racionalidade humana. A razão e os sentidos se relacionam em busca da compreensão daquilo que se mostra na realidade deste homem. Essa proposta de relacionar a razão e os sentidos com a materialidade foi de grande importância para a elaboração da crítica de Feuerbach acerca da filosofia hegeliana. Nessa relação foi inserida uma forma epistemológica de pensar a filosofia como um todo – diferente da filosofia moderna que se

pautava sobre o dualismo entre corpo e espírito, uma herança do pensamento dos neoplatônicos e que ficou presente na filosofia de Hegel.

Desse modo, Feuerbach se dedicou a abordar e criticar pontos relevantes à modernidade, tais como *o ser, o pensar, o nada, o imediato, a infinitude e o espírito absoluto ou Deus*. (MELO, 2012, p. 59). E, a partir de tais pontos, Feuerbach procurou pensar criticamente a filosofia moderna enfatizando sua oposição ao pensamento hegeliano:

Contraopondo-se a Hegel, Feuerbach pretende mostrar que o homem é, acima de toda abstração, um ser sensível dotado de razão, sendo necessário dar ao homem e, conseqüentemente à filosofia, uma visão de completude que englobe não só o pensamento, razão, mas, também, a sensibilidade, representada pelos cinco sentidos. (MELO, 2012, p. 60)

Para entendermos como Feuerbach apresentou esse homem que vai além de sua abstração e, que a partir disso, criara um direcionamento do que se baseara a sua crítica a Hegel, precisamos entender como que Feuerbach configurou a essência desse homem. Para isso, vale recorrermos ao que apresentou Feuerbach em sua obra *A Essência do Cristianismo*, no tocante à parte que expõe sobre a essência do homem em geral:

Mas qual é então a essência do homem, da qual ele é consciente, ou o que realiza o gênero, a própria humanidade do homem? A razão, a vontade, o coração. Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade, e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. O homem existe, para conhecer, para amar e para querer. (FEUERBACH, 2007, p. 37)

A ideia de pensar a essência do homem é acrescentar fundamentos a relação entre o sensível e o racional e o que lhe torna consciente. Ainda no seguimento de tal proposta, Feuerbach julga necessário considerar a relação do homem e do objeto, ou seja, aquilo que está externo a ele. Pois, também através dessa relação, se forma aquilo que irá construir a essência humana e também a sua consciência. Como argumenta Feuerbach:

[...] o homem toma consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro, objetivo. E isto não é válido somente para os objetos espirituais, mas também para os sensoriais. Também os objetos mais distantes do homem são revelações da essência humana, e isto porque e enquanto eles são objetos para ele. (FEUERBACH, 2007, p. 38)

O homem consegue entender a sua consciência de si e a sua essência via o caminho sensorial e aquilo que lhe é atribuído através do que se mostra como objeto. A essência do

homem está também fora do próprio homem. Para melhor compreendermos como este pensamento percorre pela ideia de Hegel, recorreremos à obra “*Teses provisórias para a reforma da filosofia*” na qual Feuerbach expôs:

Abstrair significa pôr a essência da natureza fora da natureza, a essência do homem fora do homem, a essência do pensamento fora do ato de pensar. A filosofia de Hegel alienou o homem de si mesmo, na medida em que todo o seu sistema assenta nestes atos de abstração. Ela volta certamente a identificar aquilo que separa, mas apenas de uma maneira também ela separável, mediata. Falta à filosofia de Hegel unidade imediata, certeza imediata, verdade imediata. (FEUERBACH, 2005, p. 05)

Em suma, a crítica consistira em uma defesa que coloca a filosofia hegeliana como uma filosofia que fica somente na condição de contemplar uma realidade. Feuerbach, assim, propõe colocar o homem como aquele que possui razão, mas também possui os atributos corporais e que é munido de seus sentidos que o auxiliam na formação do pensamento. Utilizando das ideias de Feuerbach, trazemos um breve fragmento retirado da 1ª preleção do livro “*Preleções sobre a essência da religião*”:

Já de há muito nos ocupamos e satisfazemos bastante com o discurso e a escrita; exigimos que finalmente a palavra se torne carne, e o espírito, matéria; estamos fartos tanto do idealismo filosófico quanto do político; agora queremos nos tornar materialistas políticos” (FEUERBACH, 1989, p.11)

O que pode ser notado nesta crítica de Feuerbach é a tentativa de validar a racionalidade do homem unida ao seu sensível, para assim compreender a sua realidade. Ainda, além da crítica ao pensamento hegeliano, a crítica se estende ao idealismo moderno, pois durante muito tempo o pensamento filosófico ficou resignado a uma abstração de discursos e, Feuerbach julga ser necessário considerar a materialidade na formação do pensamento. Feuerbach apresenta em *Para a crítica da filosofia de Hegel* considerações que fundamentam tal ideia:

Enquanto fenômeno temporal determinado, cada filosofia começa por isso com um *pressuposto*; é certo que ela aparece a si mesma como desprovida de pressupostos, e é-o igualmente quando comparada com os sistemas anteriores; porém a época seguinte reconhece que também ela constituiu um pressuposto, ou seja, um pressuposto particular, *em si* mesmo contingente, diversamente dos pressupostos *necessários, racionais*, que não podem ser negados sem se cair num absoluto não sentido. (FEUERBACH, 2012, p. 24)

Cabe à filosofia escolher os caminhos que pretende seguir considerando os pressupostos anteriores que irão compor seu pensamento. Nessa filosofia de Feuerbach, as abstrações advindas da valorização da racionalidade da filosofia moderna são citadas como alguns dos pressupostos que levam a abstração, por não considerar o que lhe veio anteriormente para a formação de seu pensamento. Perante isso, Feuerbach apresenta que além de ser necessário considerar pensamentos de sistemas anteriores, a sensibilidade e a racionalidade do homem

deveriam unir-se, e a partir dessa unificação de ambas se consideraria o que é real para formar o pensamento, ou seja, aquilo que se mostra a esse homem o leva ao entendimento sobre a sua própria realidade. O mundo material deve ser colocado como um aspecto determinante na formação do pensamento filosófico, e para Feuerbach, a filosofia se iniciaria a partir dessa afirmação do material.

Assim, a ideia que Feuerbach desenvolveu acerca do conceito é a de que o mesmo se torna relevante pelo fato do filósofo considerá-lo a partir das raízes materiais que lhe formaram para, enfim, torná-lo apto à formação de um saber absoluto. Caso isso não fosse considerado, o pensamento esvaziar-se-ia em validade sobre aquilo que lhe é apresentado [algo que para Feuerbach é um fato existente na filosofia de Hegel]. Desse modo, vale considerar uma relação de nossa reflexão com a ideia apresentada por Regiany Gomes Melo:

[...] de acordo com Feuerbach, Hegel não confirma a validade dos seus conceitos na realidade, pois o próprio voltar-se aos objetos só se dá na lógica do conceito, a partir de representações do objeto delimitado pelo sujeito reflexivo. Assim, ainda presente no pensamento o pensar resolve suas contradições, não alcançando o mundo mesmo, de forma tal que o conceito não chega ao objeto a que se refere. (MELO, 2012, p. 65)

Não considerar o externo no qual se forma o pensamento sobre certo conceito é deixá-lo à parte da realidade na qual ele se apresenta. Sem considerar a realidade externa, ficaríamos resignados no campo contemplativo e reflexivo, criando um círculo vicioso - presente somente no pensamento daquele que o apresenta. Ele pode sim se deparar com suas contradições, mas não chega ao que ele pode representar na forma exterior do pensamento. A isso também está imbricada a justificativa do porquê a lógica hegeliana é trazida para a reflexão crítica de Feuerbach. Pois segundo ele, o pensamento na filosofia de Hegel encontraria obstáculos em seu desenvolvimento, pois se esgotaria em si mesmo, e diante disso, Feuerbach coloca que a filosofia hegeliana limita o conhecimento e acaba criando barreiras para o desenvolvimento da razão.

Apresentada a crítica sobre o pensamento da filosofia hegeliana, cabe agora pensarmos em que as contribuições de Feuerbach contribuíram para a filosofia de Karl Marx. Propomos percorrer a investigação via crítica da religião e via crítica sobre a filosofia de Hegel.

Feuerbach não direcionou seu pensamento crítico à religião por acaso. Ele acreditava que por meio desta sua análise crítica acerca dos pressupostos religiosos teológicos seria possível desmistificar as estruturas sociais de seu tempo e, do mesmo modo, fez Marx, mas pela consideração da estrutura capitalista enraizada na sociedade: “Marx fez da crítica da religião de Feuerbach um instrumento intelectual, através do qual pode perceber e desmistificar diversas outras estruturas de alienação” (SCHÜTZ, 2001). Na tentativa de apresentar essa relação

contributiva de Feuerbach e Marx, recorreremos às associações com a obra *Sobre a Questão Judaica*<sup>36</sup>, de Karl Marx. Nesta, faz-se perceptível o pensamento feuerbachiano nas argumentações do filósofo Marx. Em suma, a reflexão apresentada por Marx nessa obra percorre por sua interpretação e análise crítica acerca das reflexões de Bruno Bauer e a ideia sobre a emancipação do indivíduo [considerando para isso o Estado e a religião].

Os direcionamentos dessas suas análises sobressaem sobre a forma de se perceber a religião judaica apresentada por Bauer e a crítica por ele formulada sobre como emancipar uma sociedade fundada em princípios religiosos judaicos e cristãos diante da presença e interferência do Estado. Para isso, Marx retomou o pensamento de Feuerbach e a crítica à religião, utilizando-a não somente de forma direcionada a religião, mas dando foco ao meio social. Como nos traz Schütz:

O ser genérico, que em Feuerbach manifestava-se na religião, passa a manifestar-se no Estado Moderno. Tal como a religião, continua sendo uma forma indireta de o homem dar-se conta de sua essência genérica. Como a essência genérica é alienada no Estado, o dia-a-dia passa a ser o espaço da luta de todos contra todos, do egoísmo e do individualismo. É o que se passou a chamar de sociedade civil. Temos, pois, assim como na religião, um céu e uma realidade terrena, ou seja, o Estado e a sociedade civil. (SCHÜTZ, 2001 p. 92)

O que podemos considerar sobre o ser e a relação do que pensou Feuerbach e Marx é a escolha de suas preocupações, pois ambos se propuseram, cada um à sua maneira, possibilitar ao homem a conquista de sua liberdade, seja no que concerne os princípios religiosos, ou as imposições do capital. E para pensarmos essas preocupações, ora compartilhada por ambos os filósofos, pensemos o homem como aquele que confia sua liberdade ao Estado. Esse Estado atua diretamente nas relações sociais dos homens, atuando não somente na sua liberdade, mas também na sua propriedade privada. O Estado e a religião colocam-se como aqueles que vão garantir os direitos dos homens. Esses direitos são conquistas, e somente são garantidos para aqueles que fazem parte de uma comunidade. Assim, esse homem possui de fato liberdade, mas uma liberdade que está sujeita a dominação da ordem burguesa:

A perspectiva feuerbachiana mostrou-se muito eficiente como instrumento de análise e de compreensão da sociedade burguesa. Cada vez mais, a estrutura social aparecia como sendo também uma forma invertida de perceber o mundo. Desta forma, Marx convenceu-se de que “a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”. Pôde perceber esta inversão alienadora em outras estruturas. (SCHÜTZ, 2001, p. 94)

---

<sup>36</sup> Sobre a Questão Judaica foi escrito por Karl Marx em 1843, apareceu nos Anais Franco-Alemães, revista cujo primeiro e único número foi publicado na França, em Março de 1844.

Inverter a realidade seria coerente para se pensar o andamento da sociedade que estava se caracterizando conforme o que ditava o capital [levando a ascensão da burguesia]. O que Feuerbach trouxe sobre essa forma invertida de ver o mundo - trazendo para isso sua análise crítica sobre a filosofia hegeliana - foi de significativa contribuição a Marx, pois o levou a adotar essa mesma postura para pensar outras estruturas. Assim, com essa perspectiva tornou-se possível a Marx compreender que os fatos históricos que ocorrem no contexto social são mutáveis e são originários das relações entre os homens e entre os homens e a realidade material na qual eles estão se relacionando. A crítica trazida por Feuerbach acerca da religião poderia ser direcionada à sociedade na qual se deparava Marx, como assim o fez ao estabelecer a sua crítica e análise sobre a ordem burguesa. Já o pensamento de Hegel, levado do mesmo modo ao entendimento crítico, o auxiliou no que se refere a pensar o Estado e a sua relação com o homem:

Feuerbach e Hegel deram a Marx a possibilidade de visualizar a emancipação humana na Alemanha, apesar de sua situação anacrônica. Hegel teria chegado, embora de forma mistificada, à altura da emancipação política, e Feuerbach criara as condições de emancipação humana. (SCHÜTZ, 2001, p. 95)

O que se pode notar como algo claro na filosofia de Feuerbach é a forma como ele pensa a filosofia de Hegel. Através de sua crítica a esse pensamento, ele apresenta o homem como o aspecto principal nas relações com o mundo externo, algo que Hegel não fez ao trazer na postura do homem a falta de relação na alteração da realidade. Quando se pensa a filosofia hegeliana pela perspectiva de Feuerbach, ela se abre para reflexões sobre a estrutura da sociedade - como se forma a historicidade dessa sociedade e a relação entre homem e seu trabalho. Estes assuntos que se tornaram presentes na formação do pensamento de Marx o levaram a buscar compreender a formação do conteúdo humano construído a partir da influência da doutrina capitalista:

Para Marx, torna-se cada vez mais essencial descobrir o que existe por detrás das estruturas e dos conceitos econômicos que lhe emprestam uma aparência de naturalidade e autonomia em relação ao mundo humano. Seguindo a linha de argumentação feuerbachiana, buscará desmistificar as estruturas de alienação, a fim de desvendar o seu conteúdo humano social. (SCHÜTZ, 2001, p. 97)

Pautando-se nisso, Marx considerou como algo essencial buscar entender a fundamentação da estrutura da ordem econômica do capitalismo, sua direta relação com a formação da consciência humana e a sua atuação no desenvolvimento do trabalho - o que o levava a pensar a forma da gradativa alienação humana. Para pensar a formação da consciência humana, Marx considerou aquilo que vem ao humano através da composição religiosa. Apesar

do viés econômico, Marx percebeu que tanto na religião como no trabalho o indivíduo poderia se encontrar em estado de alienação, pois o que ocorre é uma entrega de si àquilo que não necessariamente faz parte de si. É uma exteriorização que leva o humano ao estranhamento de si e a constatação da alienação.

A este respeito, Marx aponta algumas considerações em sua obra *“A Questão Judaica”*:

A exteriorização é a prática da alienação. Assim como o homem, enquanto permanece absorto na religião, só pode objetivar a sua essência através de um ser estranho e fantástico, assim sob a dominação da necessidade egoísta só pode afirmar-se a si mesmo e produzir objetos na prática, subordinando os produtos e a própria atividade ao domínio de uma entidade alheia, e atribuindo-lhes o significado de uma entidade estranha, a saber, o dinheiro. (MARX, 1989, p.38)

A alienação do indivíduo vai em direção a uma perda de sua essência e pode ser pensada partindo da estrutura religiosa, e, posteriormente, passa a ser pensada na estrutura construída pelos moldes da sociedade capitalista. O que Marx apresentara como suporte necessário para compreender a ocorrência e desenvolvimento dessa alienação será a condição material da sociedade capitalista e o processo do trabalho. Pelo trabalho se torna possível pensar como este afeta aquilo que forma a essência genérica humana, e como isso vai ao encontro da objetivação do homem, tornando-o estranho àquilo que produziu com a ação do trabalho. Sobre isso Schütz apresenta:

Por que a objetivação do ser genérico do homem, através do trabalho, estaria se tornando estranho a este? A Economia Política já constatara que o produto do trabalho parece estranho ao trabalhador. Marx constata que o próprio processo do trabalho é alienação ativa. E como a forma de manifestar a essencialidade genérica humana dá-se através da relação prática do trabalho, em objetos concretos, e como estes, bem como o próprio processo não lhe pertencem, ele está, também, alienando-se do sua essência genérica. O que significa que está alienado dos outros seres humanos, uma vez que a forma de ligar-se a estes, é através dessa essência genérica comum, dos produtos do trabalho. (SCHÜTZ, 2001, p. 98)

A ação prática do trabalho na realização daquilo que é externo ao humano leva ao processo de criação e produção daquilo que não vai lhe pertencer [a alienação de sua essência]. Assim, “significa que está alienado dos outros seres humanos, uma vez que a forma de ligar-se a estes é através dessa essência genérica comum, dos produtos do trabalho”. (SCHÜTZ, p. 98, 2001). O produto do trabalho faz com que o indivíduo não seja mais considerado como aquele que possui sua essência humana, mas como aquele que objetivou sua essência através do que realizou em sua ação do trabalho. Esse humano é visto como um trabalhador que produz, fazendo isso de acordo com os interesses do capital e a busca da conquista e manutenção da propriedade privada. Isso acarretará na condição de que a sua vida seja determinada por algo exterior a ele e, portanto, isso lhe será algo estranho. O trabalhador produz o capital, o revela,

mas isso não pertence a ele, “ou seja, o trabalhador produz aquele que passa a definir sua vida, produz algo que passa a opor-se a ele mesmo”. (SCHÜTZ, 2001, p. 99).

Nessa perspectiva de perceber o trabalhador como estranho ao capital e ao produto que produziu, coloca-se o indivíduo enquanto trabalhador alienado de si, e ainda nessa relação, o que se pode constatar é que o capital precisa do trabalhador e o trabalhador precisa do capital. Deste modo “a alienação do produto é apenas resultado de um processo social que se inicia na alienação dos seres humanos uns dos outros, quando estes, no interior da sociedade civil, estão numa luta de todos contra todos” (SCHÜTZ, 2001, p. 98). Considerando isso, nota-se a intenção de Marx em trazer no seu pensamento a sociedade associando-a a propriedade privada. E, junto a isso, Marx pensou a ação do trabalho da sociedade capitalista com os fatores materiais e religiosos que estão sobre o indivíduo. Assim, sua reflexão sobre alienação percorreu para outro nível de compreensão.

Ao considerarmos esses fatores, se torna possível notar que Marx considerou o que é exterior ao humano para pensá-lo enquanto àquele que está sujeito ou já condicionado a uma alienação. Deste modo, buscaremos compreender como Marx conduziu seu pensamento sobre esse conceito atrelado diretamente ao humano que vive em uma sociedade capitalista.

## **6 Karl Marx e o conceito de alienação**

Ao propormos uma abordagem acerca do conceito de alienação no pensamento de Karl Marx, nos deparamos com a exigência de pensar este conceito tanto a partir das especificidades da filosofia marxiana, quanto das influências significativas das filosofias precedentes. Tal como previsto como um dos procedimentos do método do materialismo dialético, foi importante darmos a devida atenção sobre as formas de aparição e relação do conceito de alienação no *uso comum* [a partir de nosso tempo midiático]. Posteriormente, estabelecemos contato com a filosofia hegeliana e com a filosofia de Feuerbach para, agora, caminharmos de modo mais seguro no que diz respeito ao conceito de alienação na filosofia marxiana.

O conceito de alienação logo se tornou o primeiro tema de grande importância para o jovem Marx (BARROS, 2010, p.236). Tal como na filosofia hegeliana, em Marx, o conceito de alienação (*Entäußerung*) está frequentemente associado e relacionado ao conceito de estranhamento (*Entfremdung*). Mas isso não faz com que ambos sejam definidos sempre com o mesmo sentido. Em um olhar mais atento sobre a filosofia marxiana, torna-se possível compreender distinções que podem aparecer de um conceito ao outro, bem como as suas íntimas

relações. Para expor de forma breve a distinção da qual nos referimos, recorremos ao texto de Jesus Ranieri, intitulado: *Alienação e estranhamento: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital*:

[...] existe uma distinção entre alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*): enquanto alienação tem o significado de algo ineliminável do homem, uma exteriorização que o autoproduz e forma no interior de sua sociabilidade, estranhamento é designação para as insuficiências de realização do gênero humano decorrentes das formas históricas de apropriação do trabalho, incluindo a própria personalidade humana, assim como as condições objetivas engendradas pela produção e reprodução do homem.

Em outras palavras, pode-se dizer que aquilo que Marx designa por alienação (ou exteriorização, extrusão, *Entäusserung*) tem a ver com atividade, objetivações do ser humano na história, ao mesmo tempo em que estranhamento, pelo contrário, compõe-se dos obstáculos sociais que impedem que aquela atividade se realize em conformidade com as potencialidades humanas, obstáculos que, dadas as formas históricas de apropriação do trabalho e também de sua organização por meio da propriedade privada, faz com que a alienação apareça como um fenômeno concêntrico ao estranhamento. (RANIERI, 2001, p. 01)

Essa distinção entre os conceitos de alienação (*Entäusserung*) e de estranhamento (*Entfremdung*) fica mais clara ao trazermos para a análise a ação do humano perante o seu meio. O humano ao realizar determinada atividade se coloca numa relação direta com o seu meio externo, se auto-reproduz nessa sua ação que virá na tentativa de ser inserida na sociabilidade [com e para outros]. Assim, a sua ação é algo que tenta exteriorizar-se a partir dele enquanto humano. É uma busca de objetivar a sua ação em seu meio. A esta atividade de exteriorização, Marx chama de alienação (*Entäusserung*).

Já, ao pensarmos o estranhamento (*Entfremdung*), percebemos que ele poderá ser compreendido como os entraves que podem surgir e ocorrer na tentativa do humano exteriorizar essa sua atividade, algo que impedirá a sua ação, e alteração ou apropriação nas formas da realização do trabalho, por exemplo. Será pela atividade do trabalho que Marx apresentará mais detalhes na forma de compreender e perceber a alienação do humano. A respeito da concepção de trabalho, ressaltamos que a forma de encararmos o trabalho não será apenas pela perspectiva da potencialidade do humano alterar o seu meio [de acordo com ações naturais do humano], mas pela perspectiva do trabalho enquanto aquele que é exercido perante o que está posto pelo capitalismo, no qual é possível notar a presença dos proprietários e dos trabalhadores sem propriedade.

Adiantamos por ora, que o trabalho e a alienação no pensamento de Marx estarão diretamente relacionados, pois esse trabalho ao ser realizado sobre os moldes do processo de produção capitalista, levaria o humano à condição de alienação. Como nos apresenta Maria

Angélica Peixoto em seu texto *Para entender a alienação: Marx, Fromm e Marcuse*, uma breve síntese sobre essa condição:

[...] a alienação humana está no fato de haver no processo de produção uma relação que impede e constrange a realização do trabalho como “objetivação”, ou seja, como realização da natureza humana. Mas antes de tudo devemos perguntar: o que é a alienação? Segundo Marx, a alienação surge com a divisão social do trabalho e com esta divisão surge a separação entre os que dirigem e os que executam o processo de trabalho. Há, pois, nesta relação, a instauração da alienação. O trabalhador é constrangido a atender suas necessidades mais imediatas, tais como: comer, beber, vestir, etc., se não o fizer porá em risco sua própria existência. Ao fazer de sua capacidade de trabalho um meio para atingir determinados fins, a sua atividade deixa de ser uma atividade livre (auto-atividade) e torna-se trabalho alienado. (PEIXOTO, 2010, p. 33)

Para entendermos como ocorre essa condição de alienação, pensemos que com o andamento e o fortalecimento do sistema capitalista, as relações de trabalho ganharam nova interpretação no seio das ações e de sua representatividade no âmbito social. A ação do trabalho não é somente entendida pela perspectiva de sobrevivência natural, mas sim uma ação necessária [certamente para a sobrevivência do humano], mas principalmente pelo sentido da venda dessa ação do trabalho para aqueles que detêm o poder da propriedade privada, e que necessitam da exploração da força do trabalho assalariado para manter e aumentar seu poderio econômico.

A partir deste rápido apontamento, é possível compreendermos o que Marx propunha quando entendeu que aqueles que são desprovidos da propriedade privada são expostos a uma situação de necessidade que, para garantir condições mínimas de sobrevivência, precisam vender a única coisa que possuem: a sua própria força de trabalho. Essa execução do trabalho como uma necessidade humana, e este trabalho sendo orientado pela dominação do capitalismo leva a Marx expor o conceito de alienação como algo decorrente da própria ação do trabalho - descrita em sua obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Nessa obra, Marx mostrou a notável presença da alienação como o caminho para conduzir parte das reflexões ali contidas e apresenta a alienação em várias situações e relações com o humano, o trabalho e o capital.

Como apresenta José D’Assunção Barros em seu texto; *O conceito de alienação no jovem Marx*:

Importante notar que a alienação era então examinada, pelo autor dos Manuscritos econômico-filosóficos, nas suas mais diversas formas. Na verdade, não existia uma só alienação, mas várias delas. Tudo aquilo que fragmentava o ser humano, que o apartava do mundo, de si mesmo, das coisas que ele criara; tudo aquilo que o separava da consciência que deveria ter, que o transformava quase em um autômato ou em um “animal desnaturalizado”; tudo aquilo que o mergulhava em uma espécie de sono do qual não parecia ser possível despertar, remetia em Marx ao âmbito da alienação. (BARROS, 2010, p. 236)

Parece-nos então necessário nos apoiar nessa obra de Marx, para buscarmos o auxílio necessário para o desenvolvimento da compressão acerca da alienação, e como irá relacionar-se com a concepção acerca da produção de produtos, a relação com o trabalhador que o produz, e as alienações que dali surgirão.

Para trazermos assim alguns apontamentos que se mostram relevantes para essa reflexão acerca da alienação em Marx, baseando-nos a partir dos Manuscritos de Marx, recorreremos ao breve apoio do texto de Walber Nogueira da Silva, intitulado: *Trabalho alienado e propriedade privada nos manuscritos de 1844, de Karl Marx*. Em seu texto, Silva aponta as formas ou determinações nas quais a alienação se mostra ao trabalhador a partir das reflexões contidas nos *Manuscritos*: 1) alienação dos produtos do trabalho; 2) alienação do ato da produção; 3) alienação do ser genérico do homem e 4) alienação do homem pelo próprio homem. (SILVA, 2012, p.43).

Partindo da primeira determinação, *a alienação estando sobre os produtos do trabalho*, pensemos a ação do trabalho pela forma capitalista de compreensão e a forma que o conceito de alienação ali aparece. Para isso, recorreremos ao próprio Marx quando nos apresenta, na obra *Manuscritos Econômico-Filosófica*, atividade do trabalho e do trabalhador nas condições colocadas pelo andamento do capitalismo:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto mercadoria cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*), aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p. 80)

Podemos compreender assim, que o trabalho é incorporado a uma valorização, não somente na valorização da ação que será exteriorizada do humano, mas em uma ação que será transformada em mercadoria. Através desta ação do trabalho, não somente a atividade do trabalho será compreendida como mercadoria, como também aquele que a executa, ou seja, o trabalhador. O trabalhador ao executar a sua ação de trabalho para a efetivação de um produto, não somente exterioriza sua ação, como também objetiva ela ao que é colocado como externo a ele, produz algo que vem de si [interno] para o externo. O objeto produzido é a materialização da ação realizada pelo trabalho e, esse mesmo objeto, se mostra para esse trabalhador como um ser estranho. O trabalhador não reconhecerá esse objeto como algo que se exteriorizou de si, mas sim como algo que não lhe pertence, ocorre assim o estranhamento de sua exteriorização. Esse é o resultado da atividade do trabalho pelo trabalhador e, ao mesmo tempo,

esse objeto advindo de sua atividade é algo que será estranhado por ele próprio e será hostil a ele.

Além desse estranhamento, esse objeto produzido por essa ação do trabalhador, aos poucos, cria dominação sobre toda a sua ação e, através disso, o trabalhador se torna servo daquilo que produz. Pois, quanto mais o trabalhador exerce seu trabalho sobre o meio que o cerca, mais dependência sobre esse meio e pela sua atuação do trabalho ele acabará criando. Como nos apresenta Marx nos *Manuscritos*:

[...] o trabalhador se torna, portanto, um servo do seu objeto. Primeiro, porque ele recebe um *objeto do trabalho*, isto é, recebe *trabalho*; e segundo, porque recebe *meios de subsistência*. Portanto, para que possa existir, em primeiro lugar, como trabalhador e, em segundo, como *sujeito físico*. O auge desta servidão é que somente como *trabalhador* ele pode se manter como *sujeito físico*, e apenas como sujeito físico ele é trabalhador.

(O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacionais-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho; mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador.) (MARX, 2004, p.81-82)

Ao relacionarmos o trabalho efetuado pelo trabalhador [orientado pelas “leis nacionais-econômicas”], notamos que quanto mais o trabalhador exteriorizar a sua ação para fins que correspondam à força da economia, mais distante estará daquilo que realizou. Quanto mais o trabalhador dedicar esforços naquilo que está produzindo, mais distante ficará daquilo que produziu com seu trabalho. É uma relação de dominação daquilo que produziu sobre si que o leva ao ponto dele mesmo se tornar o próprio produto que também possuirá valor. Desta forma:

[...]o trabalhador confronta-se com o produto de seu trabalho como algo “estranho e hostil”, sintoma de que seu trabalho é trabalho alienado. [...] está alienação do trabalhador se dá no próprio processo de trabalho. A consequência disto é que o produto do trabalho confronta-se com quem o criou: o trabalhador. Este processo se concretiza na medida em que o trabalhador ao se separar do produto do seu trabalho, outro que não o trabalhador se apropriará dele. (PEIXOTO, 2010, p. 33)

Esse confronto entre o produto e o trabalhador mostra a dominação que é trazida pelo próprio produto sobre aquele que o criou, o trabalhador. Isso possibilita compreendermos o produto enquanto uma mercadoria que está sendo produzida e está sendo o resultado final da produção e exteriorização da ação do trabalhador. Sobre essa relação é possível identificar a *alienação em relação ao ato de produção* estando diretamente ligada a própria ação do trabalhador. Ora, se esse produto que foi produzido se mostra como o resultado da ação do trabalhador e marca a materialização de sua exteriorização, e se o trabalhador não compreende que isso que foi produzido partiu de sua ação, tanto a sua atividade não será reconhecida por

ele próprio, como também do mesmo modo ele não reconhecerá a materialização do que fez como seu. Construir-se-á ali nessa atividade a alienação em relação ao ato de produção.

Devemos ainda considerar que essa ação do trabalho é a exteriorização da ação do humano, esse humano compreendido então como um trabalhador. Essa sua exteriorização será apresentada pela ação do trabalho enquanto um trabalho forçado, e é realizado na busca da venda desse seu trabalho para corresponder a produtividade exigida pelos donos dos meios de produção. Se o seu trabalho é encarado como algo que lhe é forçado [indo além de suas satisfações naturais de sobrevivência] esse trabalho então é realizado com a busca de um retorno, que retornará a ele na forma de salário decorrente da realização do trabalho forçado. Esse trabalho forçado cria não somente um humano que não reconhecerá aquilo que produziu [objeto – mercadoria] com a realização de seu trabalho, como também só passará a se reconhecer enquanto [trabalhador – humano], quando exercer sua exteriorização via o trabalho buscando algum retorno econômico, ou seja, um valor revertido a ele através do pagamento de seu salário. Ele só terá valor enquanto humano durante o tempo em que se mostrar como valor de mercadoria que é, e que irá produzir. Para pensarmos sobre esse processo, recorremos ao que apresenta Marx:

[...] Como capital, o valor do trabalhador aumenta no sentido da procura e da oferta e, também fisicamente, a sua existência (*Dasein*), a sua vida, se torna e é sabida como oferta de mercadoria, tal como qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital; o capital produz o trabalhador. O trabalhador [produz], portanto, a si mesmo, e o homem enquanto trabalhador, enquanto mercadoria, é o produto do movimento total. O homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas prioridades humanas o são na medida em que o são para o capital, que lhe é estranho. Mas porque ambos, capital e trabalho, são estranhos entre si e estão, por conseguinte, em uma relação indiferente, exterior e acidental, esta estranheza (*Fremdhint*) tem de aparecer como [algo] efetivo (*wirklich*). Tão logo aconteça ao capital – ocorrência necessária ou arbitrária – não mais existir trabalhador, o trabalhador mesmo não é mais para si; ele não tem nenhum trabalho e, por causa disto, nenhum salário. E, aí, ele tem existência (*Dasein*) não enquanto homem, mas enquanto trabalhador, podendo deixar-se enterrar, morrer de fome etc. O trabalhador só é, enquanto trabalhador, assim que é para si como capital, e só é, capital, assim como o capital é para ele. A existência (*Dasein*) do capital é sua existência, sua vida, tal como determina o conteúdo de sua vida de um modo indiferente a ele. (MARX, 2004, p.91)

Nessa relação do trabalhador com o capital será possível identificar que tanto o capital será estranho ao trabalhador, como o trabalhador será estranho ao capital. A efetivação do salário torna o trabalhador uma mercadoria, que possui valor enquanto aquele que produz e é mercadoria. O capital produz a alienação do trabalhador em relação ao ato daquilo que veio de sua produção, de sua exteriorização. As necessidades humanas passaram para além das naturais que se relacionam com a sua sobrevivência. As suas necessidades percorrerem pela afirmação de sua existência de acordo com a sua produtividade enquanto exerce o seu trabalho. Isso leva

a seu estranhamento, esse estranhamento da atividade humana é decorrente de dois aspectos citados por Marx:

[...] 1) A relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com o ato de produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O *estranhamento – de – si (Selbstentfremdung)*, tal qual acima o estranhamento da coisa. (MARX, 2004, p. 83)

Se buscarmos analisarmos os dois aspectos citados por Marx sobre o estranhamento da atividade humana, podemos identificar as situações nas quais a alienação se mostrará. Primeiramente, a alienação do humano está na relação do trabalhador com o produto de seu trabalho, sendo que esse produto se mostra para o trabalhador como algo hostil e estranhado. Posteriormente, a alienação está diretamente associada a condição do humano enquanto aquele que está na condição de trabalhador, e a alienação se mostra na relação com o ato de produção. Por essa produção se percebe que a atividade será estranha ao trabalhador e será compreendida como algo que não pertencesse a ele.

Essas duas situações acarretaram consequências diretas para a consciência do humano, pois atinge a natureza dele. Natureza essa sobre a qual Marx apresenta como *natureza genérica do homem*, e se o estranhamento da atividade humana está juntamente direcionada ao ato de produção, isso acarreta na negação dessa natureza genérica do homem:

[...] na elaboração do objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar efetivamente, como *ser genérico*. Esta produção é a sua vida genérica operativa. Através dela a natureza aparece como a sua obra e a sua efetividade (*Wirklichkeit*). O objeto do trabalho é portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele. Consequentemente, quando arranca (*entreisst*) do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe a sua *vida genérica*, sua efetiva objetividade genérica (*wirkliche Gattungs-gegenstandlichkeit*) e transforma a sua vantagem com relação ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo inorgânico, a natureza. (MARX, 2004, p. 85)

Para compreendermos como ocorre a *alienação do ser genérico do homem*, pensemos que, diferente dos outros seres, o humano possui a potencialidade de alterar o seu meio natural não somente para garantir a sua sobrevivência, mas para transformar esse meio, para que esse meio possa vir a lhe servir em prol da perpetuação de sua vida.

O humano, assim, possui a condição de buscar melhorias para garantir meios de manter a sua sobrevivência no que diz respeito às necessidades básicas de sobrevivência como alimentação, moradia, vestuário, etc. Essa sua condição o coloca como um possuidor de uma vida genérica que estará relacionada à objetivação de suas ações no meio natural. O humano é possuidor de uma vida inorgânica, que é decorrente de sua relação com o meio natural. Essa relação com o meio natural é uma necessidade humana, pois nessa relação o humano objetiva seu trabalho na natureza para garantir sua sobrevivência, a natureza assim será o seu corpo inorgânico.

Perante a isso o trabalho é o que se mostra como a ação que torna possível a realização dessas objetivações para a sua vida, usando do seu trabalho para trazer a objetivação de sua vida genérica. Ao fazer a objetivação e, esta se mostrando na forma de trabalho alienado, o humano permite que se extraia dele aquilo que faz parte das características dele enquanto possuidor de um gênero humano, ou seja, a sua consciência e a sua liberdade. Ambas estão diretamente ligadas a sua vida inorgânica. Recorremos às palavras de Marx para fundamentarmos esse pensamento:

[...] A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza.

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]. Faz-lhe da *vida genérica* apenas um meio de vida individual. Primeiro estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada. (MARX, 2004, p. 84)

Podemos observar que é tirada desse homem a sua natureza quando se coloca a ele a realização do trabalho estranhado. Ele não somente ficaria estranhado na objetivação de seu trabalho, mas também ficaria estanhado daquilo que lhe é atribuído como gênero humano. O trabalho quando colocado como uma objetivação em prol da atividade produtiva não somente de sua subsistência natural, mas seguindo as imposições do capital, leva essa atividade a uma atividade alienada. Notamos que para Marx, a atividade produtiva se mostra como aquilo que proporciona fundamentos para a consciência do humano, e essa atividade estando alienada, estando ela na condição de mercadoria, aliena do mesmo modo a consciência do humano que a exerce, pois executa o trabalho nas condições de um trabalho estranhado. O trabalho estranhado faz por sua vez:

3) do *ser genérico do homem*, tanto da natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser *estranho* a ele, um *meio* da sua existência *individual*. Estranha

do homem o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência *humana*.

4) uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o *estranhamento do homem pelo [próprio] homem*. Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação com seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem. (MARX, 2004, p. 85-86)

A realização do trabalho alienado irá alienar não somente a ação do trabalho como também conduz o homem à perda de sua existência individual, estranhando não somente o seu corpo, mas também a sua essência humana e a sua consciência. Como algo decorrente disso, do mesmo modo o homem fica estranho de si próprio tal como fica do produto que produz. Perante essa perspectiva, podemos pensar *a alienação do homem pelo próprio homem*, pois, a mesma relação que se forma entre o homem e a sua atividade do trabalho estranhado, e o estranhamento sobre o produto que produz, a mesma condição ocorre entre ele consigo próprio ao perder sua essência humana. Podemos pensar sobre isso quando Marx apresenta a relação do homem com o próprio homem:

[...] Se ele se relaciona, portanto com o produto do seu trabalho, com o seu trabalho objetivado, enquanto objeto *estranho*, hostil, poderoso, independente dele, então se relaciona com ele de forma tal que um outro homem estranho (*fremd*) a ele, inimigo, poderoso, independente dele, é o senhor deste objeto. Se ele se relaciona com sua própria atividade como uma [atividade] não-livre, então ele se relaciona com ela como atividade a serviço de, sob o domínio, a violência e o jugo de outro homem. Todo auto-estranhamento (Selbstentfremdung) do homem de si e da natureza aparece na relação que ele outorga a se e à natureza para com os outros homens diferenciados de si mesmo. (MARX, 2004, p. 87)

É por via desse trabalho estranhado que o auto-estranhamento surge, não somente ao que se refere do homem não se reconhecer no produto de seu trabalho, como também não reconhece a si próprio. Se a sua atividade se mostra de uma forma não-livre, estando assim a serviço de outro e não mais para si, aparece nesse trabalho a hostilidade e a dominação, pois a objetivação da realização do seu trabalho pertence agora a outro. O que se cria nesse homem é o poder de dominação que outro homem terá sobre ele.

Podemos refletir sobre isso considerando a relação que existe entre o trabalhador com aquilo que produziu, já que o que produziu não é seu, e sim de outro. O que vemos é a formação de um “*poder*” alienado do homem sobre o próprio homem, a atividade se torna não-livre por meio da objetivação dessa atividade que está a serviço para aquele que é o detentor dos meios de produção – o detentor do objeto produzido pelo trabalho, fortalecendo assim o estranhamento. Busquemos fundamentação sobre essa ideia nas palavras de Marx:

[...]O meio pelo qual o estranhamento procede é [ele] mesmo um [meio] *prático*. Através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas sua relação

como objeto e o ato de produção enquanto homens que lhes são estranhos e inimigos; ele engendra também a relação na qual outros homens estão para a sua produção e o seu produto, e a relação na qual ele está para com estes outros homens. Assim como ele [engendra] a sua própria produção para a sua desefetivação (*Entwirklichung*), para o seu castigo, assim como [engendra] o seu próprio produto para a perda, um produto não pertencente a ele, ele engendra também o domínio de quem não produz sobre a produção e sobre o produto. Tal como estranha de si a sua própria atividade, ele apropria para o estranho (*Fremde*) a atividade não própria deste. (MARX, 2004, p. 87)

Quando ocorre o estranhamento do homem pelo seu trabalho e pelo o que produziu, esse mesmo estranhamento irá ocorrer sobre si e sobre outros homens, já que estão todos relacionados. Cria-se nessa relação não somente um domínio do produto sobre si, como também fortalece a construção de um domínio que outro(s) terão sobre ele e sua atividade. Desta forma, esse homem que exerce o trabalho sobre esse domínio, assumindo a sua produção com atividade não-livre, contribui ainda mais para sua estranheza de si. Ele corresponderá ao fortalecimento da propriedade privada que lhe força a exercer o trabalho para finalidades de outros homens, e não para si. Pensando essa atividade estranhada sobre a formação da propriedade privada, vale trazeremos que para Marx:

*A propriedade privada* é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do *trabalho exteriorizado*, da relação externa (*ausserlichen*) do trabalhador com a natureza e consigo mesmo.

*A propriedade privada* é, portanto, por análise, de conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, de *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem estranhado. (MARX, 2004, p.87)

A formação de propriedade privada é o que potencializa a realização do trabalho exteriorizado. Ela intensifica e retira do homem a sua relação com a natureza e também lhe tira aquilo que possuía como algo seu: sua natureza, sua consciência, sua objetividade de exteriorização, isso a tal ponto de fazer com que esse homem não se perceba e se reconheça mais como tal. Esse conceito de alienação na forma de exteriorização é algo decorrente do fortalecimento da busca pelo aumento e manutenção da propriedade privada. Marx ao fazer tal análise chega posteriormente a apresentar possíveis formas de fazer com que o homem perceba essa condição na qual está [condição de alienação]. Para isso, julga que se deve considerar a relação existente entre salário e propriedade privada:

[..] Da relação do trabalho estranhado com a propriedade privada depreende-se além do mais, que a emancipação da sociedade da propriedade privada etc., da servidão, se manifesta na forma *política da emancipação dos trabalhadores*, não como se dissesse respeito somente à emancipação deles, mas porque na sua emancipação está encerrada a [emancipação] humana universal. Mas está [última] está aí encerrada porque a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são apenas modificações e consequências dessa relação. (MARX, 2004, p. 88-89)

Essa condição poderia ser encarada como algo a ser superado, se, segundo Marx, o homem conseguisse compreender e solucionar primeiramente os problemas contidos na essência da propriedade privada, vendo-a a partir do trabalho estranhado. E, ainda, se esse homem conseguisse admitir o estranhamento de seu trabalho, esse como sendo o resultado de sua exteriorização. Caso isso ocorresse, possibilitaria a esse homem pensar e buscar entender sobre como ocorre essa estranheza de sua ação do trabalho exteriorizado, considerando para isso que a propriedade privada é algo que está fora, algo externo dele enquanto homem, mas o trabalho que gera e contribui o acréscimo dessa propriedade privada é algo que faz parte de si.

Diante das formas de se pensar a alienação perante a obra *Manuscritos econômico-filosófico* de Marx, é possível compreendermos que as formas de alienação estão diretamente ligadas à exteriorização da ação do homem quando executa seu trabalho. Esse trabalho não é pensado mais como algo natural, mas como uma ação que é efetivada para os interesses dos donos do meio de produção.

A consequência dessa exteriorização alienada do homem será a de que esse homem não se reconhecerá mais enquanto homem. Passará a se reconhecer e ser reconhecido somente como aquele que produz mercadoria e terá ela como algo estranho a ele - estranhado ao resultado de seu trabalho. Além disso, o seu próprio trabalho, e a sua própria natureza humana não lhe pertencem mais. Ele, enquanto humano, se torna uma mercadoria, esse homem não reconhece mais a si mesmo, nem outros homens como possuidores de uma essência humana. Dessa forma o trabalho na percepção de Marx:

[...] tende a se concentrar na alienação produzida no regime de trabalho sob o sistema capitalista e na alienação que, na sociedade industrial e na sociedade de consumo, transforma pessoas e relações interpessoais em “coisas” e em “relações entre coisas”. Em meio à diversidade de temáticas pertinentes ao mundo capitalista, que tomou por tarefa esclarecer, eventualmente retornam os antigos interesses pela alienação, particularmente o “fetiche da mercadoria” – a tendência do homem moderno a enxergar tudo como mercadoria da qual se apropriar ou que se pode comprar, inclusive o sentimento das pessoas – e a “reificação” (coisificação) do próprio trabalhador. (BARROS, 2010, p. 241)

Se pensarmos esses apontamentos apresentados acerca do conceito de alienação, não se torna difícil fazermos associações diretas com o nosso tempo. Tempo esse no qual o trabalho se tornou algo vital, não somente para suprir a condição de subsistência de vida, mas como o aspecto necessário e considerado pela ideologia capitalista como o caminho para uma suposta realização humana - pelo qual o homem obterá êxito na significação de existência humana. Essa realização é trazida pela construção de um pensamento no qual se busca afirmar que se conquistará tal realização através do acúmulo de capital, do aumento da propriedade privada, e incorporando o trabalho como o instrumento que proporcionará isso.

Percebemos que tais aspirações não chegam de forma clara e acessível a todos. Desta forma, o trabalho se torna o caminho pelo qual se constrói a exploração, a dominação, a afirmação da impotência dos trabalhadores que exercem a sua função de trabalho para garantir necessidades básicas de sobrevivência, e um dos responsáveis pelo aumento da disparidade econômica- social que infelizmente constatamos em nossa realidade.

O trabalho assalariado associado ao capital se tornou um instrumento muito eficaz para afirmar a dominação de uma classe sobre a outra. A execução do trabalho nos moldes do sistema formado pelo capitalismo ainda é um meio pelo qual se constrói a condição de alienação do homem, deixando-o impotente de ação e de consciência sobre o que está posto a sua volta. Assim, podemos afirmar que:

Marx se tornou mesmo um “filósofo do despertar”, no sentido de que podemos associá-lo a uma certa linhagem de filósofos e pensadores que buscam refletir sobre os limites do homem (ou de sua consciência) e que, ato contínuo, procuram despertá-lo desta inconsciência, torná-lo ciente de seus limites e dos poderes que o afetam para lhe oferecer materiais filosóficos ou científicos para a sua própria libertação ou conscientização transformadora. (BARROS, 2010, p. 239)

Refletirmos sobre isso e deixarmos amostra tais apontamentos e contribuições de Marx sobre o conceito de alienação pode proporcionar uma melhor compreensão e entendimento sobre o andamento de nossa sociedade e da forma que se dá as relações de trabalho. Marx ainda se mostra como um filósofo que contribui para que se revitalize a vontade de alterar nosso meio, nos fazendo pensar sobre as nossas potencialidades de transformação social<sup>37</sup>. Seu pensamento apresenta suporte filosófico para que possamos nos conscientizar perante a realidade do capital construída e fortificada a nossa volta, buscando a nossa emancipação política e humana. Marx auxilia-nos a pensar a nossa atuação na sociedade. Suas reflexões podem criar condições de inserir o cidadão de forma mais engajada no campo das relações sociais para que possa questionar as imposições que recaem sobre ele que vive e sobrevive em uma sociedade capitalista e desigual.

---

<sup>37</sup> No desenvolvimento da teoria de Marx um momento fundamental para a sua formulação da teoria da emancipação é a de “pensar a história da sociedade capitalista e, principalmente, sua transformação revolucionária a partir da capacidade de auto-organização do proletariado, de sua autodeterminação política e de seu papel ativo (sua *Selbsttätigkeit*, ou seja, auto-atividade) na história” (MELO, 2011, p.37).

## CAPÍTULO II – A FILOSOFIA MARXISTA E A SALA DE AULA

### 1 Desenvolvimento das atividades

Propomos apresentar neste capítulo a forma metodológica e didática pela qual percorreu a aplicação do nosso projeto de pesquisa. Este estudo busca proporcionar a investigação sobre a assimilação da filosofia marxista contida no livro didático de filosofia e a comparação dessa com a assimilação obtida da filosofia marxista a partir dos aportes marxista.

Apresentamos como objetivo central do estudo a abordagem do livro didático na complexidade relacional mercadoria x suporte pedagógico, especificando os passos a serem dados para tentar alcançar tal objetivo, com a proposta de estabelecer um estudo com os alunos acerca do eixo temático da Filosofia Política: “As Teorias Socialistas – Karl Marx”, fazendo uma leitura da forma como se apresenta no livro didático *Filosofando* e, do mesmo modo, estabelecer um estudo com os alunos acerca do eixo temático da Filosofia Política: “As Teorias Socialistas – Karl Marx” a partir de uma bibliografia especializada vinculada à filosofia marxista. Após esse processo de estudo investigativo, realizamos a produção de um material paradidático<sup>38</sup> acerca da compreensão e interpretação dos alunos sobre o que foi estudado.

Para tanto, precisamos identificar as turmas nas quais o projeto foi aplicado, já que destas surgiram o apoio necessário para a nossa reflexão. Julgamos coerente aplicar nosso projeto com duas 2º séries do Ensino Médio da rede pública de ensino, ambas as turmas do Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, localizado na cidade de Cruz Machado - Paraná. A escolha de duas turmas se deu para estabelecermos critérios de comparação entre os saberes obtidos em cada uma delas e, a partir dessas comparações, podermos pensar a forma que se deram as assimilações desses saberes

Destaca-se que em ambas as turmas a reflexão percorreu pelos principais conceitos que julgamos relevantes para se compreender a filosofia de Marx e as Teorias Socialistas. A ênfase foi dada principalmente no conceito de alienação, fazendo associações com outros conceitos relevantes para o estudo da filosofia marxista, tais como: modo de produção, mercadoria e luta de classes. Nesse estudo ainda foi apresentado aos alunos considerações sobre a presença do livro didático de Filosofia em seu aprendizado e o fato de compreendê-lo como uma mercadoria adquirida pelo Estado para finalidades pedagógicas.

---

<sup>38</sup> Referenciamos o material paradidático como um apoio extra produzido pelos alunos, para servir de complemento ao seu estudo, além do uso do material didático.

Após o estudo realizado, ambas as turmas produziram um material paradidático, apoiando-se naquilo que foi estudado. Esse material paradidático seguiu a diagramação apresentada de maneira comum nos livros didáticos, e os alunos se ativeram na apresentação do filósofo Marx ao trazer breves considerações acerca de seu pensamento político - centralizando a apresentação na compreensão obtida acerca do conceito de alienação.

A metodologia aplicada e a estratégia didática utilizada foram similares em ambas as turmas, alterando somente o apoio teórico de estudo, sendo: 2º Série A - utilizando-se da bibliografia especializada vinculada ao marxismo; 2º Série B – utilizando-se apenas do conteúdo contido no livro didático de filosofia -*FILOSOFANDO: Introdução à Filosofia*<sup>39</sup>.

Explicitada as diferenças de abordagem de estudo em ambas as turmas, apresentamos os procedimentos e recursos que se mostraram pertinentes e de grande auxílio para a construção das aulas:

Quadro II; procedimentos e recursos utilizados:

<b>Aulas</b>	<b>Tema – Assunto</b>	<b>Apoio extra utilizado</b>
<b>01 - 02</b>	<i>A origem do proletariado- O socialismo utópico.</i>	Trecho do filme: <i>Dois Filhos do Paraíso.</i>
<b>03 - 04</b>	<i>O Marxismo; O materialismo dialético e o Materialismo histórico.</i>	Imagem <i>Burger King</i> do artista Banksy
<b>05 - 06</b>	<i>Relações de produção e luta de classes – A mais-valia – Alienação.</i>	Música “ <i>Fábrica</i> ” (Legião Urbana) Atividade Fluxograma do conceito de Alienação
<b>07 - 08</b>	<i>Revisão sobre o conceito de Alienação no pensamento de Karl Marx – Produção do material paradidático.</i>	Modelo de material paradidático. Música; “ <i>Quem é Você?</i> ” (Detonautas)

<sup>39</sup>ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. - 5º Ed. - São Paulo: Editora Moderna, 2015. - Vide Anexo I

## 2 Karl Marx, alienação e livro didático

Com o propósito de iniciarmos o estudo, nas primeiras aulas, fora feita uma breve introdução acerca do espaço geográfico, dos aspectos culturais, políticos e ideológicos que englobam o tema, o período e os autores a serem trabalhados. Diante disso, enfatizamos que vivemos em uma sociedade regida pelo modo de produção capitalista, e que esta ideologia do capital organiza e estabelece o andamento de nossa vivência em sociedade. Tal sociedade sustentada por essa ideologia possui instituições, tal como o Estado, que estabelece relações *entre e com* os indivíduos reais, atendo-se a cumprir determinadas funções. A partir dessa apresentação foi proposta a problematização de algo que pudesse fazer parte da realidade do aluno.

Como vivenciamos um momento de grande preocupação política apresentamos aos alunos uma breve indagação: *Qual seria a função do Estado perante a sociedade?* A essa pergunta, trazemos algumas das repostas apresentadas pelos alunos:

*Aluno A:* organizar a política de modo em geral e orientar o andamento da sociedade.

*Aluno B:* criar leis e organizar o meio social.

*Aluno C:* garantir vida digna à população como a garantia de saúde - segurança - educação.

*Aluno D:* mandar e ter poder sobre o povo.

*Aluno E:* administrar o dinheiro público arrecadado com os impostos.

A partir desse questionamento e a obtenção de respostas por parte dos alunos, fora encadeado de modo conjunto à exposição do trecho inicial do filme *Dois Filhos do Paraíso*<sup>40</sup>. O trecho selecionado traz o personagem *Ali*, um menino de nove anos, proveniente de uma família humilde e que vive com seus pais e sua irmã, *Zahra*. Após *Ali* perder o único par de sapatos de sua irmã, passa a dividir seu próprio par de sapatos, ambos revezando-o para irem à escola.

Associando esse trecho do filme à questão anteriormente realizada sobre a função do Estado, e conduzindo o aluno a pensar sua realidade, o que pode ser extraído para a condução das aulas iniciais é a manifestação por grande parte dos alunos, expondo que o Estado se mostra ativo e presente ou no campo legislativo - ao que concerne a ação de criar e implantar leis, em

---

<sup>40</sup> Filhos do Paraíso. Direção de MajidMajidi. Filme iraniano, de 1998.

uma busca de organização social. Atua em determinadas situações de forma tirana, buscando obtenção de poder e comando sobre o povo. Ou no campo jurídico, atendo-se a pensar e organizar politicamente o andamento da sociedade. Por fim, a associação com a existência de uma desigualdade social em nossa sociedade e que o Estado se mostra falho em algumas de suas atribuições. Pois não consegue garantir a ordem na sociedade, pois, é frequente a violação de leis, e quando consegue é com o uso excessivo da força, evidenciando sua tirania, e não atende a garantia do direito de vida digna para todos àqueles que fazem parte da sociedade, mostrando-se falho nos quesitos de garantia de saúde, segurança e educação.

Para fundamentarmos teoricamente a relação do Estado com os indivíduos, considerando o que fora exposto pelos alunos, apresentamos a importância de se aprofundar nos estudos sobre a filosofia de Karl Marx. No início do estudo foi possível constatar que muitos alunos demonstram inquietação sobre a proposta de dedicarmos atenção à filosofia marxista. Essa inquietação foi apresentada tanto na forma de concordância sobre a necessidade de pensar o que as teorias socialistas apresentaram sobre a desigualdade social, bem como considerando esse tema como fundamental para compreender a sociedade nos aspectos políticos, econômicos e sociais. E inquietação até mesmo pela desconfiança e certa resistência demonstrada por muitos alunos por adentrarem em um estudo da filosofia de Karl Marx.

Pensamos que essa situação foi uma clara consequência da atual condição de instabilidade política que vivenciamos. Após inúmeros escândalos políticos e midiáticos de corrupção e ações ilícitas por parte de nossos representantes políticos; tais representantes associados a partidos políticos que possuem em seus discursos algumas ideias apresentadas como socialistas; a falta de informação e conhecimento sobre as teorias gerou generalizações pejorativas sobre a concepção de socialismo e comunismo, bem como a desconfiança em se estudar Karl Marx.

Essa desconfiança foi demonstrada pelos alunos em uma forma receosa por não querer ser doutrinado ideologicamente. Em sala de aula isto foi expresso:

*Aluno A:* pra que estudar uma teoria que não dá certo.

*Aluno B:* vamos ter que estudar as ideias “*dos petralhas*”.

*Aluno C:* podemos estudar esses temas e esse filósofo em sala de aula?

Diante desses e de outros comentários, buscamos deixar claro em aula que a proposta do estudo não surge com a intenção de doutrinar ideologicamente, nem tão pouco forçá-los a construir concordância ou aceitação das ideias marxistas. Somente salientamos que é um assunto apresentado pelas diretrizes curriculares do Estado do Paraná, e que a importância do

estudo da filosofia de Karl Marx ainda se mostra necessário para compreender o andamento da atual sociedade, já que esta sociedade ainda se fundamenta no modo de produção capitalista e, desse sistema, surgem condições e situações que devem ser pensadas.

Comentamos que um estudo desta natureza pode proporcionar uma formação social e política – ao fim, comunitária - para que se possa compreender a sua própria realidade material tal como disse Karl Marx e Friedrich Engels na *Ideologia Alemã*:

Não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real. (MARX & ENGELS, 1998, p.19)

Feita a justificativa, adentramos sobre o que o pensamento marxista apresenta sobre o Estado e, de que forma, nos traz contribuições ao estudo. Para tanto nos baseamos na obra de Engels *Do socialismo utópico ao socialismo científico*:

Por sua parte, o Estado moderno não é tão pouco mais que uma organização criada pela sociedade burguesa para defender as condições exteriores gerais do modo de produção capitalista contra os atentados, tanto do operários como dos capitalistas isolados. O Estado moderno, qualquer que seja a sua forma, é uma máquina essencialmente capitalista, é o Estado dos capitalistas, o capitalista coletivo ideal. E quanto mais forças produtivas passe a propriedade tanto maior quantidade de cidadão explorará. Os operários continuam sendo operários assalariados, proletários. A relação capitalista, longe de ser abolida com essas medidas, se aguça. Mas, ao chegar ao cume, esboroa-se. A propriedade do Estado sobre as forças produtivas não é a solução do conflito, mas abriga já em seu seio o meio formal, o instrumento para chegar a solução. (ENGELS, 1999, p. 117).

Quando trazida tal associação da ação do Estado segundo Engels com a estrutura da sociedade, é possível perceber que esta sociedade é formada por classes antagônicas – o proletariado e a burguesia. Dessa constatação surgem questionamentos na busca de por primeiro, compreender e definir cada classe antagônica e, por segundo, compreender os motivos/fatos que geraram tal divisão de classes e a desigualdade econômica.

Com a proposta de trabalharmos a divisão de classe e como se dá a desigualdade econômica, apresentamos ao aluno um exemplo que pode caracterizar tais conceituações a partir das teorias socialistas. A proposta de apresentar a imagem da arte do artista Banksy<sup>41</sup>, nomeada “*Burger King*”, nos serviu de apoio para construir problemas e colocar questões aos estudantes.

Vejamos o desenho:

---

<sup>41</sup>Banksy (Bristol, 1974/75), artista de rua britânico.



Ao apresentar de maneira impactante a imagem de uma criança com uma coroa de uma rede de *fast-food*, com um prato de comida vazio em seus pés tivemos a manifestação de alguns comentários em sala:

*Aluno A:* Que horror!

*Aluno B:* Grande contradição nessa imagem professor, marca de uma empresa de comida (*Burger King*) em uma imagem sem comida!

*Aluno C:* Em alguns países é comum crianças nessas condições.

*Aluno D:* Essa imagem somente representa o retrato de nossa sociedade, pessoas passam fome enquanto as grandes corporações enriquecem.

Percebe-se que a partir dessa imagem, tornou-se possível apresentar a existência de uma desigualdade social e econômica; a contradição visceral que sustenta o modo de produção capitalista – exploradores e explorados. Tentamos levar o aluno a refletir sobre o que origina tamanha disparidade econômica e social que percebemos em nossa sociedade, como também conduzi-lo a pensar sobre como o indivíduo percebe essa relação desigual - se é que ele a percebe.

Também foi possível constatar através dos relatos, que os alunos estão cientes da existência dessa desigualdade. Enquanto jovens, podem ainda não compreender de modo aprofundado as condições que originam essa desigualdade ou o que a fortalece, mas demonstram saber sobre a sua presença no meio social, e notam algumas das condições criadas por essa desigualdade e a sua relação direta com os ideais do capitalismo. Como relatou um aluno da 2º série A em sala de aula, quando iniciávamos a reflexão sobre a forte influência do capitalismo sobre o indivíduo: “Professor, o sistema do capitalismo é a selva moderna, só fica vivo o mais forte, nesse caso quem possui dinheiro. Se eu pretendo ficar rico, tenho que saber

que pra que isso ocorra, alguém vai ter que perder e ficar sem dinheiro. Na selva da mesma maneira, um animal pra sobreviver devora o outro”.

Posteriormente, para obtermos melhor entendimento sobre as condições materiais geradas pelo capitalismo, conduzimos o estudo na busca de entender como se dá as relações de produção e a luta de classes. Assim, esse recurso visual - a imagem artística de *Banksy* - pode ser usado para que fosse criada a possibilidade de que o aluno fizesse as associações do que fora estudado.

Recorrendo a Marx e a Engels para fazer as associações entre a desigualdade social e a realidade histórica do indivíduo, é válido apresentarmos o que ambos pensaram sobre “*a concepção materialista da história*” em duas obras: *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (Engels) e *Teses sobre Feuerbach* (Marx). A partir delas foi possível compreender a história a partir dos aspectos materiais relacionando-a com própria produção material. Como Engels e Marx apresentam:

Os poderes objetivos e estranhos que até aqui vinham imperando na história colocam-se sob o controle do próprio homem. Só a partir de então, ele começa a traçar a sua história com plena consciência do que faz. E só daí em diante as causas sociais postas em ação por ele começam a produzir predominantemente e cada vez em maior medida, os efeitos desejados. É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade. (ENGELS, 1999, p.126)

Até agora, o principal defeito de todo materialismo (inclusive o de Feuerbach) é que o objeto, a realidade, o mundo sensível só são apreendidos sob a forma de objeto ou de intuição, mas não como atividade humana sensível, enquanto práxis, de maneira não subjetiva. Em vista disso, o aspecto ativo foi desenvolvido pelo idealismo, em oposição ao materialismo - mas só abstratamente, pois o idealismo naturalmente não conhece a atividade real, sensível, como tal. (MARX, 1998, p.99)

Pensar o materialismo dialético e o materialismo histórico por essas ações traz para o estudo a forma de encarar a realidade como algo que está à mostra, e que é produto do que a própria história formou diante das condições materiais do homem podendo ser modificada. Esse caminho de reflexão possibilitou prepararmos a base teórica, estabelecendo uma relação com a realidade vivenciada pelos alunos – sempre a partir das condições materiais e não das representações enquanto produto da consciência.

Através dessa forma de compreender a sociedade foi possível trazer as condições históricas materiais criadas pelo capitalismo, proporcionado com que os alunos pensassem as relações existentes entre as classes antagônicas; a construção e a afirmação da desigualdade social; as relações de produção e luta de classes, e a exploração. Sobre isso, recorrendo ao pensamento de Marx para as aulas seguintes, o estudo adentrou nos conceitos de: relações de produção e a luta de classes; a mais-valia e a alienação. Primeiramente, levamos ao aluno rápidas

explanções sobre as classes que Marx elencou como as participantes do conflito no modo de produção capitalista: proletário e burguês. Apresentando o proletariado como aquele que vende sua força de trabalho por um salário para suprir as suas necessidades de subsistência e, assim, garantir minimamente as suas condições materiais de vida; e o burguês como aquele que é detentor dos meios de produção, possui o monopólio do lucro e explora a força de trabalho do proletário.

Para exemplificar a atuação de cada classe na sociedade recorreremos ao clipe da música “*Fábrica*”, da banda Legião Urbana<sup>42</sup>. A partir deste recurso, tornou-se possível uma abordagem introdutória acerca dos conceitos relevantes nesse momento do estudo: as relações de produção e trabalho, o conceito de exploração e luta de classes, e posteriormente o conceito de alienação. Atendo-nos ao início dessa música, a letra nos traz: “*Nosso dia vai chegar, teremos nossa vez e não é pedir demais, quero justiça! Quero trabalhar em paz, não é muito o que lhe peço, eu quero um trabalho honesto em vez de escravidão. Deve haver algum lugar onde o mais forte não consegue escravizar quem não tem chance*”. Pelo conteúdo dessa letra, pode-se apresentar o anseio da classe do proletariado em possuir igualdade de direitos e oportunidades, exigindo condições de trabalho sem exploração. Pensar a ação do trabalho se torna o caminho para percorrer as reflexões que contempla os temas a serem estudados.

Ainda, na sequência, a letra proporciona conduzir a reflexão sobre como a exploração acerca do trabalho pode gerar uma condição de alienação e a necessidade de sair desta condição. Sobre isso, a letra apresenta: “*De onde vem a indiferença temperada a ferro e fogo? Quem guarda os portões da fábrica? (...) Quem me dera acreditar que não acontece nada, de tanto brincar com fogo que venha o fogo então. Esse ar deixou minha vista cansada, nada demais*”. A interpretação deste fragmento possibilita trazer a ideia de luta de classes, e ainda a alienação que acaba impedindo o proletariado de perceber sua posição de explorado, em condições precárias de trabalho e sobre a imposição do capitalismo determinando o que ocorrerá à sua volta.

A respeito dessas breves associações da letra da canção *Fábrica* com o estudo, a pergunta sobre como pensar a representação do burguês e do proletário nos dias de hoje; como abordar e, por que não, alterar a existência da exploração de trabalho em nossa realidade, fora feita aos alunos. Alguns de seus comentários foram:

*Aluno A:* exemplo da minha mãe que trabalha em um supermercado, ela vende sua força de trabalho ao dono do supermercado. E é explorada porque trabalha muito além do horário estipulado.

---

<sup>42</sup> Legião Urbana, banda brasileira de rock de Brasília dos anos 1980.

*Aluno B:* eu trabalho de servente de pedreiro – não possuo as ferramentas necessárias para determinadas obras, assim me vejo na necessidade de trabalhar para outros que possuem, se não fico sem trabalhar.

*Aluno C:* meu pai é caminhoneiro, ele queria ter seu próprio caminhão, traria mais dinheiro para nossa casa, mas como não tem, dirige caminhão de outros. Ele ganha pouco com suas viagens e o dono do caminhão fica com a maior parte do lucro das viagens, mas melhor isso do que nada”.

Esses exemplos apresentados por alguns alunos nos levam a pensar que muitos estão cientes que, além da divisão de classes existente na sociedade, existe uma exploração do trabalho, já que o trabalho além de ser o meio que leva a sua sobrevivência, também pode ser transformado em algo que gera lucro e pode vir a ser um instrumento de alienação. Na proposta de deixar claro o funcionamento do capitalismo e como o trabalho vira mercadoria, recorremos ao que Marx apresenta n’*O Capital*:

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadorias” e a mercadoria individual como sua forma elementar. [...] A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção. Cada coisa útil, como ferro, papel etc., deve ser encarada sob duplo ponto de vista, segundo qualidade e quantidade. Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e pode, portanto, ser útil, sob diversos aspectos. Descobrir esses diversos aspectos e, portanto, os múltiplos modos de usar as coisas é um ato histórico. Assim como também o é a descoberta de medidas sociais para a quantidade das coisas úteis. A diversidade das medidas de mercadorias origina-se em parte da natureza diversa dos objetos a serem medidos, em parte de convenção. (MARX, 1996, p. 165)

Sobre a perspectiva acerca da mercadoria, para se fazer bom entendimento dela, o estudo primeiramente abordou a sua relação com o trabalho. Posteriormente, a mercadoria pensada enquanto uma conversão de trabalho em algo que possuirá valor, ou seja, algum determinado produto que fora transformado em mercadoria. Por último, a noção do trabalhador sendo transformado na própria mercadoria. Trazendo essas associações, se torna coerente pensar a desigualdade econômica, e como resultado o surgimento da tensão entre as classes antagônicas.

Adentrar assim sobre a fundamentação teórica do filósofo traz melhor entendimento sobre os assuntos abordados, pois traz as especificações de cada fase do processo do trabalho e a conversão desta ação em mercadoria. A partir da ideia de força produtiva e sua relação com os detentores dos meios de produção, podemos pensar com os alunos a luta de classes, e como ocorre a divisão do trabalho, como se organiza o modo de produção capitalista, a partir desta relação entre forças e de que forma a alienação se insere nesse meio.

Compreendendo como opera o sistema capitalista, cabe, agora, dedicar atenção acerca da compreensão do conceito de alienação na concepção de Karl Marx, e como ocorreu o seu entendimento no decorrer do estudo. Para isso, neste momento, vale explicitarmos a forma que o conceito foi apresentado às turmas. Ao abordar o conceito de alienação via livro didático, notamos que o livro didático *Filosofando* apresenta esse conceito fazendo somente uma associação com a atividade do trabalho, descrevendo a partir do trabalho o que se entendera como alienação.

Por essa linha de pensamento, o livro nos apresenta o que Marx compreendia como trabalho, considerando para isso o fato de que o trabalhador ao exercer seu trabalho perde mais do que ganha, cria algo que não irá possuir, ajuda o dono do capital a aumentar a disparidade econômica entre sua classe de proletariado e a dele de burguês, e o resultado disso é que o trabalhador torna-se estranho, alheio a si próprio: esse fenômeno é trazido pelo livro didático como alienação.

Essa compreensão sobre a relação da alienação ao trabalho, apresentada pelo livro didático, ficou clara nos exemplos dos alunos quando solicitados para apresentarem seu entendimento acerca do que seria alienação na produção de suas atividades paradidáticas. Trazendo os exemplos apresentados aos alunos da 2ª Série B, vejamos o que apresentaram sobre o conceito de alienação:

*Aluno A:* para Marx, é visto no sentido negativo, carrega a condição do humano se tornar um instrumento de escravização, isso desumaniza o homem, e o homem é visto somente pelo que pode realizar e produzir.

*Aluno B:* é a relação do trabalhador com os seus meios/produtos de trabalho. Consiste na perda de um bem, sendo esse bem a liberdade do trabalhador.

*Aluno C:* Uma incapacidade do indivíduo de agir, pensar por si próprio. Ele exerce seu trabalho sem saber porque exerce.

*Aluno D:* Alienação é quando uma pessoa trabalha em excesso, ou por conta de suas necessidades, ou porque não sabe que está sendo explorada.

*Aluno E:* Alienação é a ação pela qual a pessoa fica alheia – estranha aos resultados.

*Aluno F:* ela ocorre quando o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de um salário, e com isso o trabalhador se transforma em uma mercadoria como na música *Cidadão* do cantor Zé Ramalho.

Com base no que foi apresentado pelos alunos, o conceito de alienação para Marx seria associado ao trabalho, estando ele sobre o domínio da lógica capitalista. Julgamos que essa centralização na alienação, remetida diretamente ao trabalho, pode vir a ser um fato que deriva da condução do livro didático e a forma como apresenta as noções de *fetichismo* e a *reificação*.

De modo sucinto, o livro didático apresenta o fetichismo como sendo a mercadoria ganhando “vida” e se tornando um ser inanimado, e a reificação como a transformação do trabalhador em uma mercadoria, algo que possibilita a obtenção de lucro. Importante citar que ambos os termos são citados de forma externa ao texto, na forma de caixas de informações extras em destaque, nas quais é apresentada a etimologia dos termos, seguindo os moldes editoriais de um livro didático, pois, segundo Munakata:

Do ponto de vista editorial, um bom livro não é apenas aquele que contenha um bom conteúdo, “sério”, mas o que seja bem feito – bem feito não apenas em relação à exatidão das informações ou da ortografia, mas também no que respeita à coerência do estilo e da normalização. (MUNAKATA, 2012, p. 56)

Assim, podemos considerar que a apresentação do conceito de alienação pelo estudo do livro didático ocorreu de forma superficial. A compreensão sobre o que de fato seja alienação fica resignada a uma associação ao trabalho, e a sua apropriação por parte dos alunos é trazida em associações, às vezes, próximas de seu significado, outras vezes, distantes. Ainda, o conceito de alienação apresentado pelo livro didático, ao que parece, carece de associações diretas com outros conceitos importantes da filosofia de Marx, como: aprofundamento do próprio conceito de alienação a luz do pensamento do filósofo, indo além de sua relação com o trabalho, associando-o ao modo de produção capitalista com outras associações desse conceito em mais áreas como: a religião, a política, a arte, como também sua real significância e importância numa luta de classes.

Outro aspecto relevante encontrado no livro didático é a ausência de separação entre a alienação (*Entäusserung*) e o estranhamento (*Entfremdung*). A abordagem sobre ambos os termos, ao que nos parece, é de grande importância para fundamentar a compreensão sobre a filosofia de Marx e para colocar em evidência as relações do cunho teórico com o estudo do aluno.

Agora, cabe a nós analisarmos a forma que o conceito de alienação fora compreendido e assimilado pela turma que desenvolveu o estudo através do suporte marxista, atendo-se à obra de Marx, Engels, e textos associados. Para isso, se fez necessário recorrer às seguintes obras: *O Capital*, *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* e ainda o artigo de cunho marxista “*Alienação*” de J. M. Paulo Serra<sup>43</sup>, e o fluxograma elaborado e desenvolvido para serem utilizadas em ambas as turmas. O estudo foi realizado a partir da leitura e do debate acerca de trechos selecionados e conduzindo os estudantes pela busca de compreender o que Marx apresentava como *mercadoria*:

---

<sup>43</sup> M. P. SERRA, Joaquim. *Alienação*. Coleção: Artigos LUSOSOFIA. Covilhã. 2008

O capital não é coisa — ferramenta ou máquina. Nada mais despropositado do que imputar ao arco-e-flecha do índio tribal a natureza de capital. Tampouco basta afirmar, [...] que o capital é “trabalho acumulado”. O arco-e-flecha cristaliza trabalho acumulado e, todavia, não serve a nenhuma finalidade de valorização capitalista, ou seja, de incremento do valor inicial adiantado. A fim de que o trabalho acumulado nos bens de produção assumam a função de capital é preciso que se converta em instrumento de exploração do trabalho assalariado. Em vez de coisa, o capital é relação social, relação de exploração dos operários pelos capitalistas. As coisas — instalações, máquinas, matérias-primas etc. — constituem a encarnação física do trabalho acumulado para servir de capital, na relação entre o proprietário dessas coisas e os operários contratados para usá-las de maneira produtiva.

[...] Desvenda-se o caráter alienado de um mundo em que as coisas se movem como pessoas e as pessoas são dominadas pelas coisas que elas próprias criam. Durante o processo de produção, a mercadoria ainda é matéria que o produtor domina e transforma em objeto útil. Uma vez posta à venda no processo de circulação, a situação se inverte: o objeto domina o produtor. O criador perde o controle sobre sua criação e o destino dele passa a depender do movimento das coisas, que assumem poderes enigmáticos. Enquanto as coisas são animizadas e personificadas, o produtor se coisifica. Os homens vivem, então, num mundo de mercadorias, um mundo de fetiches. Mas o fetichismo da mercadoria se prolonga e amplifica no fetichismo do capital. (MARX, 1996 p. 34)

Compreendendo como o capital se desenvolve enquanto relação social e relação de exploração do trabalho assalariado, foi possível trabalhar com os estudantes a noção daquilo que é produzido e convertido em salário. Essa relação torna-o naquele que converte a matéria prima em produto e, o produto, em mercadoria, fazendo dela um capital, e ele próprio se personifica em uma mercadoria. Para pensar esse trabalho em conversão ao capital, o que os Manuscritos Econômico-Filosóficos de Marx apresentam nos auxilia no entendimento sobre como se dá o ganho do capital, como ele é administrado por aquele que o detém, e como ele é determinante na estrutura que se constrói o capitalismo. Assim, a abordagem de trechos dessa obra se fez relevante:

O progresso que, portanto, o trabalho humano realiza sobre o produto natural e que constitui o produto natural elaborado, não se eleva o salário, mas, em parte, o número de capitais passíveis de ganho e, em parte, a proporção de cada capital subsequente com o anterior. [...]

Ele ganha duplamente: primeiro, com a divisão do trabalho; segundo, geralmente com o progresso que o trabalho humano imprime sobre o produto natural. Quanto maior a participação humana numa mercadoria, tanto maior o ganho do capital morto. (MARX, 2004, p.45)

Esse estudo, centrado nas obras citadas, proporcionou impasses entre os alunos com a concordância e discordância do que ali está apresentado quando se refere aos meios utilizados para a obtenção do capital. Tais discordâncias foram demonstradas pelos alunos quando se percebe a defesa acerca da necessidade de existir a classe burguesa e a exploração de trabalho, caso queira obter cada vez mais lucros, como, do mesmo modo, a indignação de alguns por

constatarem que o sistema capitalista aumenta cada vez mais o abismo social existente entre as classes, e explora o trabalhador.

Analisemos alguns dos argumentos apresentados pelos alunos da 2ª Série A:

*Aluno A:* acredito que se a pessoa almeja ficar rica, deve fazer o que for preciso, nem que pra isso precise recorrer a exploração do trabalho. Se a pessoa não está contente com o trabalho que exerce, que saia, sempre terá outro para preencher a vaga.

*Aluno B:* A desigualdade social existe para estabelecer um equilíbrio, professor, já pensou se todos ganhassem a mesma coisa pelo seu trabalho? É preciso que alguns estejam acima, para proporcionar trabalho para os que estão abaixo.

*Aluno C:* Eu acho sacanagem o que alguns empresários fazem em nossa cidade, professor, obriga os seus funcionários a trabalharem muito além do horário, e nem paga extra pra eles. Claro que vai ficar rico dessa forma, acaba se aproveitando dos empregados.

*Aluno D:* Essa exploração do trabalhador existe mesmo possuindo leis trabalhistas, imagina se não existissem essas leis, como seria?"

Através dessas contribuições dos alunos nas discussões ocorridas, tornou-se possível inserir no estudo a ideia e a compreensão que se obtém sobre o conceito de alienação. Interessante ressaltar que o conceito surgiu na aula antes mesmo de apresentá-lo ao estudo, surgindo de forma frequente nas discussões advindas dos posicionamentos dos alunos ao exporem suas ideias ao coletivo, quando ocorria discordância entre eles sobre assuntos abordados em aula. Tornou-se frequente entre eles o direcionamento do conceito “alienado” como um desacato ou uma forma de ofensa ao colega.

Presente o conceito de alienação no estudo em sala de aula, trouxemos o aprofundamento teórico sobre ele. Para isso, foram utilizadas as obras: *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, juntamente com a complementação do que Joaquim Serra expõe em seu artigo, intitulado “*Alienação*”. Desse modo, fez-se necessário adentrar em breves explanações acerca da etimologia do termo e a separação da alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*). Isto ocorreu para posteriormente pensarmos como esse conceito foi apresentado por Marx. Não somente no que se refere à associação com a religião – contribuição de Feuerbach e outros jovens hegelianos - como a notável contribuição de Marx ao trazer tal conceito para a atuação do indivíduo enquanto aquele que exerce seu trabalho, vive em sociedade, e se encontra rebaixado diante dos princípios impostos pelo capitalismo.

Perante esse estudo, analisemos as definições de alienação trazidas pela 2ª Série A em seu material paradidático:

*Aluno A:* Alienação provém do latim *alienus*, que traz a significação “de fora” - “pertence a outro”.

*Aluno B:* Alienação é estar alheio – estar pra fora de acontecimentos sociais de sua realidade. Marx utiliza o termo na obra *Manuscritos Econômico-filosóficos* para explicar a falta de contato e o estranhamento do trabalhador com o produto que produz.

*Aluno C:* Momento em que os homens perdem-se de si mesmos e de seu trabalho.

*Aluno D:* Ação em que a pessoa se desumaniza exercendo um trabalho explorado.

*Aluno E:* Podemos apresentar a alienação em diferentes situações: Alienação social - na qual a pessoa perde de certa forma seu senso crítico e aceita uma padronização. Alienação econômica – essa gera todas as outras alienações, é o qualquer comprar e vender, fazendo isso está adepto ao sistema capitalista e facilita a formação da alienação. Alienação política – sendo a incapacidade da pessoa se orientar politicamente de acordo com seus interesses, e se orienta pelos outros - e aquele que não participa da política. Alienação cultural - diminuição da capacidade dos indivíduos de pensar e agir por si próprio, sendo influenciado pela mídia.

*Aluno F:* A alienação é um processo de exteriorização de uma essência humana e do não reconhecimento desta atividade enquanto tal. A alienação vista por Marx como resultado da existência de classes que são divididas de forma oposta e hostil, determinando a existência de classes dominantes e dominadas, numa luta constante e identificadas por seus interesses e culturas.

Ao analisarmos as breves definições de alienação apresentadas por essa turma que percorreu seu estudo sobre os aportes marxistas, fica evidente que a turma não associou o conceito de alienação somente à relação com o trabalho, mas trouxe outras associações e definições do conceito. Claro, pode ser notado que algumas das definições apresentadas se apoiam em fontes externas ao que fora apresentado no estudo em sala de aula, mas a outra turma, do mesmo modo, poderia ter assim feito para elaborar e construir seu material paradidático, indo além da associação trazida pelo livro didático.

Ainda sobre a forma que essa turma apresentou o conceito, trazemos um exemplo de um dos materiais paradidáticos<sup>44</sup>, no qual os alunos buscam fazer a associação de alienação com o filme *Matrix*, para demonstrar que o indivíduo em condição de alienação perde a capacidade de perceber o que está ao seu redor, vendo somente o que quer ver:

Podemos citar também como exemplo o filme *Matrix*, onde diz que: tudo o que observamos, são criações da nossa cabeça. Tempo e espaço são apenas ilusões que criamos, nos deixando preso em uma "prisão" chamada 'Matrix'. A única certeza, é que o amor é infinito, o resto é apenas ilusão.

O filme quer dizer que nós não enxergamos com os olhos, mas sim com o cérebro," os lobos temporais editam e reconstroem até 50% ou mais da informação original que entra através da retina", sendo assim nós vemos apenas o que o cérebro quer que vemos.



---

45 Vide Apêndice I

As definições de alienação apresentadas pelos alunos de ambas as turmas foram extraídas do material paradidático produzido por eles no término da aplicação do projeto. E para que fosse possível a realização da produção desse material, além do aprofundamento teórico e reflexões geradas acerca do conteúdo estudado, fora necessário buscar diagnosticar como ocorria o entendimento e compreensão sobre os assuntos trazidos e pensados no decorrer da aplicação do projeto.

Assim, a realização de uma breve atividade elaborada em forma de questionário e uma questão dissertativa disponibilizada ao aluno, serviu-nos de apoio para pensar o andamento das aulas finais, bem como, dar mais direcionamento do estudo para a ênfase no conceito de alienação<sup>45</sup>. Essa atividade proposta aparece como um instrumento de suporte extra, servindo para analisar como os principais conceitos estavam sendo compreendidos no decorrer do estudo, e quais assuntos mereciam ser retomados. Ainda, carrega o propósito de fortalecer os saberes já assimilados no decorrer das aulas.

Posteriormente a essa ação, perante as definições trazidas pelos alunos, avaliamos a relevância de utilizar outra complementação extra que se mostrou não somente válida, como também necessária. Fora levado como um apoio complementar extra, sobre o estudo do conceito de alienação, um fluxograma sobre o conceito. A proposta desse fluxograma surgiu com o propósito de explanar acerca das compreensões do conceito de alienação, bem como destacar a sua importância na filosofia de Karl Marx. Diante disso, o fluxograma elaborado foi baseado na definição de alienação proporcionada pelo *Dicionário do Pensamento Marxista*, editado por Tom Bottomore.<sup>46</sup>

Nesse fluxograma, a atenção dada foi a de centralizar o conceito de alienação fazendo as devidas associações histórico-filosóficas nas quais o conceito pode ser encontrado. Assim, percorreram-se os aportes de outros filósofos acerca do conceito de alienação com a finalidade de clarear as similitudes e as distinções com os usos feitos por Karl Marx. O estudo sobre o fluxograma proporcionou amplitude de entendimento sobre o conceito de alienação pensando-o não somente na ação do trabalho - apresentado pelo livro didático -, mas permitindo com o apoio do pensamento de Marx, pensar esse conceito associando-o em outras áreas como a religião, a política, as artes.

Essa junção de saberes possibilitou com que os alunos trouxessem a ideia do conceito de alienação para refletirem sobre si próprios. A apresentação desse conceito a partir da filosofia

---

<sup>45</sup> Vide Apêndice II

<sup>46</sup> Vide Apêndice III

de Marx, levou-os a pensarem sua atuação enquanto aluno e indivíduo inserido em uma sociedade, fazendo-os pensarem se estão na condição de indivíduo alienado, se estão conscientes sobre como se desenvolve a sociedade capitalista, e a relevância que a ação do trabalho exerce sobre a sua vida.

Encaminhando as aulas para o término da aplicação do projeto, uma revisão e retomada dos principais assuntos destacados no decorrer do estudo foi levada. Ciente de que a revisão é um exercício de reflexão, que proporciona pensar o que já foi pensado e faz surgir outros questionamentos, não somente no que se refere ao conteúdo estudado, como questões que surgiram posteriormente ao estudo realizado em sala. Nessa revisão de estudo, os principais assuntos apresentados foram levados em forma de questionamento, propondo assim a condição com que o aluno possa exercitar sua capacidade de recordar e apresentar o que compreendeu, explicando de sua maneira e trazendo os seus exemplos. Revisão realizada, a última ação proposta foi a produção de um material paradidático, do qual apresentamos primeiramente um modelo aos alunos<sup>47</sup>.

Este material didático foi desenvolvido em formato de atividade e aplicado com os alunos. Serviu-nos como uma base material e intelectual para pensarmos sobre os resultados do estudo desenvolvido e também serviu para formar um material de auxílio para os próprios alunos. Para ocorrer a produção desse material, primeiramente, torna-se necessário apresentar o modelo de um material paradidático. Ainda, deixar claro ao aluno que o conteúdo desse material deve percorrer pela apresentação do filósofo Marx; a compreensão obtida por ele enquanto aluno sobre o pensamento do filósofo, bem como apresentar como pode ser compreendido o conceito de alienação de acordo com a filosofia marxista.

A partir deste material produzido, tornou-se possível a comparação entre os dois modos de se ler, interpretar e entender o conceito de alienação. Primeiro, apenas com o auxílio do livro didático e, segundo, com a leitura de textos de Engels e Marx. Desse modo, nosso estudo diz respeito à reflexão do próprio método de condução das aulas de filosofia, buscando possíveis indagações e aprimoramento sobre o ato de lecionar filosofia.

Por fim, como uma proposta de finalização acerca das reflexões advindas do estudo da filosofia de Karl Marx e a presença da condição de alienação apresentada pelo pensamento marxista na atual sociedade, realizamos uma atividade a partir da letra da música *Quem é Você?*, da banda Detonautas<sup>48</sup>. O início da letra nos traz: “*Você trabalha feito um burro de carga*

---

<sup>47</sup> Vide Apêndice IV

<sup>48</sup>Detonautas Roque Clube. Banda brasileira de rock que enfatiza em suas letras assuntos de cunho social e político.

*puxando um sistema podre que é bancado com o seu suor(...)*”. Claramente, a nossa intenção foi a de apresentar e problematizar a ação do trabalho do proletariado no sistema capitalista no qual, este trabalhador, encontra-se em situação de exploração e condições precárias; esse trabalhador proporciona lucros ao detentor do capital, e o explorador é protegido pelo Estado em sua representação política.

Ao levarmos este trecho da música aos alunos de ambas as turmas, eles trouxeram contribuições na interpretação, expondo exemplos e comentários:

*Aluno A:* É representação da exploração, trabalhamos muito para recebermos pouco.

*Aluno B:* Parece que quanto mais a gente trabalha, menos dinheiro temos. Os impostos continuam aumentando, mas o que ganhamos não aumenta. Sobreviver como dessa forma?

*Aluno C:* O trabalhador “se arrebenta” de trabalhar para os nossos representantes políticos usufruírem do dinheiro de nosso trabalho, isso não está certo!

Dando sequência na letra, encontramos: *“(...) e sexta-feira vai à igreja comungar com sua família, a voz sagrada Jesus Cristo é o senhor. Deixa parte do salário em retribuição a dívida divina da palavra do pastor, é melhor garantir um lugar no céu nesse inferno tenta só sobreviver (...)”*. A partir deste trecho, trabalhamos a noção da alienação religiosa pensada por Feuerbach e por Marx.

Esta situação, na qual o indivíduo encontra certo conforto/conformismo trazido pela realidade de sua vivência na religião e opta, em determinadas condições materiais, pela negação de perceber o que está construído externamente a ele, nas condições materiais e econômicas geradas pelo capitalismo. Sobre essa abordagem, os alunos das duas segundas séries trouxeram alguns comentários:

*Aluno A:* Essa situação aí é comum, basta analisar quantas igrejas aparecem todo ano por aí. O pobre “tá todo ferrado”, precisa buscar um conforto de alguma forma.

*Aluno B:* Eu fico pensando, como pode o pessoal dar certa porcentagem do salário que ganha para a igreja que frequenta, isso só por que o pastor pediu e prometeu um lugar no céu.

O conceito de alienação pode também ser trabalhado com outro trecho: *“(...) e o que salva é a cervejinha no fim de semana assistindo ao jogo do seu time preferido na TV (...)”*. Aqui, traz uma das compreensões de alienação encontradas nos usos do cotidiano associada ao esporte, quando se refere à alienação daquele que encontra conformismo sobre a exploração de seu trabalho, de sua condição social e econômica possuindo raros momentos de lazer e

entretenimento. Além da associação da alienação com o contexto dessa letra, foi possível recorrer aos exemplos que demonstram como ocorre a luta de classes apresentada no estudo de Karl Marx, quando a letra apresenta: “(...) *segunda-feira o seu filho tá em casa porque a escola onde estuda, não tem nenhum professor. E o professor está na rua apanhando da polícia e tá cobrando seu salário lá do governador. Enquanto isso numa casa confortável uma família abastada reunida assiste televisão, e praguejando fala mal de quem está na rua enfrentando e dando a cara pra lutar contra a situação (...)*”.

Deste trecho ideias interessantes foram expostas pelos alunos do 2ºA e 2ºB:

*Aluno A:* O brasileiro deve ser estudado. Todos exigem melhor atendimento na saúde, reforço na segurança, exige uma boa educação, tudo com qualidade. Mas aí quando esse pessoal paralisa, faz greves etc., para buscar as melhorias, esse mesmo povo que reclama que isso tudo está ruim, é o primeiro que vai reclamar quando ocorre alguma greve.

*Aluno B:* Boa parte dessas greves que ocorrem no nosso país são incentivadas por partidos políticos que “tão” buscando defender seus interesses próprios, não fazem para buscar melhorias, fazem por outro motivo.

*Aluno C:* Só apoia as greves quem sabe o que cada categoria passa. Se a pessoa não tem a mínima ideia do que ocorre com as condições de trabalho desse que faz greve, não vai ter como dar apoio, somente percebe que essas coisas prejudicam sua rotina, e isso se torna algum ruim.

É possível pensar, assim, a luta de uma classe trabalhadora, neste caso citado é a dos professores, mas pode ser ampliado a tantas outras classes de trabalhadores que reivindicam melhores condições de trabalho, e são julgadas moralmente por sua busca. Tomemos como exemplo de comparação entre categorias que fazem paralisações/greves expondo seu descontentamento com as condições de trabalho que exercem: os professores e os motoristas (caminhoneiros).

Ambas as categorias quando tomam a iniciativa de se manifestarem, reivindicando melhorias, têm como busca não somente melhorias para si, em sua área de atuação, as suas buscas não remetem somente a eles enquanto trabalhadores, mas remetem a melhorias que beneficiam diretamente a todos que compõem o meio social. Pois todos precisam de uma educação de qualidade e todos necessitam do transporte realizado pelos caminhoneiros, já que o transporte rodoviário é o responsável pelo abastecimento da maior parte de mantimentos, suprimentos e produtos fundamentais para o funcionamento e andamento da sociedade.

Mas pode ser constatado um forte apoio aos caminhoneiros quando estes iniciam alguma mobilização, e fortes críticas contrárias à mobilização da categoria dos professores. Podemos pensar que tal situação é advinda do fator econômico, já que ao parar o tráfego rodoviário realizado pelos caminhoneiros, causa um impacto notável na economia, interfere diretamente

no valor econômico atribuído aos produtos, levando a perdas e ganhos por parte dos empresários e comerciantes. Aqui também é possível encontrar vestígios do jogo da classe burguesa que participou intimamente nos movimentos grevistas dos caminhoneiros nesse ano de 2018.

Por outro lado, quando ocorrem manifestações por parte dos educadores, a mobilização nem sempre é vista pela sociedade como uma ação tomada pela busca de melhorias na educação, e sim como atitudes desnecessárias, sem propósitos, e feitas simplesmente por questões políticas e partidárias. Diante desses fatos, pode ser demonstrado que a luta de classes não é considerada por todos.

A relação de exploração do trabalho e a incapacidade do Estado de dar o suporte a todos os indivíduos, principalmente a classe do proletariado, é possível ser pensada por outro trecho: “(...) o teu avô que trabalhou a vida inteira dia e noite, noite e dia até se aposentar. Recebe agora uma miséria de salário fica dez horas na fila esperando e não pode reclamar. Mas as crianças vão crescer e o futuro do Brasil por algum dia deverá ser bem melhor, só que o problema é que as crianças estão crescendo com seus pais longe de casa, e mais ninguém ao seu redor! (...)”. Refletir sobre este trecho proporcionou pensar a condição na qual muito de nossos alunos podem enfrentar, ao referir-se à longa jornada de trabalho exercida pelos seus pais, ou por eles mesmos.

Como último trecho a ser levado para a análise em sala de aula, apresentamos: “(...) eu não queria te dizer mas eu vou ter que te falar, tu é esperto mas tá sendo passado pra trás. E pode ser que quando tu percebas isso lá na frente já seja tarde demais! Agora dance, dance! Mão na cabeça, mão no joelho Fica de quatro, não pode parar! (...)”. Ao finalizarmos a interpretação dessa música, o que se pode compreender é que parte dos alunos percebeu que o atual contexto histórico os conduz a evitar pensar sobre alguns problemas sociais, políticos e econômicos. Formamos tal juízo após analisarmos os últimos comentários que extraímos das aulas finais, ao término da análise da música e uma conversa com os alunos. Eles apresentaram que:

*Aluno A:* Eu não me interessa muito por política, sei que é importante etc., mas não acredito que isso me deixe na condição de pessoa alienada. Só quero ficar longe de notícias que sempre são iguais. É sempre a mesma coisa.

*Aluno B:* Chegam as eleições, a política se torna importante pra todo mundo, passam as eleições, todos fogem desse assunto.

*Aluno C:* Política parece que é assunto de pessoa velha. Pode perceber que o pessoal mais novo sabe tudo do que está ocorrendo nas novelas, as músicas que “tão” tocando nas festas, a classificação da *champions league*. Mas vá perguntar quem é nosso governador, poucos saberão responder.

*Aluno D:* Eu vou deixar pra pensar esses assuntos lá pra frente, pensar sobre isso é cansativo e frustrante.

Por essas ideias trazidas pelos alunos se fez necessário enfatizar a importância de se construir uma reflexão e entendimento sobre sua realidade social, econômica e política na qual está inserido enquanto ainda é aluno e jovem. Para tanto, o estudo da filosofia de Karl Marx se mostrou muito apropriada. Ressaltamos ainda a necessidade de incorporar a reflexão política, algo que pode não ocorrer por vontade exclusiva do professor, já que diversos dos alunos se mostraram mais preocupados com outros assuntos, tais como os comentários anteriormente apresentados.

### **3 Algumas considerações sobre a experiência realizada**

Ao aplicarmos este projeto, tivemos a oportunidade de trabalhar com a educação de nossos alunos a partir da filosofia marxista enfatizando o conceito de alienação, bem como a forma como essa filosofia é assimilada quando estudada através do principal instrumento pedagógico disponível, tanto aos estudantes, quanto aos professores, o livro didático. Do mesmo modo, o aprimoramento encontrado ao desenvolvermos este projeto do PROF-FILO foi, principalmente, o de criar possibilidades de se buscar embasamento prático e teórico para a realização da nossa didática de ensino.

Assim, na tentativa de darmos a devida atenção a todas essas buscas, o estudo apresentado propôs analisar e compreender o estudo acerca de um assunto considerado de extrema importância para a formação filosófica e política do aluno: a filosofia política de Karl Marx. Este estudo, sendo inserido na educação do aluno que vivencia as imposições do sistema capitalista, proporciona a eles a devida compreensão desse sistema, pensando sua atividade enquanto sujeito que faz parte desse meio, e considerando a possibilidade de questionar o andamento do próprio sistema.

Desta forma, se mostra necessário o estudo da filosofia marxista de modo coerente, para se criar aprofundamento de saberes acerca da relação da educação desse aluno com o sistema no qual está inserido. E sobre isso, José Claudinei Lombardi, em seu artigo “*Educação e Ensino em Marx e Engels*” apresenta rápidas considerações que dão mostras da importância de relacionarmos esses assuntos, trazendo-nos que:

A discussão da educação a partir de sua articulação com o modo capitalista de produção, na obra marxiana e engelsiana, expressa três movimentos articulados (ou indissociados):

1º. Possibilita uma profunda crítica do ensino burguês;

2º. Traz à tona como, sob as condições contraditórias desse modo de produção, se dá a educação do proletariado, abrindo perspectivas para uma educação diferenciada, ainda sob a hegemonia burguesa;

3º. Contraditoriamente, a crítica do ensino burguês e o desvelamento da educação realizada para o proletariado torna possível delinear a premissas gerais da educação do futuro; não como utopia, mas como projeto estratégico em processo de construção pelo proletariado. (LOMBARDI, 2010, p.26-27)

Nessa busca de percorrermos por tais saberes, a investigação é necessária não somente sobre as bases da filosofia marxista, mas enfatizando a relevância do entendimento acerca do conceito de alienação na filosofia de Karl Marx e sua associação ao nosso atual contexto social. Esse estudo cria condições de situar o aluno em sua realidade social, fazendo-o compreender como opera a sociedade da qual ele faz parte.

Ao desenvolvermos nosso trabalho de investigação a partir do livro didático de filosofia, utilizando-o como ferramenta para a condução das aulas, o que percebemos foi que o livro *Filosofando* cumpre, em partes, a sua função didática metodológica no ensino de filosofia. Justificamos tal constatação pelo fato de que na apresentação teórica sobre a filosofia de Karl Marx, o livro apresenta carência na possibilidade de criar condições ao estímulo crítico do aluno. A preponderância do contexto histórico – trazido de forma direta, clara e coerente -, oculta as debilidades ou as informações superficiais no que se refere ao entendimento do conceito de alienação apresentado por Karl Marx.

Sobre esse conceito, o livro somente nos traz alienação como: “*perda de posse de um bem, e quando associado ao indivíduo e seu trabalho a alienação resulta em - tronar-se estranho – alheio a si próprio*”. (ARRUDA ARANHA, PIRES MARTINS, 2013, p. 266). Considerado por nós esse como um dos conceitos fundamentais para uma melhor compreensão da reflexão política do filósofo. Seria um equívoco considerarmos que este diagnóstico acerca do conceito de alienação será sempre um obstáculo nos livros didáticos e nas aulas, pois de acordo com a proposta do professor, o livro pode auxiliar em suas primeiras necessidades acerca das teorias socialistas.

Mesmo com o livro criando uma condução coerente de estudo, dando um suporte teórico metodológico de grande auxílio ao docente, pensa-se que uma complementação teórica traz grande contribuição para agregar informações, metodologias e conhecimentos ao tema estudado. Constatação que pode parecer elementar, mas que no dia a dia do docente de escolas públicas deve ser reafirmada.

Importante ressaltar que a diagramação do livro, por muitos ignorada, tem real função quando trabalhada em sala de aula. As associações de termos específicos, apresentações de etimologia de palavras, explanação de conceitos, quadros explicativos, imagens ilustrativas

surtem efeito positivo no que se refere ao êxito do entendimento sobre o que se está estudando. Devemos alertar que trabalhamos com jovens de uma geração acostumada com o mundo virtual, com o mundo rápido, com o mundo dinâmico. Desse modo, um mínimo de dinamismo proposto em materiais eminentemente teóricos é de bom tom à inclusão destas novas gerações.

A investigação de estudo desenvolvido pelos aportes marxistas apresenta considerável exigência do docente e do aluno, bem como cautela sobre a forma que é abordado o estudo desse tema. Pois, coloca-os na análise direta da filosofia de Karl Marx e obras afins, algo que nos dias atuais pode acarretar em discordâncias sobre a relevância desse estudo, gerando até mesmo polêmica e resistência sobre o assunto. Mesmo estando esse assunto presente nas diretrizes curriculares como um dos temas a serem estudados, corre-se o risco desse tema ser mal compreendido em seu sentido e sua relevância. Como o ocorrido no Colégio Estadual Prof<sup>a</sup> Maria GaiGrendel - região sul de Curitiba<sup>49</sup> -, onde após uma professora adentrar no estudo sobre o pensamento de Karl Marx, sofreu represálias e foi acusada de promover uma “doutrinação marxista”. Acusação gerada pelas generalizações criadas sobre a representação de Marx e seu pensamento, e as associações de suas reflexões a partidos políticos, demonstrando um exemplo de intolerância e ausência de conhecimentos sobre a filosofia de Marx.

Esse fato demonstra mais um aspecto a ser considerado para salientarmos a importância de se compreender o pensamento de Karl Marx para que equívocos dessa proporção não ocorram, pois, não se pode negar a relevância do pensamento desse filósofo para se obter entendimento sobre as revoluções socialistas e o andamento da sociedade do capital. Diante dessa complexidade, acaba-se exigindo não somente maior atenção na condução das aulas e assimilação das informações para conseguir suprir as necessidades de leitura e abordagem coerente sobre os temas, como deixar claro que o estudo não se trata de criação ou doutrinação ideológica, e sim um estudo atencioso sobre a filosofia política de Marx.

Feita a organização dos materiais e temas abordados, a atenção dirigida aos estudantes é redobrada nas leituras das obras de Marx e dos conceitos fundamentais, como: luta de classes, modo de produção, mais valia e alienação. Pensá-los possibilita uma sequência de estudo coerente, sequência esta que foi conseguida tanto no estudo desenvolvido via livro didático de filosofia, como na proposta de estudo pelos aportes marxistas.

---

<sup>49</sup> HOSHINO, Camilla. **Professora da rede pública é afastada ao abordar Marx em sala de aula**. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/08/professora-da-rede-publica-e-afastada-ao-abordar-marx-em-sala-de-aula/> >. Acesso em: set. 2018.

A utilização de recursos tecnológicos na condução da metodologia didática foi importante neste processo de estudo. Estes servem de apoio para uma flexibilização das ideias centrais do pensamento filosófico apresentado, bem como, cria uma dinamização aberta e de maior acesso aos alunos, para assim iniciar o estudo acerca dos problemas apresentados. Apesar do processo dialético que o mundo tecnológico ocasionou (tecnologia mais avançada com os alunos; tecnologia menos avançada com as escolas) urge o bom uso das tecnologias, mesmo as mais comuns, para o desenvolvimento dos nossos trabalhos no ensino básico.

Podemos pensar a partir dessa experiência que o uso apenas do livro didático como ferramenta na condução das aulas cumpre de forma parcial sua função didática sobre o tema selecionado. Este instrumento serve como um meio auxiliador para ministrar aulas de filosofia, mas pode também encaminhar o estudo para uma mera reprodução de saberes, pois conduz o aluno por saberes engessados somente numa construção histórica, não criando abertura em algumas situações para a formação da crítica e da reflexão filosófica.

De acordo como o tema abordado por nós, uma complementação extra se faz necessária, já que o livro didático é um dos instrumentos didáticos metodológicos existentes, mas não é o único. Trazer o pensamento filosófico de sua fonte principal, neste caso, das obras de Karl Marx, torna o estudo mais bem fundamentado, e abre possibilidades para que o aluno consiga formular juízos sobre sua realidade social e política. Só assim é possível suprir uma das necessidades atuais quando se fala de Marx: ler Marx para se falar de Marx. Não simplesmente uma mera reprodução de saberes proporcionados por uma mercadoria instituída pelo Estado.

Isto é de fato algo que deve ser considerado, pois, além desses saberes é necessário o estímulo da crítica para a formação do aluno, trazendo a ele a necessidade da formação de uma autonomia de pensamento. Assim, ao colocar o aluno em contato com os textos e formulações do próprio Marx, podemos desenvolver e criar condições de alterar sua formação e, com isso, possíveis alterações em sua realidade - caso assim queiram e não assumam uma postura de conformismo e aceitação da realidade a ele apresentada.

Por fim, cabe um juízo criado enquanto docente, acerca da possibilidade de dispor das condições proporcionadas pelo PROF-FILO, ao que se refere às disciplinas cursadas, elaboração e aplicação do projeto de pesquisa, bem como os saberes obtidos durante a construção da reflexão proporcionada pela junção de todas essas condições. Pode se afirmar, sem receios de cair em equívocos, que a forma de se pensar o ensino de filosofia passou por alterações significativas. Essas mudanças ocorrem tanto no sentido de trazer contribuições ao aprimoramento da prática docente, sobre a forma de se pensar a condução das reflexões filosóficas quanto um aprimoramento no ato de ensinar como um todo. É com a dinâmica

proposta pelo PROF-FILO que podemos recuperar o tão almejado método dialético de Marx, no qual se percebe que durante o processo de construção e aplicação do projeto é que o professor se torna um aluno, e os nossos alunos se tornam nossos professores – primeira inversão necessária para o seguimento da dialética.

## CONCLUSÃO

Quando propomos no início de nossa dissertação nos atermos à filosofia de Karl Marx, nos deparamos com um caminho que proporcionou certa apreensão e grande euforia. A apreensão fora criada pelas características específicas que fazem parte do nosso momento histórico e político, no qual o pensamento e reflexões políticas se mostram enraizadas em ideologias levadas ao extremo, a doutrinas políticas rígidas, e ideias rasas pré-concebidas sobre princípios políticos partidários, ainda com interpretações equivocadas e pejorativas acerca da filosofia e pensamento de Karl Marx. Assim, ao nos colocarmos no caminho de trazer o estudo de Marx para a sala de aula diante desse contexto citado, os calafrios se mostravam como algo frequente, quando pensávamos a forma que nosso estudo seria interpretado e compreendido. Juntamente a isso se fez presente grande euforia pela oportunidade de dedicarmos a atenção necessária a este estudo, com o aprofundamento teórico proporcionado pelo PROF-FILO - o qual a construção desse estudo foi algo memorável.

Trazer a reflexão de Karl Marx para sala de aula com alunos de ensino médio já em si pode ser encarado como algo que carrega complexidades. Seja pela amplitude de reflexão que a filosofia de Marx pode proporcionar, seja pela preocupação acerca da maneira que se busca transmitir tais saberes em sala. Ainda, como fazer isso sem trazer o estudo de Marx na forma de “*doutrinação*”, como muito se ouve e se fala em nosso tempo, para enfim apresentá-lo como um dos pensadores que possui notável importância para compreendermos o andamento de nossa sociedade. Perante essas complexidades, apresentamos Marx com o intuito de pensarmos não somente o nosso contexto histórico e social, mas o modo como a nossa educação vem sendo entendida. Mesmo que o filósofo não tenha dedicado atenção central na educação à sua busca pela emancipação do sujeito, tornou-o próximo à nossa busca dentro do campo da educação.

Os ideais do capitalismo são transmitidos e reproduzidos cada vez com mais força. As consequências decorridas disso podem ser claramente vistas na disparidade econômica-social que aumenta de forma desordenada, acarretando em problemas que englobam todos os âmbitos sociais, econômicos, culturais e as esferas das instituições políticas. Sem intuítos menores, a educação está diretamente sendo colocada e visada para que tais ideais capitalistas sejam transmitidos, reproduzidos e fortalecidos e não questionados. Assim, para a aplicação do projeto apresentado ao PROF-FILO, considerar esta realidade foi necessário. Aplicação e estudos que transitaram pela utilização do livro didático de filosofia enquanto uma mercadoria [que perde o seu valor de troca ao ficar restrito nas prateleiras das bibliotecas das escolas] e enquanto instrumento pedagógico. Transitamos entre os usos e abusos do conceito de alienação no campo

da “ciência popular” ou senso comum. Do mesmo modo, entre as teorias da alienação de Hegel, Feuerbach e Marx.

A partir desta dinâmica estrutura de estudos e práticas, pudemos observar como se deu a assimilação de saberes por nossos alunos tanto quando recorremos ao livro didático como uma mercadoria que é fruto de transações econômicas feitas entre o Estado e as editoras, como quando trabalhamos como um instrumento pelo qual se pode conseguir suporte para a atuação do docente e, a partir dele, se criar até mesmo métodos de ensino. Com os estudos teóricos oportunizados pelo PROF-FILO também foi possível enfatizar a relevância de sempre que possível percorrer os nossos estudos e a elaboração e condução de nossas aulas apoiando-nos diretamente nas obras de Hegel, Feuerbach e Marx. A relevância de se trabalhar os textos originais dos autores se mostrou efetivo tanto para o desenvolvimento de nosso pensar e escrever quanto para o melhor desenvolvimento das compreensões de nossos alunos em sala de aula. Esta atividade de sempre se munir com os textos dos próprios autores também trouxe à tona uma realidade nua: o acervo bibliográfico de muitas instituições públicas de ensino carece deste tipo de material.

Ao considerarmos, então, a aplicação e a construção de nosso estudo, percebemos que o conceito de alienação exposto no livro didático se mostrou insuficiente de informações. Dessa forma, uma de nossas conclusões é de que utilizar o livro didático como o único apoio para a condução das aulas e a formação de entendimento coerente acerca do conceito de alienação carece de fundamentação teórica e filosófica, podendo afetar de forma significativa a aprendizagem e a formação do aluno. O livro didático por nós escolhido [*Filosofando*] se mostrou útil no que se refere à contextualização histórica, à aproximação de outros termos e conceitos da filosofia marxista, mas no que se refere ao conceito de alienação o entendemos de modo fragilizado.

As aulas e as leituras advindas dos aportes bibliográficos externos ao livro didático possibilitaram aos alunos obter um entendimento mais amplo do conceito de alienação, bem como, tornou possível que os alunos pensassem e associassem o conceito com as suas ações e situações de seu cotidiano fazendo-lhes refletir de fato sobre a sua atuação perante a sociedade da qual fazem parte. O trabalho com os textos e as atividades propostas em nosso projeto também ajudaram a muitos alunos se perceberem enquanto cidadãos que possuem um importante papel na sociedade. Papel que pode se encontrar ainda em potencialidade, mas que a partir das discussões de Marx tornam os alunos capazes de questionar aquilo que lhes deixam inquietos.

Consideramos que a experiência construída no decorrer desse estudo faz da sala de aula um rico *campo de estudo* para o docente. Isso se nota no decorrer da investigação ao, por exemplo, colocar o conceito de alienação em movimento, permitindo acompanhá-lo enquanto ele ganha novas compreensões, novas interpretações e ganha sentido para o aluno. Essa percepção nos fez considerar a sala de aula não apenas como um campo de práticas pedagógicas, mas um espaço fundamental para a atualização e compreensão do fazer filosófico - em constante movimento e aperfeiçoamento.

Outra notável contribuição advinda da aplicação do projeto é a formação e o aprimoramento proporcionado ao próprio docente. Pode-se afirmar com segurança que o programa do PROF-FILO propõe significativa alteração na forma de preparo e condução das aulas de filosofia. O aprimoramento que ocorre não se deve apenas à instrução e acréscimos no campo teórico, de suma importância certamente, mas principalmente pela maneira de se pensar os assuntos do ensino de filosofia e o posterior encaminhamento em sala de aula. Desperta-se o rigor que nos oferece mais atenção nas formas didática e metodológicas que levamos até a sala de aula. Os alunos e alunas, a partir das discussões ocorridas no PROF-FILO, tornam-se as personagens principais de nosso estudo. O projeto fora pensado para eles, aplicado com eles, os principais materiais foram produzidos por eles e são eles que proporcionam boa parte de nossas reflexões para a construção de nossa dissertação.

Quando nos propomos em assumir a postura de docente, e nos colocamos perante nossos alunos como professores de filosofia, devemos considerar a responsabilidade que recairá sobre a nossa atuação em sala de aula. Aquilo que iremos falar, compartilhar e refletir com nossos alunos terá significativa influência sobre a sua formação intelectual, pessoal e humana. Nossos alunos podem se tornar sujeitos ativos na sociedade e buscar transformar o seu meio em algo mais justo, igualitário, mais humano e mais consciente. Devemos dar a devida e respeitosa atenção a nossa atuação enquanto professores. Parte da responsabilidade em se construir uma sociedade melhor está em nossa atuação. Desconsiderar isso é ignorar quase que por completo as necessidades reais de nossos alunos, os problemas sociais e educacionais nos quais estamos inseridos e/ou vivenciamos. Isso é como fechar os olhos perante a realidade que nos cerca, caindo em conformismo e acomodação, algo que julgamos que não pode ocorrer.

É necessário ao educador lutar em prol da melhoria de sua realidade e da sociedade; não desconsiderar ou desmerecer a sua vital importância na busca de melhorias mesmo com a visível falta de valorização da educação e da sua utilização em prol da elite burguesa. Cabe a nós enquanto professores pensarmos sobre esses fatores e buscar lutar pela melhoria de nossa educação. Fazer o melhor para contribuirmos com a emancipação dos cidadãos e tornar a nossa

sociedade mais humanizada. Para finalizarmos a nossa reflexão, recorremos ao cantor e compositor Raul Seixas (1945-1989) quando, em sua canção *Por quem os sinos dobram*, indica para algo que julgamos que deve estar sempre presente em nossa busca enquanto educadores e cidadãos: “Coragem, coragem, se o que você quer é aquilo que pensa e faz. Coragem, coragem, eu sei que você pode mais!”.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Wodson Vieira. *A crítica feuerbachiana da religião: um contributo à compreensão do conceito de alienação religiosa*. Revista Eletrônica Espaço Teológico, p. 71-76, Maio. 2010.
- ANEGELO. *É o cristão, ou mesmo o católico, alienado?* Disponível: <<http://www.sinaisdostempos.org/perguntas/catolico-alienacao>>. Acesso em: jul. 2018.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *FILOSOFANDO: Introdução à Filosofia*. Editora Moderna. 5ª Edição, São Paulo: 2015.
- BARROS, José D'Assunção. *O conceito de alienação no jovem Marx*. Tempo Social - Revista de Sociologia - USP, v. 23, n. 1, p. 223-245. 2010
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro, Zahar: 2001.
- BURCKHART, Thiago. *A decadência das músicas atuais*. Disponível em: <<http://www.cruzeirodovale.com.br/artigos/a-decadencia-das-musicas-atuais/>>. Acesso em: jul. 2018.
- CASTRO, Rubens da Silva. *A televisão como instrumento de alienação*. Disponível em: <<http://www.adua.org.br/artigos.php?cod=165>>. Acesso em: jul. 2018.
- COSTA, Laura Silva. MORETTI, Sérgio Luiz do Amaral. *A futilidade e a alienação atual dos jovens podem colocar nosso futuro em risco?* Disponível em: <<https://www.correiadoestado.com.br/opinia/a-futilidade-e-a-alienacao-atual-dos-jovens-podem-colocar-nosso/242210/>>. Acesso em: jul. 2018.
- CROCCO, Fábio Luiz Tezini. *Reflexão sobre a alienação e a ideologia no pensamento de Friedrich Hegel*. Filosofia em revista – PROMETEUS. VIVA VOX - DFL – Universidade Federal de Sergipe. N.6, p.125 – 136. Ano 3. Julho - Dezembro, 2010.
- CNEC. *A educação sob o ponto de vista socialista em Marx: desafios da universalização de um direito social cada vez mais convertido em mercadoria*. Revista eletrônica de Ciências da Educação - Faculdade de Campo Largo, v. 16, n. 1 e 2, p. 01–16, abril. 2016
- D'ABBIERO, Marcella. *A alienação em Hegel: usos e significados de Entausserung, Entfremdung, Veräusserung*. Revista on-line VERINOTIO – n. 19, p.19 - 31 Ano X, abril. 2015.
- ENGELS, Friedrich & MARK, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.
- ENGELS, Friedrich & MARK, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.
- ENGELS, Friedrich & MARK, Karl. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Ed. Ridendo Castigat Mores. 1999.

FALCÃO, André. *Quero ser alienado*. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/09/quero-ser-alienado.html>>. Acesso em: Ago. 2018.

FEUERBACH, L. *A Essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Para a crítica da filosofia de Hegel*. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo: Editora Liberars, 2012.

\_\_\_\_\_. *Teses provisórias para a reforma da filosofia (1842)*. Trad. Artur Morão. Lusosofia. 2005.

GOMIDE, Thiago. *Copa do mundo é para alienados? Esporte é pão e circo?* Disponível em: <<https://seuhistory.com/noticias/copa-do-mundo-e-para-alienados-esporte-e-pao-e-circo>>. Acesso em: jul. 2018.

GONÇALVES, Isabel Cristina. *Estamos formando uma geração de egocêntricos, alienados e inconsequentes*. Disponível em: <<http://www.ligiadeslandes.com.br/17/01/2016/estamos-formando-uma-geracao-de-egocentricos-alienados-e-inconsequentes/>>. Acesso em: jul. 2018.

GUSMÃO, Sílvia. *Jovens, que representam o futuro, estão alienados com o presente*. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/coluna/trajeto-profissional/noticia/2013/09/23/jovens-que-representam-o-futuro-estao-alienados-com-o-presente-444207.php>>. Acesso em: jul. 2018.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis – RJ: 1992.

HEIDERICH, Felipe. *Não podemos ser alienados ao mundo*. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/felipe-heiderich-nao-podemos-ser-alienados-ao-mundo.html>>. Acesso em: jul. 2018.

HOSHINO, Camilla. *Professora da rede pública é afastada ao abordar Marx em sala de aula*. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/08/professora-da-rede-publica-e-afastada-ao-abordar-marx-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: set. 2018

ILIENKOV, Evald Vasilievich. *Hegel e a Alienação*. Tradução: SOUZA E SILVA, Marcelo José de. Manuscrito (1967) de uma palestra ministrada no Congresso Internacional de Hegel, em Praga (1966).

LISAUSKAS, Rita. *Estamos criando uma geração de alienados*. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/estamos-criando-uma-geracao-de-alienados-afirma-psicologo-do-hc/>>. Acesso em: jul. 2018.

- LOMBARDI, José Claudinei. *Educação e Ensino em Marx e Engels*. 2010.
- LUCENA, Eleonora de. *Prêmio Nobel ataca elite alienada e propõe mais impostos para os ricos*. Disponível em: <<http://www.a12.com/jornalsantuário/artigos/elite-alienada-ou-alienacao-como-condicao>>. Acesso em: jul. 2018.
- MALLMANN, Vanessa. Militância petista é alienada, totalmente insana e perigosa. Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/5577/militancia-petista-e-alienada-totalmente-insana-e-perigosa>>. Acesso em: Ago. 2018.
- MARCONDES, Marco. *Como a música influencia na sociedade*. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/entretenimento/como-a-musica-influencia-na-sociedade/105489/>>. Acesso em: jul. 2018.
- MORENO, Felipe. *Alienados Espiritualistas - Mistura de Teorias, Falácias e Comportamentos dos Espiritualizados, Despertos, Conscientes – (Bobos)*. Disponível em: <<http://www.forcasubconsciente.com/2017/10/alienados-espiritualistas-mistura-de.html>>. Acesso em: jul. 2018.
- MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. 2.ed. São Paulo: Boitempo. 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo: 1996.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. ed. 1 São Paulo: Boitempo. 2004.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Questão Judaica*. Trad. Artur Morão. Lusosofia. 1989.
- \_\_\_\_\_. *Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.
- MELO, Regiany Gomes: *Homem E Sensibilidade em Ludwig Feuerbach: Crítica À Teologia Cristã e à Filosofia Especulativa*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2012.
- MELO, Rúrion. *A teoria da emancipação de Karl Marx*. Cadernos de Filosofia Alemã, n. 18, p. 35 -58. 2011.
- M. P. SERRA, Joaquim. *Alienação*. Coleção: Artigos LUSOSOFIA. Covilhã. 2008
- MUNAKATA, Kazumi. *O livro didático como mercadoria*. Pró - Posições. V.23, n. 3(69). P. 51-66. Set./Dez. 2012.
- PEIXOTO, Alberto. *O Futebol, os alienados e a religião*. Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2010/06/o-futebol-os-alienados-e-a-religiao/>>. Acesso em: jul. 2018.
- PEIXOTO, Maria Angélica. *Para entender a alienação: Marx, Fromm e Marcuse*. Revista Espaço acadêmico, p.32- 40, Jul. 2010.

- PEREIRA, Roni. *Seu alienado! Disse a pessoa que não sabe o que é alienação*. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/seu-alienado-disse-a-pessoa-que-n-o-sabe-o-que-aliena-o>>. Acesso em: jul. 2018.
- PINHO, Anderson. *Lazer Alienado*. Disponível em: <https://filosofiatotal.com.br/lazer-alienado/>. Acesso em: jul. 2018.
- RANIERI, Jesus J. *Alienação e estranhamento em Hegel: a objetivação do espírito e a importância da categoria trabalho*, 1995.
- RANIERI, Jesus J. *Alienação e estranhamento: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital*. 2001.
- RODRIGUES, Anna Carolina. *Os jovens não eram tão alienados. A verdade: Mesmo vivendo numa ditadura militar, a maioria dos pais de hoje não estava nem aí para a política*. Disponível: <<https://super.abril.com.br/comportamento/23-os-jovens-nao-eram-cao-alienados/>>. Acesso em: jul. 2018.
- SALES, Isabela. *Casagrande chama jogadores “popstars” de alienados*. Disponível em: <<http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2017/10/05/casagrande-chama-jogadores-popstars-de-alienados>>. Acesso em: jul. 2018.
- SANTANA, Cristiano. *Igreja atual: uma geração de Cristãos alienados*. Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2009/04/igreja-atual-uma-geracao-de-cristaos.html>>. Acesso em: jul. 2018.
- SANTOS, Guilherme Wanderley dos. *Os alienados e cegos pelo fanatismo partidário estão semeando brutal explosão de violência, que virá*. Disponível em: <<http://segundaopinio.jor.br/3116-2/>>. Acesso em: jul. 2018.
- SAVIANI, Dermeval. *Marxismo e Pedagogia*. Revista HISTEDBR. Campinas, número especial, p. 16-27, abr/2011.
- SCHLESENER, Anita Helena. MASSON, Gisele. SUBTIL Maria José Dozza. *Marxismo(s) & Educação*. Editora UEPG. Ponta Grossa – Paraná: 2016.
- SANCHEZ VAZQUEZ, Adolfo. *Filosofia e circunstâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SCHÜTZ, Rosalvo. *Feuerbach e Marx: duas críticas a partir de um mesmo horizonte*. *Ágora Filosófica*. Ano 1, nº 1, p.89 – 109, Jan – Jun, 2001.
- SILVA, Marco Antônio. *A Fetichização do Livro Didático no Brasil*. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, Dez. 2012.
- SILVA, C.R.; SILVA, L.F.; MARTINS, S.T.F. *Marx, ciência e educação: a práxis transformadora como mediação para a produção do conhecimento*.v1, n1, p 7-18.

- SILVA, João Carlos da. *Educação e Alienação em Marx: contribuições teórico-metodológicas para pensar a história da educação*. Revista HISTEDBR. Campinas, n.19, p.101 - 110, set. 2005.
- SILVA, João Carlos da. *A questão educacional em Marx: alguns apontamentos*. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 3, n. 1, p. 72-81; fev. 2011.
- SILVA, Walber Nogueira da. *Trabalho alienado e propriedade privada nos manuscritos de 1844, de Karl Marx*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2012.
- SOUZA, Josias de. *Bolsonaro é porta-voz de uma agenda proterozoica que seduz parte do Brasil*. Disponível em: <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2018/06/30/bolsonaro-e-porta-voz-de-uma-agenda-proterozoica-que-seduz-parte-do-brasil/>>. Acesso em: Ago. 2018.
- VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi. SILVINO, Eliziane França Moreira. *O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim*. Vitória da Conquista v. 4, n. 4 p. 83-102, Jan./Jun. 2008.
- ZUBEN, Marcos de Camargo Von. ARAÚJO, Joelson Silva de. COSTA, Izanete de Medeiros. *Avaliação dos principais livros didáticos de filosofia para o ensino médio existentes no mercado editorial brasileiro*. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 20, p. 157-178. Maio-Out. 2013.

# APÊNDICE I – UM EXEMPLO DE MATERIAL PARADIDÁTICO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DA 2ª SÉRIE

## Filosofia Política

### O Filósofo Karl Marx:

Quem foi?



**Karl Marx** (1818-1883) foi um filósofo, economista liberal, revolucionário alemão e um dos fundadores do socialismo científico. A obra de Marx influenciou a Sociologia, a Economia, a História e a Pedagogia.

### Socialismo Marxista

Também conhecido por Socialismo científico ou simplesmente Marxismo, é uma corrente ideológica desenvolvida pelo filósofo **Karl Marx** e **Friedrich Engels**, com a finalidade de acabar com a luta de classes existente no regime capitalista.

A base do socialismo marxista era a análise crítica e científica do capitalismo, fazendo com que este modelo se diferenciasse da idéia de socialismo utópico ao contrário do socialismo utópico, o socialismo marxista não tinha a intenção de criar uma sociedade ideal, onde os proprietários deveriam doar as suas riquezas e bens em prol do bem-comum social.

Os fundamentos do socialismo científico eram de compreender a história do capitalismo, como foi feita a sua consolidação e as suas contradições.

De acordo com os marxistas, o capitalismo seguia por um caminho que eventualmente seria ultrapassado.

Tinha como fundamento teórico: a Luta de Classes, a Revolução Proletária, o Materialismo Dialético e Histórico, a Teoria da Evolução Socialista e Doutrina da Mais-valia.

Os socialistas marxistas acreditavam que melhores condições de trabalho e de vida para os trabalhadores só seriam possíveis através de uma revolução da classe proletária e da luta armada.

O socialismo científico propôs o “despertar” dos trabalhadores da situação de explorados, através da luta de classes. Ou seja, os trabalhadores seriam o motor da transformação da história. A superação do capitalismo e a construção de uma sociedade sem classes só seriam possíveis por meio de uma revolução socialista, conduzida pelos trabalhadores.

Segundo **Marx** e **Engels**, a tomada do poder pelos trabalhadores daria início à ditadura do proletariado (transição entre o capitalismo e o socialismo) e o final do processo de transição seria o comunismo sociedade sem classe, sem propriedade privada, sem donos dos meios de produção, sem Estado.

[Sergio Silva] O samba da mais-valia, gravado no início de 2005

Síntese de muitas determinações

A realidade social é feita de contradições  
Mas a árvore não pode esconder o arvoredo  
Vem o grande analista, revela o segredo da  
acumulação de capital

É mais-valia pra cá, É mais-valia pra lá.  
Capitalismo é selvagem, É global.  
É mais-valia pra cá, É mais-valia pra lá,  
Tempo roubado do trabalho social.

Mercadoria é alienação,  
Trabalho, salário: a danação  
A grana diz ‘trabalho sozinho’,  
A fórmula é DMD’.

Síntese de muitas determinações  
A realidade brasileira é feita de contradições  
Mas o grande analista indicou o caminho  
Ninguém pode vencer essa luta sozinho.  
É luta de classes e coração.  
Tem a novela, meu bem  
E tem a Xuxa, também.  
Proselitismo tem no Jornal Nacional.

Tem desemprego, meu bem  
E tem a dengue, também.  
Desigualdade e tortura federal  
No Brasil todo foi um ti-ti-ti  
Todo mundo pensando  
Do Oiapoque ao Chuí  
Mas agora é a hora da transformação,  
O carnaval traz nossa revolução.

Síntese de muitas determinações  
A realidade social é feita de contradições  
Mas a árvore não pode esconder o arvoredo  
Vem o grande analista, revela o segredo  
Da acumulação de capital.

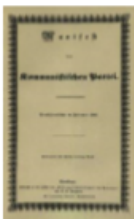
O manifesto falou, o comunismo escutou:  
Tem que seguir o movimento popular.  
O grande mestre mostrou,  
A grande escola ensinou:  
Dizer o samba no pé se revoltar  
Lá no rio vermelho, Na Filosofia  
Descobrir o pandeiro, a cuíca, a magia. Mas agora é a  
hora da transformação:  
O carnaval traz nossa revolução

Com essa música de **Sérgio Silva** podemos ver que as contradições se tornam evidentes na relação Estado/Indivíduo, pelas políticas sociais desenvolvidas pelos movimentos sociais originados do cotidiano que agem e propiciam as transformações sociais.

O capitalismo pode ser definido como o sistema econômico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade coletiva, os bens são todos socializados e, portanto, a distribuição de renda nesse sistema econômico é evidente.

Segundo **Karl Marx**, na sociedade capitalista, o operário cria as mercadorias e apropria-se de uma parcela significativa da sua produção, eliminando as desigualdades sociais.

O capitalismo tem como uma das características fundamentais, o livre mercado do liberalismo econômico, baseado na lei da oferta e da procura, de acordo com **Marx**, nesse sistema econômico a sociedade é dividida, especialmente em duas classes principais: burguesia e proletariado, ou seja, em capitalistas e trabalhadores.



### O Manifesto do Partido Comunista, escrito por **Karl Marx** e **Friedrich Engels**.

"A meta imediata dos comunistas é a mesma de todos os outros partidos proletários: a formação do proletariado em uma classe, a derrubada da supremacia burguesa e conquista do poder político pelo proletariado". A intenção é dar o poder político aos proletários (trabalhadores), ou seja, é transformar a classe do proletariado em classe dominante. Essa classe necessita de um representante, mas especificadamente ela precisa de um líder, que acaba ficando com todo o poder.

**Marx** e **Friedrich Engels** acreditavam que o comunismo seria democrático, pois acreditavam que o líder, que representaria a classe trabalhadora faria a vontade dos trabalhadores, se era feita a vontade do povo, então o povo estaria no poder, mas essa democracia ela não deu certo, então **Marx** e **Friedrich Engels** ou acreditavam ou fingiam acreditar.

1. Abolição de propriedade em terra e aplicação de todos aluguéis de terra para fins públicos.
2. Um imposto de renda pesado progressivo ou gradual.
3. Abolição de todo direito de herança.
4. Confisco das propriedades de todos os emigrantes e rebeldes.
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital do Estado e um monopólio exclusivo.
7. Extensão de fábricas e de instrumentos de produção possuídos pelo Estado; levar o cultivo à terra inculta e a melhoria do solo em geral de acordo com um plano comum.
8. Responsabilidades iguais para todo trabalho. Estabelecer exércitos industriais, em especial para a agricultura.
9. Combinar as indústrias de agricultura com a de manufatura; abolição gradual das distinções entre cidade e campo, com uma distribuição mais igual da população.

10. Educação gratuita para todas as crianças em escolas públicas. Abolição do trabalho infantil em fábricas de modo atual. Combinação de educação com produção industrial etc.

"Mas dirão vocês, estaremos destruindo a mais abençoada das relações ao trocarmos a educação do lar pela social e a sua educação? Não é ela também social e determinada por condições sociais sob as quais você educa por intervenção direta ou indireta da sociedade, nas escolas? Os comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação. Eles procuram alterar o caráter dessa intervenção e resgatar a educação da influência da classe governante" Não tem mais direito de educar o filho em casa, sendo obrigado a deixar o seu filho nas mãos do Estado.

#### Vamos pensar

Não é a toa a instituição do trabalho igual para todos, dessa forma a mãe seria obrigada a "dar" seu filho ao Estado, já que isso ocorreria depois da mãe não precisar mais necessariamente amamentar, então deixaria a educação totalmente ao Estado, então por isso o que **Marx** e **Friedrich Engels** falam sobre a exploração no trabalho infantil não vale absolutamente de nada, o objetivo é bastante claro é manter o comunismo no poder através da educação das pessoas desde pequenas... E qual é essa educação burguesa que eles tanto condenam e tanto temem? É a educação filosófica, moral, religiosa. Vejamos o seguinte: "As acusações contra o comunismo feitas de um ponto de vista religioso, filosófico e, geralmente, ideológico não merecem um exame sério. Será necessária uma profunda intuição para entender as idéias, os pontos de vista e as concessões do homem, resumindo, consciência do homem muda de acordo com as mudanças nas condições de sua existência material, nas suas relações sociais e na sua vida social?" O que os autores querem dizer nessa parte do livro? (reflita)

As considerações religiosas e filosóficas são tão idiotas (perdão pela palavra) que não merecem uma atenção dos leitores, o materialismo também é algo muito óbvio que não precisa ser analisado pelos leitores e que essas idéias religiosas e filosóficas são provenientes apenas de uma relação material das lutas de classes.

"O que mais prova a história de idéias do que a produção intelectual muda de caráter na proporção em que a produção material muda? As idéias dominantes de cada época sempre foram às idéias da classe dominante"

Neste parágrafo dizem que idéias não tem valor algum, que são apenas abstrações provenientes de uma relação social, material das lutas de classe.

E se alguém pensasse que o comunismo é uma idéia, lá também tem a resposta:

### **SOBRE O COMUNISMO:**

“ Suas conclusões teóricas não estão baseadas de modo algum em idéias ou princípios que foram inventados, ou descobertos, por este ou aquele futuro reformador universal. Mas são apenas expressões generalizadas das condições de uma luta de classes que existe de fato, de um movimento histórico que se passa diante de nossos olhos”.

Ou seja, segundo eles o comunismo não são idéias, é como uma ciência exata que não se pode contestar.

(Foi em base de vídeos e leituras que isso foi montado, não interferindo na sua opinião e sim fazendo você refletir um pouco mais sobre todo o conteúdo que preparamos)



**Conceito de alienação:** para **Marx** a alienação está ligada ao trabalho, o mesmo ao invés de realizar o ser humano o escraviza. O ser humano acaba se preocupando mais com verbo TER do que com o SER, por esse motivo acaba medindo-se pelo que possui e não por quem é.

**Alienação econômica:** muitas vezes é a alienação do trabalhador, onde o burguês explora o mesmo para seu próprio lucro. A exploração ocorre em apenas uma atividade, seja ela braçal ou intelectual, não dando chance para o trabalhador reconhecer seu valor. Pode se ver um exemplo no filme: Tempos modernos - Charles Chaplin

**Alienação política:** com a valorização do burguês na sociedade. O povo tem a nítida idéia de não participação da política que nos é empregada apenas na hora de votar. Muitos esquecem que seu direito não acaba na urna, mas devido a alienação muitos aceitam o que lhes é imposto.

**Alienação analógica ou filosófica:** pior forma de alienação em que um indivíduo pode se perder, é a religiosa, pois o indivíduo acaba perdendo a concepção de realidade e se prende a

idéia de que tudo que acontece não é de seu controle. Dando a si a consciência de tudo ser algo fora de seu alcance.

**Alienação social:** quando membros de uma sociedade tornam-se padronizados, e como consequência surge o “senso comum” explicado como uma forma de pensamento rasa e sem sentido para muitos da sociedade.



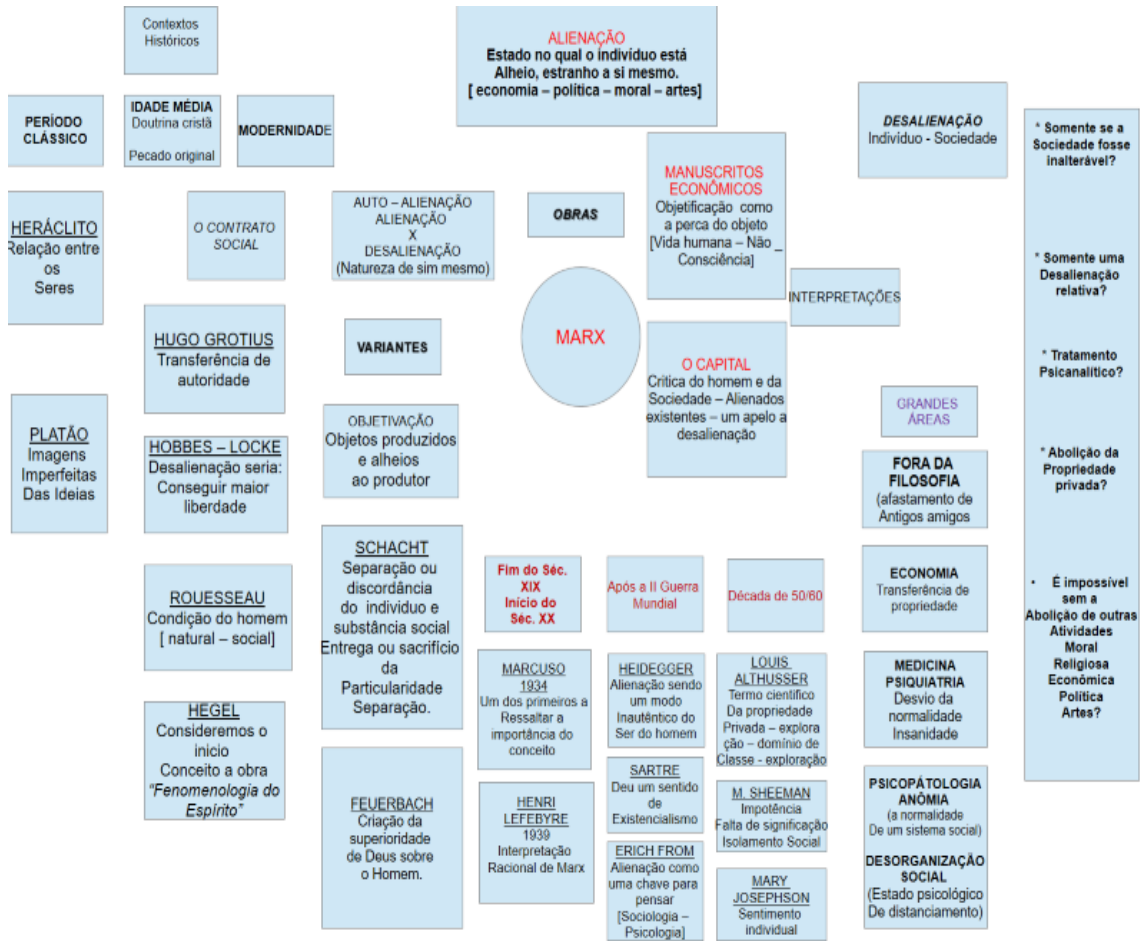
Podemos citar também como exemplo o filme Matrix, onde diz que: tudo o que observamos, são criações da nossa cabeça. Tempo e espaço são apenas ilusões que criamos, nos deixando preso em uma "prisão" chamada 'Matrix'. A única certeza, é que o amor é infinito, o resto é apenas ilusão.

O filme quer dizer que nós não enxergamos com os olhos, mas sim com o cérebro, “os lobos temporais editam e reconstróem até 50% ou mais da informação original que entra através da retina”, sendo assim nós vemos apenas o que o cérebro quer que vemos.

## APÊNDICE II - ATIVIDADE APLICADA - QUESTIONÁRIO 2º SÉRIE

<b>QUESTIONÁRIO 2º ANO</b> <b>FILOSOFIA POLÍTICA – KARL MARX</b>	
<p>Aluno(s): _____ Número(s): _____</p> <p><b>01</b> - Período marcado pela implementação da criação do <b>sistema fabril</b> mecanizado, isto é, (as fábricas passaram da simples produção manufaturada para a complexa substituição do trabalho manual por máquinas);</p> <p>a) Revolução Comercial b) Revolução Cubana c) Revolução Industrial d) Revolução Colonial</p> <p><b>02</b>- O Capitalismo gerou conflitos entre dois grupos sociais, que foram;</p> <p>a) Burguesia x Proletariado b) Burguesia x Ricos c) Homens do campo x Homens da cidade d) Proletariados x Trabalhadores</p> <p><b>03</b>- O materialismo histórico é;</p> <p>a) aplicação da consciência de forma externa a condição histórica social. b) a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da vida social, aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e de sua história. c) inexistência da reflexão acerca das condições materiais na qual o indivíduo constrói seu modo de vida. d) acomodação do indivíduo sobre a condição material que se vive.</p> <p><b>04</b>- É caracterizado como um sistema ideológico - político que critica radicalmente o capitalismo e proclama a emancipação da humanidade numa sociedade sem classes e igualitária.</p> <p>a) Marxismo b) Hegelianismo c) Anarquismo d) Feudalismo</p>	<p><b>05</b>- Processo pelo qual a mercadoria, um ser inanimado, adquire "vida" porque os valores de troca tornam-se superiores aos valores de uso e passam a determinar as relações humanas.</p> <p>a) Ceticismo b) Fetichismo c) Mais Valoração d) Proletaríssimo.</p> <p><b>06</b>-Dimensão de Alienação que caracteriza; ao impedimento da população ter acesso aos meios de produção;</p> <p>a) Alienação Econômica b) Alienação Ontológica c) Alienação Política d) Alienação Parcial</p> <p><b>07</b>-Dimensão de Alienação que caracteriza pelo impedimento, que a maior parte da população sofre, de participar das decisões políticas de seu país;</p> <p>a) Alienação Ontológica b) Alienação Política c) Desalienação Social d) Alienação Filosófica</p> <p><b>08</b>-Segundo Karl Marx, os sujeitos históricos se encontram alienados, por força da lógica da sociedade capitalista, apresenta uma breve definição do conceito de alienação;</p> <p style="text-align: center;">"As revoluções são a locomotiva da história". <b>Karl Marx</b></p>

## APÊNDICE III - FLUXOGRAMA DO CONCEITO DE ALIENAÇÃO



## APÊNDICE IV - MODELO DE MATERIAL PARADIDÁTICO

### FILOSOFIA POLÍTICA

O Filósofo **KARL MARX**:

#### Os Fundamentos do **Comunismo e Socialismo**

Quem foi ele?



**Karl Marx** (1818–1883) foi um filósofo e revolucionário socialista alemão. Criou as bases da doutrina comunista, onde criticou o capitalismo. Sua filosofia exerceu influência em várias áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Política, Direito, Teologia, Filosofia, Economia, entre outras.

FUNDAMENTOS PARA A REFLEXÃO...

Obra: O **Manifesto do Partido Comunista**, escrito por **Karl Marx** e **Friedrich Engels**, foi publicado em 1848.

O **comunismo**: é compreendido como o resultado final da força da história, o sistema que substituiria o capitalismo.

A frase de abertura deste panfleto demonstra o impacto que pretendia causar e que causa até hoje: *“A história de toda sociedade até os nossos dias é a história da luta de classes”* (MARX, ENGELS). O objetivo era conscientizar os trabalhadores das suas condições sociais, históricas; conscientizá-los de que o que os impedia de ter uma vida digna e boa eram as relações de trabalho às quais estavam submetidos, e que, isto poderia ser rompido quando eles abandonassem a ideologia da qual eram prisioneiros, a ideologia burguesa dominante. O livro traça uma linha evolutiva, demonstrando que a burguesia já cumpriu seu papel: *“(…) a burguesia não forjou apenas as armas que lhe darão a morte; também engendrou os homens que empunharão essas armas: os operários modernos, os proletários”* (MARX, ENGELS). A força deste documento é imensurável. Claramente, com o olhar do presente, encontramos limites nas suas propostas, mas nada que diminua sua importância.

#### O **Socialismo Marxista**

É uma ideologia que também almeja alcançar o comunismo, só que por caminhos diversos e mais plausíveis do que o Socialismo Utópico. Na formulação de **Karl Marx**, a sociedade precisa passar por etapas até obter as condições necessárias para o comunismo. Assim, a sociedade capitalista precisaria se desenvolver a tal ponto que pudesse permitir ao proletariado o controle dos meios de produção em uma sociedade socialista e, só depois

de cumpridas as duas primeiras etapas, haveria condições necessárias para o comunismo.

O pensamento de **Karl Marx** foi desenvolvido baseando-se nos estudos das obras de intelectuais franceses e do alemão **Hegel\***, e, na verdade, recebeu também grande auxílio de outro alemão, **Friedrich Engels\***. O **Socialismo Marxista**, também chamado simplesmente de **Marxismo**, no entanto, vai muito além. É um conjunto de ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais que conquistará vários seguidores.

O **Marxismo** compreende o homem como um ser social e histórico e se baseia em concepções materialista e dialética da História. A vida social é interpretada segundo o modo de produção e a luta de classe que ela desencadeia. São conceitos muito importantes para compreensão do chamado **Socialismo Marxista** que, em contrapartida ao Socialismo Utópico, pode também ser chamado de **Socialismo Científico**.

Símbolo associado ao Socialismo e Comunismo



A sociedade, segundo o **Socialismo Marxista**, é descrita da seguinte forma. A história humana é observada ressaltando os aspectos materiais, ou seja, dando importância fundamental para as relações econômicas que a permeiam. Para **Marx**, essa base econômica seria a determinante dos aspectos políticos, culturais e também religiosos. Dado esse significativo valor atribuído às questões econômicas, a sociedade é marcada por uma dialética que opõe dois grupos, a **burguesia** e o **proletariado\***.

Entendendo que o primeiro refere-se aos detentores do meio de produção e o segundo, sem tais posses, vendem seu trabalho, fazendo a engrenagem do sistema capitalista funcionar. No entanto, a burguesia explora o máximo possível da mão-de-obra para obter seus lucros, é a chamada mais-valia. O trabalhador gera produtos de alto valor agregado, porém o salário é reduzido e muitas vezes ainda é consumidor do que produz. É dessa situação de exploração capitalista promovida pela burguesia sobre o proletariado que nasce a chamada luta de classes, segundo **Karl Marx**.

Para o **Socialismo Marxista**, a tensão existente na **mais-valia\*** promoveria uma união da classe proletária que, em busca de uma sociedade mais igualitária, tomaria posse dos meios de produção e os passaria ao controle do Estado, encarregado de representar a coletividade. Seria o contexto de uma Revolução Socialista. Com o tempo, o próprio Estado não seria mais necessário, levando-se em consideração que não haveria mais dominação de uma classe sobre outra, resultando no que é, para **Karl Marx**, a etapa mais desenvolvida das relações humanas, uma sociedade comunista.

O controle sobre ele, entrava em um processo que conduziria à sociedade a uma ordem social alienada: desigualdade crescente.

Nesse sentido, entendia **Marx** que para que o trabalhador sobrevivesse era obrigado a alugar sua força de trabalho à classe

## O CONCEITO **Alienação** (filosofia de **Karl Marx**)

Refleta e Entenda a Charge...



### " Formas de Alienação "

A **alienação filosófica**, para **Karl Marx**, é aquela que se nutre do pensamento ou da reflexão, em detrimento da ação e do real. Por isso, condena ele aqueles filósofos que se refugiam no pensamento, desligados da consciência da realidade.

A **alienação social** é vista por **Marx** como resultado da existência de classes que são divididas de forma oposta e hostil, determinando a existência de classes dominantes e dominadas, numa luta constante e identificadas por seus interesses e culturas. Nesse sentido, ele reforça a necessidade de consciência de classe, denominando a classe burguesa de dominante que explora a classe dominada, o proletariado que é despossuído de bens, famílias e direitos. Nasce daí a eterna luta dos dominados contra a burguesia que se baseia na alienação econômica.

A **alienação econômica**, para **Marx**, é a fonte de todas as alienações, defendendo que o trabalhador, quanto mais trabalha e quanto mais fica pobre, produz mais riqueza, tornando-se uma mercadoria barata. Essa forma de alienação só poderá ser vencida com a revolução proletária. Por consequência dessa revolução, todas as alienações serão abolidas.

Por fim, a **alienação política** que é vista por **Marx** em razão da divisão da sociedade civil em classes formada pelo Estado. Para ele, que o Estado representa a cisão social determinada por uma classe, quando jamais terá a capacidade de conciliar a divisão da sociedade. Observa o autor que a solução para a alienação política tem dependência direta com a alienação social, ou seja, com a divisão da sociedade em classes.

Observa-se, portanto, que na ideia de alienação o autor pontua a questão que o homem, nesse sentido, *é visto como estranho a si mesmo, tornado outro e separado de seu próprio ser, não realizando a sua identidade*. Em vista disso, o ser humano projeta-se para o mundo abstrato e ilusório, como no fato do processo de trabalho no Capitalismo que separou o trabalhador dos meios de produção que passaram a pertencer à burguesia, ou seja, à classe dominante. Com isso, entendia ele que com a alienação ocorre a negação do poder de discutir as políticas trabalhistas, levando o trabalhador à exclusão.

**Marx** considerava o trabalho a mais importante expressão da natureza humana e quando o homem perdia

dominante, resultando como recompensa a recepção de um salário. Com isso, observava o autor que havia mais pessoas que emprego, ocasionando a submissão do trabalho para acertar os valores impostos pelos patrões para que pudesse desenvolver suas atividades profissionais. Vê-se, portanto, com base nas ideias de **Marx** que a alienação é fruto da sistemática capitalista de produção, sendo, com isso, apenas suprimida na sociedade sem classes, qual seja: na sociedade comunista.

A palavra alienação vem do Latim "**alienus**", que significa "**de fora**", "pertencente a outro". A alienação é estar alheio aos acontecimentos sociais, ou achar que está fora de sua realidade. **Karl Marx** em sua obra **Manuscritos econômico-filosóficos** usou o termo para descrever a falta de contato e o estranhamento que o trabalhador tinha com o produto que produzia.

A alienação na reflexão de **Marx** é descrita também como um momento onde os homens perdem-se a si mesmos e a seu trabalho no capitalismo. Para **Marx** as relações de classe eram alienantes, pois o trabalhador assalariado se encontrava em uma posição de barganha desigual perante o capitalista (empregador). Dessa forma o capitalista conseguia dominar a produção e o trabalhador.

### FILOSOFIA EM OUTRAS ÁREAS (Clip – Música)



Imagem do vídeo clipe da música "**Another Brick in the Wall**" do álbum **Wall The Wall**; nome do décimo

primeiro álbum de estúdio da banda britânica de rock **Pink Floyd**. Lançado como álbum duplo em 30 de novembro de 1979 foi, posteriormente, tocado ao vivo com efeitos teatrais, além de ter sido adaptado para o cinema. VALE A PENA Ver e Ouvir.

### SOBRE ELES;

**Hegel\*** **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (Stuttgart, 27 de agosto de 1770 – Berlim, 14 de novembro de 1831) foi um filósofo alemão clássico cujos estudos ajudaram no embasamento da filosofia moderna. Hegel inaugurou o pensamento "fenomenologia do espírito".

**Friedrich Engels\*** **Friedrich Engels** (1820-1895) nasceu em Barmen, distrito de Wuppertal, na Alemanha, no dia 28 de novembro de 1820. Foi um filósofo social e político alemão. Teve papel de destaque no desenvolvimento do marxismo. Colaborador e amigo de **Karl Marx**, publicou os volumes II e III da obra "**O Capital**", de **Marx**.

### Indicações de Leituras;

- O **Manifesto do Partido Comunista** (**Marx**)

### **Aprofundando conceitos...**

**Burguesia** = *substantivo feminino*

1..*hist* na Idade Média, qualidade ou condição de burguês ('habitante livre').

2..*hist soc* classe social surgida na Europa, com o desenvolvimento dos burgos medievais e o influxo do comércio na sociedade feudal, e que principia a gozar, com o seu enriquecimento, de crescente liberdade e poder, passando a dominar sociopolítica e economicamente as outras classes, a partir da Revolução Francesa 1789.

**Proletariado** = *substantivo masculino*

1.*obs*/condição de proletário.

2. conjunto dos trabalhadores de um determinado país, região, cidade etc., ou do mundo inteiro.

**Mais-valia** = *substantivo feminino*

1.no liberalismo, aumento do valor de um bem ou de uma renda, após a sua avaliação ou aquisição, em virtude de fatores econômicos que independem de qualquer transformação intrínseca desse bem ou dessa renda.

2. aumento do valor de um bem em razão de melhoria ou benfeitoria que lhe foi introduzida.

### **PARA FILOSOFAR:**

#### **Exercícios de Reflexão:**

01\_ Com apoio ao que foi estudado nesse capítulo reflita; Qual deveria ser a função do Estado perante a sociedade? Ele está cumprindo sua função? Justifique sua resposta:

02\_ Explique de forma geral e breve o conceito de *alienação* e cite exemplos explicando-os.

03\_ De forma breve descreva o que propõe Marx ao apresentar os ideais do Manifesto do Partido Comunista.

<https://www.pcp.pt/manifesto-do-partido-comunista-edicoes-avante-1997>

- Do socialismo utópico ao socialismo científico. (Engels)

- 

[www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socialismoutopico.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socialismoutopico.pdf)

**"As revoluções são a locomotiva da história".**

**Karl Marx**

# ANEXO I - MATERIAL TEÓRICO CONTIDO NO DO LIVRO DIDÁTICO FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA.

## 1 A origem do proletariado

No início do século XIX, as revoluções burguesas do século anterior encontravam-se ameaçadas pelas forças conservadoras representadas pela nobreza e pelo clero, ansiosas para restaurar o absolutismo e excluir a burguesia do poder político. O embate dessas forças desencadeou, em 1830 e 1848, grandes movimentos liberais e nacionais. Iniciados na França, logo se estenderam para outros países europeus.

A partir de 1848, inspirado de início nas ideias do socialismo utópico, o **proletariado** procurava se opor ao pensamento liberal, deixando mais clara a cisão entre burgueses e proletários.

Nesse período, conturbado por agitações políticas, agravou-se a situação social em consequência das transformações na economia, decorrentes da passagem à grande indústria e ao capitalismo de monopólio. Essas alterações vinham ocorrendo desde o século XVIII, quando a **Revolução Industrial** implantara o maquinismo, acelerando o processo de confinamento do operário nas fábricas. Configurava-se, então, em todos os seus contornos, a nova classe do proletariado.

### ETIMOLOGIA

**Proletariado.** Do latim *proletarius*, "do povo", "das classes desfavorecidas". Por sua vez, *proletarius* vem de *proles*, "prole", "descendência", "filhos". Ou seja, os pobres são "ricos" de filhos.



Va te faire pendre ailleurs !

Nessa charge, de 1848, o homem do povo, com o barrete frigio, símbolo da revolução na França, expulsa o burguês que o explora: "Vá dependurar-se em outro lugar!" (*Va te faire pendre ailleurs!*).



*O vagão de terceira classe* (1862), pintura de Honoré Daumier. No século XIX, Daumier fez uma dura crítica social às condições de vida a que estavam relegados os trabalhadores.

As cidades inchavam com a massa de operários mal acomodados em moradias precárias, trabalhando em fábricas insalubres e recebendo baixos salários. Miséria, jornada de trabalho excessiva e exploração de mão de obra infantil configuravam um estado de injustiça social que gerava protestos e anseios de mudança.

Os operários criaram organizações que negavam o paternalismo e desenvolveram a luta para a formação da consciência de classe e a emancipação do proletariado. Sindicatos, conselhos operários, comissões de fábrica, comitês de greve, jornais operários agitavam o ambiente social e político, desencadeando movimentos de reivindicação. Em 1864, foi fundada em Londres a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), que estimulou a realização de congressos em diversos países.

### PARA SABER MAIS

A Primeira Internacional atuou de 1864 a 1876, sob a liderança de Marx e Engels. Mais três Internacionais foram fundadas posteriormente. A última foi organizada por Trotsky em 1938, após a Revolução Russa de 1917 e a subida de Stalin ao poder na União Soviética.

## 2 O socialismo utópico

Os teóricos do socialismo elaboraram teorias distintas e propuseram soluções diversas, mas é possível observar alguns traços comuns entre eles. Por exemplo, nem sempre reconhecem o antagonismo entre burguesia e proletariado, admitindo ser possível reformar a sociedade mediante a boa vontade e a participação de todos.

Criticavam a ganância da classe rica, os políticos parasitas e o individualismo burguês que impediam a igualdade e a liberdade de todos. Algumas sugestões consistiam na organização de colônias cooperativas que excluíssem a propriedade privada ou na associação voluntária de pessoas vivendo em comunidade.



**Objeto educacional digital**  
Socialismo utópico



**Orientações para o professor**  
no livro digital

### PARA SABER MAIS

Os principais socialistas utópicos foram: Robert Owen (1771-1858), Henri de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865).

Foram Marx e Engels que classificaram as teorias que antecederam as suas como *socialismo utópico*, e elas contrapondo o que chamaram de *socialismo científico*. Embora reconhecessem a importância dessas teorias como precursoras e por terem dado início à conscientização do proletariado, consideravam-nas inócuas por serem paternalistas e por acreditarem que apenas pela via pacífica seria possível suprimir as injustiças sociais.

### 3 O marxismo

Foi em uma Alemanha agitada e cheia de problemas que surgiu o marxismo, elaborado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Além da colaboração ideológica, Engels era industrial e pôde, por diversas vezes, ajudar Marx financeiramente nos momentos mais críticos de sua vida pessoal.

Escreveram juntos *A ideologia alemã* e *A sagrada família*. Embora suas ideias fossem gestadas em conjunto, Marx redigiu sozinho: *A miséria da filosofia*, *Crítica da economia política* e *O capital*, entre outras obras. De Engels temos: *Anti-Dühring*, *Dialética da natureza* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

Para a elaboração da doutrina, partiram da leitura dos economistas ingleses Adam Smith e David Ricardo, da filosofia de Hegel (o conceito de dialética e uma nova concepção de história), dos filósofos do socialismo utópico e de Ludwig Feuerbach.

Segundo Marx, nas *Teses sobre Feuerbach*, o erro estava em analisar o ser humano abstratamente, desvinculado da sua realidade, que consiste no conjunto das relações sociais.

Consulte o capítulo 11, "A metafísica da modernidade", no qual o marxismo é tratado do ponto de vista epistemológico.

### O materialismo dialético

Ao contrário do idealismo de Hegel, para Marx a matéria é o dado primário, a fonte da consciência, e esta é um dado secundário, derivado, pois é reflexo da matéria. Para o materialismo dialético, entretanto, os fenômenos materiais são *processos* e o espírito não é consequência passiva da ação da matéria, podendo reagir sobre aquilo que o determina.

A dialética é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases; a *tese*, a *antítese* e a *síntese*. Ou seja, explica-se o movimento da realidade pelo antagonismo entre o

momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.

Outra categoria fundamental para entender a dialética é a de *totalidade*: o todo predomina sobre as partes que o constituem. Isso significa que as coisas estão em constante *relação recíproca*, e nenhum fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendido isoladamente fora dos fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são átomos, mas pertencem a um todo dialético e como tal fazem parte de uma estrutura.

Entenderemos melhor esse processo com os exemplos da análise histórica feita por Marx.

### O materialismo histórico

O *materialismo histórico* é a teoria que aplica os princípios do materialismo dialético ao campo da história. Como o próprio nome indica, é a explicação da história por fatores materiais, ou seja, econômicos e técnicos.

Marx inverteu o processo do senso comum que explica a história pela ação dos indivíduos, ou, às vezes, até pela intervenção divina. Para o marxismo, no lugar das ideias estão os fatos materiais; no lugar dos heróis individuais, a luta de classes. Embora possamos tentar definir o ser humano pela consciência, pela linguagem, pela religião, o que fundamentalmente o caracteriza é o modo pelo qual reproduz suas condições de existência.

Portanto, para Marx, a sociedade se estrutura em dois níveis: a *infraestrutura* e a *superestrutura*.

a) A *infraestrutura* constitui a base econômica e engloba as relações do ser humano com a natureza no esforço de produzir a própria existência. Assim, de acordo com o clima (árido ou chuvoso) e os instrumentos de trabalho (pedra, madeira, metal ou eletrônicos), são desenvolvidas certas técnicas que influenciam as relações de produção, ou seja, o modo pelo qual os seres humanos se organizam na divisão do trabalho social. É nesse sentido que, na história, encontramos relações de senhores e servos e de capitalistas e proletários.

b) A *superestrutura* constitui o caráter político-ideológico de uma sociedade, isto é, a forma como os indivíduos se organizam a partir de suas leis, crenças religiosas, literatura, artes, filosofia, concepções de ciência etc. Para Marx, essas expressões culturais refletem as ideias e valores da classe dominante e, desse modo, tornam-se instrumentos de dominação.

Vamos exemplificar como a infraestrutura determina a superestrutura, comparando valores de diferentes períodos da história.

Na Europa feudal, predominavam os laços de dependência e obrigações recíprocas entre os nobres, entre os quais estava o dever de defender, pelas armas, o feudo e a cristandade. Em uma época

Podem-se citar como exemplos de regiões economicamente mais dinâmicas da Europa o norte da Alemanha, os Países Baixos e a Grã-Bretanha.

de conflitos constantes, a guerra era o ofício dos nobres, e o trabalho não era uma atividade valorizada socialmente. O poder e a riqueza eram medidos pela posse da terra, e o empréstimo a juros, atividade tipicamente urbana, era condenado pela moral católica.

A partir do século XI, a crescente expansão comercial e urbana, a ascensão da burguesia e o processo de centralização do poder se traduziram também em uma nova relação do homem com a terra, o trabalho e o lucro. As restrições morais impostas pela Igreja ao acúmulo de lucros tornaram-se incompatíveis com os interesses da burguesia em ascensão. Esse contexto é fundamental para explicar o êxito das igrejas reformadas nas regiões economicamente mais dinâmicas da Europa. Em vez de demonizar o lucro e a riqueza, a ética protestante os interpretava como sinais da graça divina.

Os exemplos dizem respeito à passagem do sistema feudal para o sistema capitalista (infraestrutura), que determinou as transformações da moral e do direito (superestrutura). Portanto, para estudar a sociedade não se deve, segundo Marx, partir do que os indivíduos dizem ou pensam, e sim do modo pelo qual produzem os bens materiais necessários à sua vida.

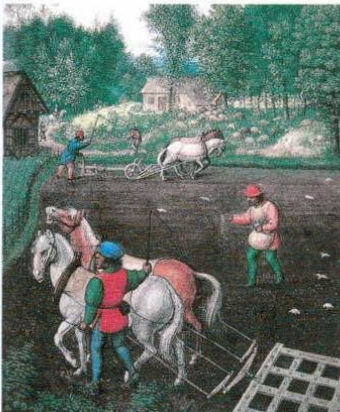
Ao analisar o *ser social*, Marx desenvolveu uma nova antropologia, segundo a qual não existe "natureza humana" idêntica em todo tempo e lugar. Se o existir decorre do agir, o indivíduo se autoproduz à medida que transforma a natureza pelo trabalho. Como o trabalho se apoia numa ação coletiva, a condição humana depende de sua existência social. Ao mesmo tempo, o trabalho é um projeto, e como tal depende da consciência que antecipa a ação pelo pensamento. Com isso se estabelece a dialética pensar-agir e teoria-prática. É nesse sentido que a filosofia marxista é também conhecida como *filosofia da práxis*.

## Relações de produção e luta de classes

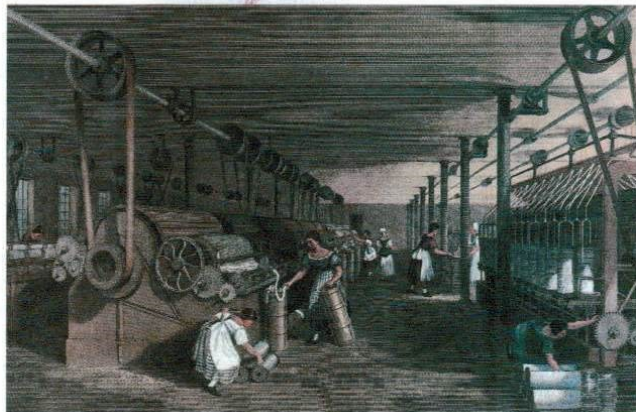
Dissemos que a compreensão dialética da história pressupõe o conflito e a contradição. Vejamos como Marx explica esse processo por meio dos conceitos de *relações de produção*, *forças produtivas* e *modo de produção*.

- As *relações de produção* são o modo como os seres humanos, com base em determinadas condições naturais, se organizam para executar uma atividade produtiva, estabelecendo a divisão do trabalho social.
- As *forças produtivas* são o conjunto formado por clima, água, solo, matérias-primas, máquinas, mão de obra e instrumentos de trabalho. Por exemplo, quando os instrumentos de pedra são substituídos pelos de metal, ou quando a agricultura se desenvolve com novas técnicas de irrigação e de adubagem do solo ou pelo uso do arado e de veículos de roda, estamos diante de alterações das forças produtivas.
- O *modo de produção* é a maneira de organização das forças produtivas em determinadas relações de produção num dado momento histórico. Por exemplo, no modo de produção capitalista, as forças produtivas, representadas sobretudo pelas máquinas do sistema fabril, determinam as relações de produção, caracterizadas pela existência do dono do capital e do operário assalariado.

**Práxis.** Marx chama de *práxis* a ação humana transformadora da realidade. Esse conceito não se identifica propriamente com a prática, mas significa a união dialética da teoria e da prática. Isto é, ao mesmo tempo que a consciência é determinada pelo modo como é produzida a existência, também a ação humana é projetada, refletida, consciente e capaz de modificar a teoria.



BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAVIERA, MÜNICH



BIBLIOTECA BRITÂNICA, LONDRES

À esquerda, miniatura (1520-1525) de Simon Bening. À direita, gravura (1835) representando o interior de uma fábrica têxtil. As duas imagens representam momentos históricos distintos: o dos camponeses medievais e o dos operários das fábricas no início da industrialização. Certamente seus instrumentos de trabalho e o modo de produção são diferentes.

As forças produtivas, no entanto, só podem se desenvolver até certo ponto, pois, ao atingirem um estágio avançado, tornam-se inadequadas e entram dialeticamente em contradição com as antigas relações de produção. Surge, então, a necessidade de uma nova divisão de trabalho. A contradição se expressa na *luta de classes*, o confronto entre duas classes antagônicas quando lutam por seus interesses de classe.

Veremos agora, com mais atenção, como se processa a relação antagônica entre as duas classes.

### » A mais-valia

O sistema capitalista sustenta-se pela produção de mercadorias. Como produto do trabalho, o valor da mercadoria é determinado pelo total de trabalho socialmente necessário para produzi-la. O operário vende ao capitalista a única mercadoria que possui, ou seja, sua força de trabalho. O valor da força de trabalho se baseia naquilo que seria necessário para a subsistência e a reprodução de sua capacidade de trabalho, isto é, alimento, roupa, moradia, educação dos filhos etc. O salário deve, portanto, corresponder ao custo da própria manutenção e a de sua família.

Na obra *O capital*, no entanto, Marx explica que, na verdade, o desenvolvimento do capitalismo supõe a exploração do operário: o capitalista o contrata para trabalhar durante certo período de horas a fim de alcançar determinada produção, mas, por ficar disponível todo o tempo, produz mais do que foi calculado. Portanto, a força de trabalho pode criar um valor superior ao estipulado inicialmente, mas a parte do *trabalho excedente* não é paga ao operário, e serve para aumentar cada vez mais o capital.

Denomina-se *mais-valia*, portanto, o valor que o operário cria além do valor de sua força de trabalho, e que é apropriado pelo capitalista.

Os conceitos de alienação e ideologia são tratados também no capítulo 8, "Ideologias".

### » Alienação e ideologia

Com a descrição da mais-valia, Marx configura o caráter de exploração do sistema capitalista. De imediato o operário não é capaz de reverter o quadro porque se encontra alienado. O que significa alienação? Conferindo o sentido etimológico desse termo, apresentado no capítulo 5, "Trabalho, alienação e consumo", constatamos que a alienação consiste na perda da posse de um bem. De que bem se trata?

Para entender, é preciso saber que Marx retoma a temática hegeliana do trabalho como condição de liberdade. É pelo trabalho que o ser humano se confronta com a natureza e, ao mesmo tempo que a modifica, também transforma a si mesmo, humaniza-se.

No entanto, Marx nega que a ordem econômica do capitalismo seja capaz de possibilitar a igualdade entre as partes, porque o trabalhador perde mais do que ganha. O produto de seu trabalho é apropriado pelo burguês, que determina o salário, o horário e o ritmo de trabalho. Nesse caso, o trabalhador deixa de ser o centro de si mesmo para ser comandado de fora, por forças que não mais controla. O resultado é tornar-se estranho, alheio a si próprio: é esse o fenômeno da alienação.

No contexto capitalista, ao vender sua força de trabalho mediante salário, o operário também se transforma em mercadoria. Ocorre, então, o que Marx chama de *fetichismo da mercadoria e reificação do trabalhador*. Vejamos o que significam esses conceitos.

- O *fetichismo* é o processo pelo qual a mercadoria, um ser inanimado, adquire "vida" porque os valores de troca tornam-se superiores aos valores de uso e passam a determinar as relações humanas, ao contrário do que deveria acontecer. Desse modo, a relação entre produtores não se faz entre eles próprios, mas entre os produtos de seu trabalho. Por exemplo, não se dá a relação entre alfaiate e carpinteiro, mas entre casaco e mesa, que são equiparados conforme uma medida comum de valor.
- A *reificação* é a "coisificação" do trabalhador, porque o indivíduo é transformado em mercadoria. A "humanização" da mercadoria leva à desumanização da pessoa.

#### ETIMOLOGIA

**Reificação.** Do latim *res*, "coisa"; portanto, reificar é considerar "coisa" o que é vivo.

#### A ideologia

O que faz com que a alienação não seja percebida é a *ideologia*. Vimos que, segundo Marx, as ideias, as condutas e os valores que permeiam a concepção de mundo de determinada sociedade representam os interesses da classe dominante. Ao serem estendidas às classes dominadas, como se fossem universais, ajudam a manter a dominação e o *status quo*. Desse modo, a ideologia camufla a luta de classes ao representar a sociedade como uma, harmônica e sem conflitos.

**Fetichismo.** De fetiche ou feitiço, objeto a que se atribui poder sobrenatural; no contexto, processo em que objetos inertes, sem vida, tornam-se "animados", "humanizados".

## » A crítica ao Estado

Marx avalia que a ideologia esconde o fato de que o Estado expressa os interesses da classe dominante. Trata-se de uma concepção negativa, segundo a qual o Estado perpetua as contradições sociais e só aparentemente visaria ao bem comum. Portanto, o Estado é um mal a ser extirpado.

Decorre desse pressuposto a necessidade da revolução, seguida por um Estado provisório, a *ditadura do proletariado*, período de fortalecimento da classe operária e de enfraquecimento da burguesia. Esta primeira fase corresponde ao socialismo, em que ainda persistem a burocracia e os aparelhos estatais, repressivo e jurídico. A segunda fase, chamada comunismo, define-se pela supressão da sociedade de classes e, finalmente, pelo desaparecimento do Estado.

O desenvolvimento prodigioso das forças produtivas levaria à "era da abundância", à supressão da divisão do trabalho em tarefas subordinadas (materiais) e tarefas superiores (intelectuais), à ausência de contraste entre cidade e campo e entre indústria e agricultura. Ou seja, essa fase se aproxima da utopia anarquista.

Veremos adiante como outros teóricos avaliaram a teoria marxista.

## 4 O anarquismo: principais ideias

É comum as pessoas relacionarem anarquismo com "caos", "bagunça". Na verdade, não se trata disso. O princípio que rege o anarquismo é a preferência por alternativas de organização voluntária em oposição ao Estado, considerado nocivo e desnecessário. Para os anarquistas, o Estado e a propriedade contribuíram em determinado momento histórico para o desenvolvimento humano, mas depois passaram a restringir sua emancipação. Além do Estado, os anarquistas repudiam a estrutura hierárquica da Igreja e defendem o ateísmo como condição de autonomia moral do ser humano, liberto dos dogmas e da noção de pecado.

O anarquismo está baseado na organização não coercitiva, regida pela cooperação e pela aceitação dos membros da comunidade. Na ausência de instituições autoritárias, as tendências cooperativas humanas não encontrariam impedimentos para florescer, se desenvolver e realizar a ordem social.

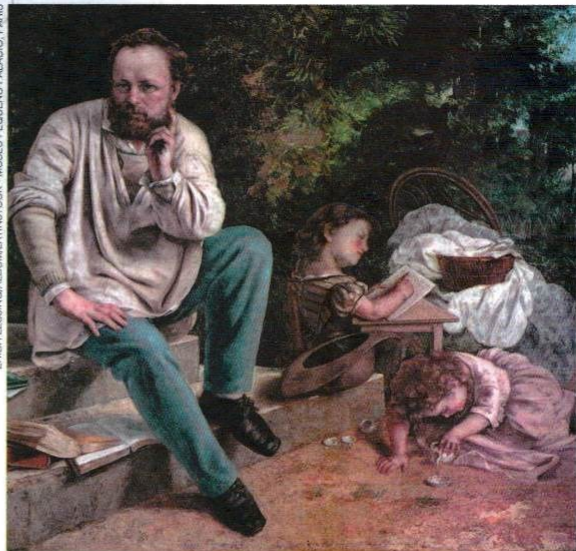
Na sociedade estatal, a ordem social é artificial, pois está estabelecida sobre uma pirâmide de poder, que define a estrutura da sociedade por meio de uma decisão hierárquica imposta de cima

para baixo. Na sociedade anarquista, com autodisciplina e cooperação voluntária, a ordem social se expressa naturalmente. Por isso, os anarquistas repudiam inclusive a criação de partidos, por prejudicarem a espontaneidade de ação, tendendo a se burocratizar e a centralizar o poder. Também temem as estruturas teóricas, que tendem a se tornar um corpo dogmático. O anarquismo, enfim, é mais conhecido como um movimento vivo e não tanto como doutrina.

A intenção dos movimentos anarquistas é inverter a pirâmide de poder do Estado por meio do princípio da descentralização, na forma mais direta de relação, como o contato "cara a cara". As decisões seriam tomadas nos núcleos vitais das relações sociais, ou seja, nos bairros e em locais de trabalho. Quando esse encontro não for possível, por envolver outros segmentos, devem ser criadas federações. O importante é manter contínua participação, colaboração e consulta direta entre as pessoas envolvidas.

### ETIMOLOGIA

**Anarquismo.** Do grego *an*, "sem", e *arkhé*, "princípio", "origem", "poder", ou seja, "sem governantes".



*Pierre-Joseph Proudhon e seus filhos em 1863* (1865), pintura de Gustave Coubert. Socialista utópico e crítico da propriedade capitalista e do autoritarismo dos comunistas, Proudhon teve contato com o anarquista Bakunin, que o considerava "o mestre de todos nós".